****

**Entre Dois Mundos: O Despertar de Geovana**

**Sinopse:**

Geovana Almeida, uma fotógrafa freelancer de 26 anos, leva uma vida comum em Luziânia, Goiás, tentando superar mais um relacionamento fracassado. Tudo muda quando ela visita uma exposição de artefatos antigos e sente uma inexplicável conexão com um misterioso medalhão. Após um roubo dramático do objeto e um encontro com o enigmático Rafael, Geovana descobre que não é quem pensava ser.

Na verdade, ela descende de uma antiga linhagem de Guardiões responsáveis pela conexão entre a Terra e Eldoria, um mundo paralelo de magia e beleza. O medalhão é a chave para reabrir os portais entre os mundos durante um raro evento astronômico chamado Convergência. Com o equilíbrio entre os mundos em risco de colapso, Geovana deve aceitar seu destino como a Última Guardiã.

Enquanto aprende a controlar seus poderes recém-descobertos sob a orientação de Rafael e do sábio Mestre Tobal, Geovana é perseguida pelo perigoso Davirian, líder dos Caçadores que deseja manter os mundos separados a qualquer custo. A situação complica-se quando ela descobre que Davirian é irmão de Rafael, revelando uma história de traição familiar e conflitos ideológicos.

Com o tempo se esgotando até a Convergência, Geovana e Rafael formam um poderoso vínculo energético que os conecta em um nível fundamental. Juntos, enfrentam Davirian em uma batalha épica durante a Convergência, conseguindo reestabelecer o equilíbrio entre os mundos ao custo de grandes sacrifícios.

No final, Geovana encontra seu verdadeiro lugar no universo – não pertencendo exclusivamente à Terra ou a Eldoria, mas servindo como uma ponte viva entre ambos, Ela embarca em uma nova vida explorando as possibilidades infinitas de dois mundos reconectados e o amor que transcende dimensões.

Uma história de autodescoberta, destino, equilíbrio e o poder transformador do amor que desafia as próprias barreiras da realidade.

**Capítulo 1: A Descoberta**

O sol se punha sobre Luziânia, pintando o céu com tonalidades de laranja e vermelho que se refletiam nas janelas dos prédios. Geovana Almeida observava a paisagem da sacada de seu apartamento, os cabelos loiros dançando com a brisa morna de fim de tarde. Aos 26 anos, ela possuía uma beleza que frequentemente atraía olhares — alta, com curvas delicadas e um porte que lembravam os das modelos que estampavam capas de revistas.

Mas naquela tarde, seus olhos azuis-esverdeados estavam perdidos no horizonte, refletindo a melancolia que carregava há semanas. O fim de seu relacionamento com Ricardo ainda doía, não tanto pelo amor que havia acabado há muito, mas pela repetição de um padrão que parecia persegui-la desde que deixara Mato Grosso três anos atrás.

"Mais um para a lista," murmurou para si mesma, tomando um gole do chá gelado que segurava. "Três relacionamentos, três desastres."

Seu telefone vibrou na mesa de centro. Era Mariana, sua única amiga verdadeira em Luziânia.

"E aí, vai ficar se lamentando até quando?" A voz animada de Mariana ecoou pelo aparelho. "Sexta-feira à noite e você trancada nesse apartamento!"

Geovana suspirou, passando os dedos pelos cabelos dourados.

"Mari, não estou com clima para festas. Você sabe disso."

"Quem falou em festa? Estou te convidando para um evento cultural, civilizado. A exposição no Centro Histórico, lembra? Aquela que te falei semana passada sobre artefatos indígenas e coloniais encontrados aqui na região."

Geovana hesitou. Trabalhar como fotógrafa freelancer lhe dava flexibilidade, mas também significava que passava muitos dias sem ver ninguém além dos clientes eventuais.

"Não sei..."

"Sei que você está deprimida por causa do babaca do Ricardo, mas ficar em casa não vai ajudar," insistiu Mariana. "Além disso, tem um objeto lá que você precisa ver. Juro que tem tudo a ver com aquela história que sua avó contava, sobre os portais mágicos."

A menção às histórias de sua avó despertou algo em Geovana. Nascida numa pequena comunidade rural no Mato Grosso, ela crescera ouvindo histórias fantásticas da avó Jurema sobre mundos paralelos e magia antiga que corria no sangue de sua família. Histórias que, como adulta, atribuía à imaginação fértil de uma senhora que vivera isolada por muito tempo.

"Você está usando golpes baixos, Mari," riu Geovana, a primeira risada genuína em dias.

"Vou passar aí em meia hora. Vista algo bonito. Quem sabe não encontramos algum curador bonitão para te fazer esquecer o Ricardo?"

Quarenta minutos depois, Geovana caminhava pelos corredores do pequeno museu temporário instalado no Centro Histórico de Luziânia. Usava um vestido simples de algodão azul que destacava a silhueta esbelta, os cabelos loiros presos num coque despretensioso que, mesmo assim, conferia-lhe um ar de elegância natural.

O local estava surpreendentemente cheio para uma exposição histórica numa cidade pequena. Mariana a guiava entre as vitrines, explicando animadamente sobre os artefatos encontrados durante escavações para a construção de um novo condomínio nas proximidades.

"Ali está!" Mariana apontou para uma vitrine no canto mais afastado da sala. "Aquele medalhão."

Geovana aproximou-se, sentindo uma estranha inquietação. Sob a luz discreta, repousava um medalhão de bronze envelhecido, do tamanho de um punho fechado. Possuía inscrições em uma língua desconhecida e, ao centro, uma pedra azul-turquesa que parecia emitir um brilho próprio.

"Olhe a descrição," sussurrou Mariana, apontando para a pequena placa informativa.

"Medalhão de origem desconhecida, encontrado em camadas geológicas incompatíveis com sua aparente idade. Estimado em mais de 500 anos, contém inscrições em língua não catalogada. A pedra central é de composição mineral desconhecida."

Geovana sentiu a boca secar. As histórias de sua avó Jurema vinham à tona — contos sobre "a joia do portal", um amuleto que permitiria a transição entre mundos para aqueles com o sangue antigo.

"É idêntico ao que minha avó descrevia," murmurou, inclinando-se para observar melhor o objeto. A pedra parecia pulsar, como se respondesse à sua presença.

"Eu disse!" Mariana sorriu triunfante. "Quando vi, lembrei na hora daqueles desenhos que você mostrou, os que sua avó tinha no diário dela."

A mente de Geovana fervilhava. Antes de falecer, sua avó havia lhe entregado um velho diário repleto de desenhos e anotações sobre magia e mundos paralelos. Jurema insistira que um dia Geovana entenderia sua herança, que havia mais em seu sangue do que ela poderia imaginar.

"Posso ajudá-las com alguma informação?" Uma voz grave e melodiosa interrompeu seus pensamentos.

Virando-se, Geovana deparou-se com um homem alto, de aproximadamente trinta anos, vestindo um terno bem cortado. Seus olhos, de um castanho quase dourado sob a luz ambiente, fitavam-na com intensidade desconcertante.

"Professor Henrique Mendes," apresentou-se, estendendo a mão. "Sou o curador responsável pela exposição."

Geovana apertou sua mão, sentindo uma estranha corrente de energia percorrer seu braço no momento do contato. O homem pareceu notar também, pois estreitou os olhos por um segundo antes de sorrir cordialmente.

"Geovana Almeida," respondeu ela, tentando manter a compostura. "Esta é minha amiga Mariana Peixoto."

"Estávamos justamente comentando sobre este medalhão," disse Mariana, lançando um olhar sugestivo para Geovana. "Minha amiga tem um interesse especial por ele."

Henrique cruzou os braços, estudando Geovana com renovado interesse.

"Mesmo? E o que exatamente lhe fascina neste artefato em particular, senhorita Almeida?"

Havia algo no tom dele, uma cautela disfarçada de curiosidade casual, que deixou Geovana alerta.

"A semelhança com histórias que minha avó contava," respondeu vagamente. "Ela era do Mato Grosso, de uma comunidade isolada, e tinha muitas lendas sobre objetos mágicos."

Por um instante, Geovana poderia jurar que viu um lampejo de reconhecimento nos olhos do professor.

"Interessante. Sua avó era de origem indígena?"

"Parcialmente. Descendente dos Bororos, pelo que sei."

Henrique acenou com a cabeça, como se confirmasse algo para si mesmo.

"Este medalhão tem desconcertado nossos pesquisadores. Foi encontrado em uma camada de solo que sugere que esteve enterrado por centenas de anos, mas sua composição e design... bem, digamos que não se encaixa em nenhuma cultura conhecida da região."

Ele fez uma pausa, olhando ao redor como se verificasse quem estava por perto, antes de continuar em voz mais baixa:

"Se sua avó tinha histórias sobre este objeto específico, eu adoraria ouvi-las. Sob uma perspectiva acadêmica, claro."

Mariana cutucou Geovana discretamente, sinalizando com os olhos que a oportunidade era perfeita.

"Talvez..." Geovana hesitou. "Talvez possamos discutir isso em outra ocasião? Tenho algumas anotações dela que podem ser relevantes."

O sorriso de Henrique se alargou, mas não alcançou seus olhos.

"Seria maravilhoso. Aqui está meu cartão." Ele retirou um cartão do bolso interno do paletó e entregou a ela. "Meu número pessoal está no verso."

Quando seus dedos se tocaram novamente ao receber o cartão, Geovana sentiu um calafrio. A sensação de que havia algo mais acontecendo intensificou-se.

"A exposição fecha às 22h, mas ficarei aqui até mais tarde organizando algumas coisas," comentou ele casualmente. "Se quiser voltar depois para uma visita mais... privada, para discutir suas teorias, ficaria honrado."

Antes que pudesse responder, um barulho ecoou pelo salão — o som de vidro quebrando seguido por gritos. Todos os presentes voltaram-se para o outro lado da sala, onde uma das vitrines havia sido derrubada. Em meio à confusão, um homem vestido completamente de preto, com o rosto coberto por uma máscara, moveu-se rapidamente entre os visitantes atônitos.

"Segurança!" gritou alguém.

Henrique imediatamente colocou-se à frente de Geovana num gesto protetor. "Fiquem aqui," ordenou, antes de correr em direção ao tumulto.

O homem mascarado, no entanto, não parecia interessado nos outros artefatos. Com movimentos precisos, ele aproximou-se da vitrine onde estava o medalhão, quebrou o vidro com um objeto metálico, e agarrou a peça.

Foi então que seu olhar cruzou com o de Geovana. Mesmo através da máscara, ela sentiu o impacto daquele olhar. O homem parou por um segundo, como se surpreso, e então fez algo inesperado: inclinou a cabeça em uma espécie de reverência na direção dela, antes de correr para a saída de emergência.

Os seguranças perseguiram-no, mas o caos já estava instalado. Visitantes corriam para todos os lados, alguns tentando registrar o momento com celulares, outros buscando abrigo.

"Precisamos sair daqui," disse Mariana, puxando o braço de Geovana. "Agora!"

Mas Geovana permaneceu imóvel, sentindo uma inexplicável conexão com o que acabara de acontecer. Sem pensar duas vezes, desvencilhou-se da amiga e correu na direção por onde o ladrão havia fugido, ignorando os chamados de Mariana.

"Geovana! Volta aqui! Você ficou maluca?"

O corredor lateral levava a uma porta de emergência que dava para um beco nos fundos do museu. Geovana empurrou a porta, deparando-se com a escuridão da noite apenas parcialmente iluminada por uma lâmpada distante.

"Onde você está?" murmurou para o escuro, sem saber por que sentia essa urgência de encontrar o homem mascarado.

Um movimento à sua direita fez com que ela se virasse rapidamente. Ali, meio oculto nas sombras, estava o homem. Ele ainda segurava o medalhão, que agora emitia um brilho azulado muito mais intenso do que na vitrine.

"Sabia que você me seguiria," disse ele, a voz alterada por algum dispositivo que a tornava irreconhecível. "O sangue chama o sangue."

Geovana deu um passo para trás. "Quem é você? O que quer comigo?"

"Não é o que quero de você, mas o que você precisa de mim." Ele estendeu a mão, oferecendo-lhe o medalhão. "Isto pertence a sua linhagem. Sua avó sabia. É hora de você descobrir também."

Confusa e assustada, Geovana hesitou. "Do que você está falando? Como conhece minha avó?"

"Não há tempo. Eles estão vindo, e não são apenas os seguranças." Ele olhou nervosamente para trás. "O professor não é quem diz ser. Ele te quer pelas mesmas razões que nós, mas com propósitos diferentes."

Sirenes soaram ao longe, aproximando-se.

"Pegue isso e procure o símbolo da lua crescente com três estrelas. Há respostas no diário da sua avó que você ainda não descobriu." Ele praticamente forçou o medalhão nas mãos dela. "Na primeira lua cheia, na pedra antiga da nascente do Rio Vermelho. Meia-noite."

No momento em que o medalhão tocou sua pele, Geovana sentiu uma onda de calor percorrer seu corpo. A pedra azul brilhou com intensidade cegante, e por um instante, ela jurou ver imagens — florestas estranhas, criaturas impossíveis, torres de cristal sob dois sóis.

"O que é isso?" ofegou, tentando soltar o objeto, mas descobrindo que seus dedos pareciam fundidos a ele.

"Seu legado, senhora dos portais." O homem recuou para as sombras. "Cuidado com quem confia. Nem todos os sorrisos escondem amizade."

Com essas palavras, ele desapareceu numa esquina do beco, deixando Geovana sozinha com o medalhão brilhante e mil perguntas explodindo em sua mente.

"Geovana!" A voz de Mariana ecoou pelo beco, seguida pelo som da porta de emergência se abrindo novamente. "Meu Deus, você está bem? O que aconteceu? O que é isso na sua mão?"

Rapidamente, Geovana escondeu o medalhão na bolsa, o coração batendo desenfreadamente.

"Nada," mentiu, surpresa com a facilidade com que as palavras saíram. "Eu... eu pensei ter visto para onde ele foi, mas perdi o rastro."

Mariana olhou-a com desconfiança. "Você está pálida."

"É só o susto," respondeu Geovana, já caminhando de volta para a entrada do beco. "Vamos embora antes que a polícia comece a interrogar todo mundo."

Enquanto se afastavam do local, Geovana podia sentir o peso do medalhão em sua bolsa, como se fosse muito mais pesado que seu tamanho sugeria. Na sua mente, as palavras do estranho se repetiam incessantemente.

"O sangue chama o sangue... Seu legado, senhora dos portais..."

O que sua avó Jurema realmente sabia? E mais importante: o que ela, Geovana, deveria descobrir agora?

Ao virar a esquina, ela notou uma figura observando-a da calçada oposta. O professor Henrique, com uma expressão ilegível no rosto, falava ao telefone enquanto a observava com intensidade. Quando seus olhares se cruzaram, ele sorriu e fez um pequeno aceno, mas havia algo predatório naquele gesto que fez Geovana apressar o passo.

Ela não sabia no que estava se metendo, mas tinha certeza de que sua vida em Luziânia nunca mais seria a mesma.

**Capítulo 2: O Diário Revelado**

Geovana trancou a porta de seu apartamento e encostou-se nela, respirando pesadamente. Mariana havia insistido em acompanhá-la até em casa após o incidente no museu, preocupada com seu estado abalado. Foi preciso toda sua capacidade de persuasão para convencer a amiga de que estava bem e precisava apenas descansar.

"Finalmente sozinha," murmurou, caminhando até a sala escura.

Sem acender as luzes principais, guiou-se apenas pela claridade que vinha da janela — a lua quase cheia brilhava intensamente naquela noite, projetando sombras alongadas pelos móveis. Sua mão tremia levemente quando retirou o medalhão da bolsa.

O objeto parecia mais pesado do que deveria, com um brilho tênue emanando da pedra central que pulsava como se estivesse viva. As inscrições em sua borda, incompreensíveis à primeira vista, pareciam mudar sutilmente sob seu olhar.

"O que você é?" sussurrou, girando o medalhão entre os dedos.

Uma sensação estranha a invadiu — como se o objeto estivesse avaliando-a. Num impulso, Geovana foi até seu quarto e retirou de uma caixa de madeira entalhada, escondida no fundo do guarda-roupa, um velho livro encadernado em couro. O diário de sua avó Jurema.

Sentando-se à mesa da cozinha, sob a luz da lua que entrava pela janela, abriu o diário. Já o tinha lido várias vezes antes, mas sempre o considerara uma coleção de contos folclóricos e devaneios místicos da avó. Agora, com o medalhão ao lado, as páginas pareciam diferentes.

Folheou até encontrar o desenho que procurava — um esboço detalhado de um medalhão quase idêntico ao que agora possuía. Ao lado, anotações na caligrafia delicada de Jurema:

"O Amuleto de Eldoria, a chave dos mundos. Apenas quem carrega o sangue dos Guardiões pode ativá-lo. A pedra azul é uma lágrima de Astranis, cristalizada no momento em que os mundos foram separados. Quando as três luas se alinharem, os portais podem ser abertos novamente."

Geovana franziu a testa. Três luas? Astranis? Eldoria? Termos que sempre tinha considerado pura fantasia.

Virou a página e deparou-se com um símbolo que nunca havia notado antes — uma lua crescente com três estrelas dispostas em triângulo em seu interior. O mesmo símbolo mencionado pelo homem mascarado.

Abaixo do símbolo, uma anotação que fez seu coração acelerar:

"Os Viajantes se reúnem sob este signo. Procure-os quando a verdade se revelar, Geovana. Sei que um dia você lerá isto com novos olhos."

Seu nome, escrito pela avó décadas antes, como se Jurema soubesse exatamente o que aconteceria.

"Como você sabia?" murmurou, passando os dedos sobre a escrita desbotada.

Continuou folheando o diário, descobrindo páginas que pareciam ter sido escritas em uma língua estranha — a mesma das inscrições no medalhão. Curiosamente, algumas palavras agora pareciam fazer sentido para ela, como se despertassem conhecimentos enterrados em sua mente.

Uma página chamou sua atenção especialmente. Mostrava um mapa que, após alguns momentos de estudo, Geovana reconheceu como sendo da região de Luziânia, mas com marcações e referências diferentes. Um ponto específico estava destacado — próximo à nascente do Rio Vermelho, uma formação rochosa marcada com o símbolo da lua crescente e três estrelas.

"A pedra antiga da nascente do Rio Vermelho," sussurrou, recordando as palavras do homem mascarado.

Ao virar mais algumas páginas, encontrou um relato que a fez congelar:

"Minha neta terá o dom. Vi em meus sonhos. Geovana será a última da linhagem com força suficiente para reabrir os caminhos. Os Caçadores a procurarão quando o tempo chegar. O professor será o primeiro a encontrá-la, mas seus objetivos não são puros. Ela deve confiar apenas no Guardião marcado pelas chamas."

Um arrepio percorreu sua espinha. O professor... seria Henrique Mendes? As coincidências eram muitas para ignorar.

Enquanto contemplava essas revelações, o medalhão começou a brilhar mais intensamente. A pedra azul emanava uma luz que preencheu o apartamento com reflexos aquáticos, como se estivesse submersa.

Instintivamente, Geovana pegou o objeto. No momento em que seus dedos tocaram a superfície metálica, uma dor aguda atravessou sua palma. Uma pequena gota de sangue escorreu de um corte que não existia segundos antes, caindo diretamente sobre a pedra azul.

O medalhão vibrou, a luz intensificando-se a ponto de cegá-la momentaneamente. Quando conseguiu abrir os olhos novamente, Geovana soltou um grito abafado.

Em pé, na sala de seu apartamento, estava uma figura translúcida — uma mulher idosa que ela reconheceria em qualquer lugar.

"Vovó Jurema?" sua voz saiu quase inaudível, mesclando choque e descrença.

A figura sorriu com ternura. Não parecia um fantasma, mas uma projeção, como um holograma feito de luz azulada.

"Minha querida Geovana," a voz soava distante, como vinda através de um túnel. "Se você está me vendo agora, significa que o tempo chegou e o medalhão a encontrou."

"Como... como isso é possível?" balbuciou Geovana, tentando tocar a aparição, mas seus dedos atravessaram a imagem.

"Não temos muito tempo. Esta é apenas uma mensagem que preparei, um eco da minha consciência preservado no amuleto." A figura de Jurema olhou ao redor, como se pudesse ver o apartamento. "Você está em perigo, minha filha. Os Caçadores sentem quando o sangue dos portais desperta, e eles virão atrás de você."

"Caçadores? Vovó, eu não entendo nada disso!"

A imagem de Jurema pareceu ficar momentaneamente mais fraca. "Você não é apenas deste mundo, Geovana. Nossa família descende dos Viajantes de Eldoria, guardiões dos portais entre as dimensões. O mundo de onde viemos está em guerra há muitos séculos, e os poucos que conseguiram fugir para este mundo tentaram selar os portais para sempre."

Geovana sentou-se, sentindo as pernas fraquejarem.

"Você está dizendo que somos... alienígenas?"

A figura de Jurema sorriu com tristeza. "Somos tão terrestres quanto qualquer um, apenas com raízes mais distantes. Eldoria é uma dimensão paralela, não outro planeta. E agora, as barreiras entre os mundos estão enfraquecendo."

"Por que eu? Por que agora?"

"Porque você é a última com poder suficiente para controlar os portais. Seu dom ficou adormecido, mas os sinais sempre estiveram lá — seus sonhos vívidos com lugares que nunca visitou, sua conexão inexplicável com a natureza, sua capacidade de sentir as emoções dos outros."

Geovana piscou surpresa. Era verdade. Sempre teve sonhos intensos com florestas estranhas e céus com duas luas, sempre soube instintivamente quando tempestades estavam chegando, sempre conseguiu perceber quando as pessoas mentiam.

"Os Caçadores são Eldorianos que acreditam que os portais devem permanecer fechados para sempre, a qualquer custo," continuou Jurema. "Os Viajantes, por outro lado, acreditam que o equilíbrio natural exige que os mundos possam se comunicar. Ambos os lados a procurarão."

"E o professor? Quem é ele?"

A imagem de Jurema tremulou. "Henrique Mendes não é o nome verdadeiro dele. Ele é um Caçador, um dos mais perigosos. Seduz com palavras e manipula com promessas, mas seu objetivo é eliminar qualquer possibilidade de os portais serem reabertos."

"E o homem mascarado?"

"O Guardião marcado pelas chamas." Jurema sorriu misteriosamente. "Alguém do seu passado e do seu futuro. Confie nele, apesar das aparências."

A projeção começou a desvanecer.

"Vovó, não vá! Tenho tantas perguntas!" Geovana tentou desesperadamente tocar a imagem que se dissolvia.

"Na noite da lua cheia, vá até a pedra antiga. Os Viajantes a encontrarão lá. Leve o diário... a segunda metade está escrita na língua antiga, mas você começará a entendê-la à medida que seus poderes despertarem."

A imagem de Jurema estava quase transparente agora.

"Uma última coisa," disse a voz, agora apenas um sussurro. "O professor não está sozinho. Ele tem aliados em Luziânia, observando você há anos. Sua amiga Mariana—"

A projeção desapareceu completamente antes de terminar a frase, deixando Geovana em estado de choque.

"Mariana?" repetiu, incrédula. "O que tem Mariana?"

O silêncio foi sua única resposta.

De repente, o telefone tocou, fazendo-a pular. Na tela, o nome de Mariana piscava.

Geovana encarou o aparelho com nova desconfiança. Seria coincidência sua amiga ligar justamente neste momento?

Com o coração acelerado, atendeu.

"Oi Mari," disse, tentando soar casual.

"Geovana! Graças a Deus você atendeu!" A voz de Mariana soava genuinamente aflita. "Estou na frente do seu prédio. Preciso falar com você urgentemente. É sobre o que aconteceu no museu... tem pessoas te procurando!"

A mente de Geovana trabalhava freneticamente. Deveria confiar em Mariana? A imagem de sua avó ia alertá-la sobre algo relacionado à amiga.

"Que pessoas?" perguntou cautelosamente.

"Não posso explicar por telefone. Por favor, me deixa subir. É sério!"

Enquanto considerava suas opções, Geovana aproximou-se da janela e espiou discretamente para a rua. Seu sangue gelou. Lá embaixo, viu Mariana de pé próxima à entrada do prédio, parecendo nervosa. Mas não estava sozinha. Na esquina, parcialmente oculto por uma árvore, estava uma figura familiar — o professor Henrique, observando o prédio como um predador vigilante.

"Mari..." Geovana respirou fundo, tomando uma decisão instantânea. "Estou indo para aí. Espere mais cinco minutos."

Desligou o telefone rapidamente e correu para o quarto. Em menos de dois minutos, jogou algumas roupas, documentos essenciais, o diário de sua avó e o medalhão em uma mochila. Pegou todo o dinheiro que tinha guardado e colocou no bolso interno do casaco.

Em vez de descer pelo elevador, optou pela escada de incêndio nos fundos do prédio. Se o professor estava na frente, provavelmente haveria outros vigiando as saídas principais.

Enquanto descia apressadamente os degraus, sua mente trabalhava no que fazer a seguir. Uma ideia formou-se — havia um hotel pequeno e discreto perto da rodoviária onde poderia passar a noite sem levantar suspeitas. A partir daí, precisava descobrir onde ficava exatamente a tal pedra antiga na nascente do Rio Vermelho e como chegar lá na noite da lua cheia... que, pelo que se lembrava do calendário, seria em apenas três dias.

Ao chegar ao térreo pelos fundos, esgueirou-se por entre os carros no estacionamento, mantendo-se abaixada. Conseguiu alcançar a rua paralela sem ser vista e caminhou rapidamente para longe do prédio.

Quando já estava a três quarteirões de distância, seu telefone vibrou novamente. Era uma mensagem de Mariana:

"Onde você está? Estão entrando no prédio!"

Geovana não respondeu. Em vez disso, desligou o aparelho, removeu o chip e a bateria, como havia aprendido em um thriller de espionagem que assistira recentemente. Não sabia se isso realmente impediria que a rastreassem, mas era melhor que nada.

Enquanto caminhava em direção à rodoviária, tentava processar tudo o que havia descoberto nas últimas horas. Sua vida normal havia desmoronado em questão de instantes. Era agora uma fugitiva, perseguida por pessoas — ou seres — de outro mundo, carregando um artefato mágico e com poderes latentes que mal compreendia.

"Vovó Jurema," sussurrou para a noite, "você poderia ter me preparado um pouco melhor para isso."

Uma leve brisa soprou, balançando seus cabelos loiros, e por um momento, Geovana jurou sentir o perfume característico de ervas que sempre associava à sua avó. Talvez fosse apenas sua imaginação, mas serviu como um estranho conforto enquanto se dirigia para um destino incerto e para uma aventura que nunca pediu, mas que aparentemente estava destinada a enfrentar.

O que ela não notou foram os olhos dourados que a observavam do alto de um prédio, pertencentes a uma figura mascarada que a seguia silenciosamente pelos telhados, protegendo-a à distância.

**Capítulo 3: O Guardião das Chamas**

O Hotel Viajante era exatamente como Geovana esperava: pequeno, discreto e com um recepcionista sonolento que mal levantou os olhos quando ela se registrou sob o nome falso de "Laura Santos" e pagou em dinheiro por três noites. O quarto era simples, com uma cama de solteiro, um banheiro minúsculo e cortinas desbotadas que bloqueavam parcialmente a luz dos postes da rua.

Fechou a porta atrás de si, passou a corrente e empurrou a pequena cômoda contra a entrada como precaução adicional. Só então permitiu-se respirar profundamente, sentindo o peso do dia desabar sobre seus ombros.

"O que eu estou fazendo?" murmurou para si mesma, sentando-se na beirada da cama. Suas mãos tremiam levemente enquanto abria a mochila e retirava o medalhão.

Sob a luz amarelada do abajur, o objeto parecia menos mágico, mais como uma antiguidade curiosa. A pedra azul mantinha apenas um brilho tênue, como se estivesse adormecida. Geovana tocou-a cautelosamente, esperando alguma reação, mas nada aconteceu.

"Funcionou uma vez," murmurou. "Por que não agora?"

Lembrou-se da gota de sangue que havia ativado a projeção de sua avó. Hesitante, pressionou o polegar contra a borda afiada do medalhão até sentir uma picada e ver surgir uma pequena gota de sangue. Deixou-a cair sobre a pedra.

Nada.

Frustrada, colocou o medalhão de lado e pegou o diário de Jurema. Folheando-o novamente, percebeu algo que não havia notado antes—algumas páginas pareciam ter sido escritas com uma tinta que agora brilhava sutilmente, como se respondesse à sua presença. As palavras estavam em uma língua estranha, mas surpreendentemente, algumas frases começavam a fazer sentido para ela.

"Na'estrella va'lumen, portalis abritos," leu em voz baixa, sentindo as palavras estranhas rolarem em sua língua como se sempre as tivesse conhecido. "Quando a estrela brilha, os portais se abrem."

Um ruído no corredor a fez congelar. Passos lentos aproximavam-se de sua porta, parando exatamente em frente ao seu quarto. Geovana prendeu a respiração, rapidamente guardando o diário e o medalhão na mochila e procurando algo que pudesse usar como arma. Encontrou apenas um abajur de mesa com base metálica.

Os passos ficaram imóveis por longos segundos, e então, um pedaço de papel deslizou por baixo da porta. Os passos afastaram-se novamente, desaparecendo no fim do corredor.

Cautelosamente, Geovana aproximou-se e pegou o papel dobrado. Dentro havia uma mensagem escrita à mão:

"Telhado. Agora. Não confie em ninguém mais."

Não estava assinado, mas ao lado da mensagem havia um pequeno símbolo desenhado—uma lua crescente com três estrelas.

Seu coração acelerou. O símbolo dos Viajantes. Alguém a havia encontrado.

Por um momento, considerou ignorar a mensagem. Poderia ser uma armadilha. Mas se fossem realmente os Viajantes, pessoas que poderiam explicar tudo o que estava acontecendo...

Decidindo-se, pegou sua mochila, checou o corredor vazio e dirigiu-se para as escadas de emergência. O hotel tinha apenas quatro andares, e logo alcançou a porta que dava acesso ao telhado. Estava destrancada.

A noite de Luziânia estendia-se ao seu redor, um tapete de luzes sob o céu estrelado. A lua, quase cheia, iluminava o terraço com uma claridade prateada. À primeira vista, parecia estar sozinha.

"Olá?" chamou hesitante.

"Você veio." Uma voz familiar soou atrás dela.

Geovana virou-se rapidamente. Recostado contra a caixa d'água estava um homem alto que usava uma jaqueta de couro escura. Seu rosto estava parcialmente nas sombras, mas ela reconheceu a voz.

"Você é o homem do museu," afirmou, mantendo distância. "O que roubou o medalhão."

Ele deu um passo à frente, entrando na luz da lua. Era mais jovem do que Geovana imaginava, talvez com trinta anos, com feições fortes e definidas. Seus cabelos escuros estavam cortados curtos, e seus olhos, de um dourado âmbar incomum, pareciam brilhar na penumbra. Mas o que mais chamou a atenção de Geovana foi a cicatriz que marcava o lado direito de seu rosto—uma marca que lembrava uma chama, descendo da têmpora até a mandíbula.

"O Guardião marcado pelas chamas," sussurrou, lembrando-se das palavras de sua avó.

Ele arqueou uma sobrancelha, parecendo surpreso. "Jurema conseguiu enviar sua mensagem, então."

"Você conheceu minha avó?" Geovana deu um passo à frente, curiosidade superando o medo.

"Trabalhei com ela por anos." Ele estendeu a mão. "Meu nome é Rafael, mas em Eldoria me chamam de Aranir."

Geovana aceitou o aperto de mão, sentindo um estranho calor emanar do contato. "Como sabia que eu estava aqui?"

"Tenho te observado há muito tempo, desde que chegou a Luziânia." Vendo a expressão assustada dela, emendou: "Não dessa forma. Jurema me pediu para garantir sua segurança quando chegasse o momento. E já faz três anos que venho cumprindo essa promessa."

"Três anos? Você me observa há três anos?" A indignação coloriu sua voz. "Por que nunca se aproximou? Por que todo esse teatro no museu?"

Rafael—ou Aranir—passou a mão pelos cabelos, parecendo genuinamente desconfortável. "Não era o momento certo. O poder em você estava adormecido, e quanto menos soubesse, mais segura estaria. Mas tudo mudou quando Henrique Mendes chegou à cidade há seis meses."

"O professor do museu."

"Ele não é um professor. É Davirian, um dos mais perigosos Caçadores de Eldoria." O rosto de Rafael endureceu. "Conseguiu rastrear a energia do medalhão e armou toda aquela exposição para atraí-lo. O que ele não esperava era que você também seria atraída."

Geovana cruzou os braços, processando a informação. "E por isso você roubou o medalhão? Para entregá-lo a mim?"

"Para devolvê-lo a você," corrigiu ele. "O medalhão pertence à sua linhagem. Foi sua bisavó, Estelar, quem o trouxe de Eldoria quando fugiu da Grande Purga. Por gerações, as mulheres de sua família o protegeram."

Um calafrio percorreu a espinha de Geovana enquanto uma memória distante surgia—sua avó Jurema mostrando-lhe, quando criança, um objeto brilhante e fazendo-a prometer nunca falar sobre ele com ninguém. Uma memória que havia sido enterrada até agora.

"Por que não me lembrava disso antes?" murmurou, mais para si mesma.

"Jurema realizou um pequeno encantamento para proteger suas memórias," explicou Rafael. "Um véu que só se ergueria quando você tocasse o medalhão novamente."

Geovana balançou a cabeça, tentando organizar seus pensamentos. "E o que acontece agora? Os Caçadores estão atrás de mim, não é? Por isso Mariana estava com Henrique?"

Um lampejo de surpresa cruzou o rosto de Rafael. "Você viu os dois juntos?"

"Da minha janela. Ela me ligou, dizendo que estava em frente ao prédio, precisando falar comigo urgentemente. Quando olhei, Henrique estava por perto, observando."

Rafael soltou um suspiro pesado. "Mariana não é uma Caçadora."

"Então o que ela é?"

"Ela é como eu. Uma Viajante." Ele fez uma pausa, vendo a confusão no rosto de Geovana. "Ela foi designada para se aproximar de você, tornar-se sua amiga e protegê-la quando necessário."

O choque fez Geovana recuar um passo. "Está dizendo que nossa amizade, todos estes anos... foi uma mentira? Uma missão?"

"Não." Rafael aproximou-se, seus olhos âmbar intensos. "A amizade é real. Mariana realmente se importa com você. Mas ela também tinha um dever. Assim como eu."

"E qual é o seu dever?" perguntou Geovana, a voz mais afiada do que pretendia.

"Preparar você para o que está por vir." Ele estendeu a mão, mostrando uma palma marcada por uma cicatriz semelhante à de seu rosto, em forma de chama. "E ensinar você a usar seus poderes antes da Convergência."

"Convergência?"

"Em três noites, quando a lua estiver completamente cheia, ocorrerá um fenômeno raro—as três luas de Eldoria e a lua da Terra estarão alinhadas. Os véus entre os mundos ficarão mais finos, e os portais antigos poderão ser reativados."

"E isso é bom ou ruim?"

Rafael sorriu levemente. "Depende de qual lado você está."

Antes que pudesse elaborar, o som de uma porta se abrindo no telhado fez ambos virarem-se alarmados. Mariana emergiu das sombras, ofegante como se tivesse corrido.

"Eles encontraram você," disse ela sem preâmbulo. "Henrique rastreou o medalhão. Estão cercando o hotel agora."

Rafael praguejou baixo, movendo-se rapidamente para a borda do telhado. Geovana seguiu-o e viu com horror três carros pretos estacionando em frente ao hotel. Homens e mulheres em roupas escuras saíam dos veículos, todos com um movimento coordenado e preciso que denunciava treinamento.

"Caçadores," murmurou Rafael. "Pelos menos seis deles."

"Como eles me rastrearam tão rápido?" perguntou Geovana, o pânico começando a crescer.

"O medalhão," explicou Mariana, aproximando-se. "Quando ativado por seu sangue, ele emite uma energia que os Caçadores podem detectar."

Geovana olhou para a amiga—ou a mulher que pensava ser sua amiga—com novos olhos. Mariana parecia a mesma de sempre: cabelos castanhos cacheados, olhos escuros expressivos, rosto sardento. Difícil acreditar que era uma... alienígena? Viajante dimensional?

"Por que você está aqui, Mari?" perguntou, a voz trêmula. "Para me entregar a eles?"

O rosto de Mariana registrou mágoa genuína. "Não. Vim te avisar. E ajudar vocês a escaparem." Ela estendeu uma mão para Geovana. "Sei que você tem muitas perguntas e que se sente traída. Mas neste momento, precisa confiar em mim. Em nós."

Geovana hesitou, olhando de Mariana para Rafael. O homem assentiu levemente, seus olhos âmbar transmitindo uma segurança silenciosa.

"Como saímos daqui?" perguntou finalmente, aceitando a mão de Mariana.

Rafael moveu-se para o outro lado do telhado. "Por aqui. Temos um veículo esperando a dois quarteirões."

"E se nos virem saindo?" Geovana perguntou, seguindo-o.

"Não verão," respondeu Mariana com um sorriso enigmático. Ela retirou do bolso um pequeno cristal roxo e murmurou palavras numa língua estranha—a mesma que Geovana havia começado a entender no diário. O cristal brilhou intensamente e, ao redor deles, o ar pareceu ondular como num dia de calor extremo.

"O que você fez?" perguntou Geovana, maravilhada.

"Um véu de dissimulação," explicou Rafael. "Não nos torna invisíveis, mas desvia a atenção. Ninguém olhará diretamente para nós, a menos que façamos algo drástico para chamar atenção."

Ele guiou-as para uma escada de incêndio externa. Desceram rapidamente, Rafael na frente verificando cada nível antes de prosseguirem. Quando alcançaram o beco escuro atrás do hotel, viram dois Caçadores passando pela entrada, falando em comunicadores.

"Mantenham-se abaixadas e em silêncio," sussurrou Rafael. "O véu funciona melhor quando não estamos em movimento brusco."

Deslizaram silenciosamente pelo beco, mantendo-se nas sombras. Geovana podia sentir seu coração batendo tão forte que temia que o som a denunciasse. Em sua mochila, o medalhão parecia pulsar em sincronia com seus batimentos.

Ao chegarem ao fim do beco, Rafael fez sinal para virarem à esquerda, em direção a uma rua paralela menos iluminada. Foi quando uma voz conhecida os congelou.

"Procurando uma rota de fuga?"

Henrique Mendes—ou Davirian, como Rafael o havia chamado—estava parado na entrada do beco, bloqueando o caminho. Diferente de sua aparência no museu, agora vestia roupas totalmente pretas e segurava algo que parecia uma adaga curva com inscrições luminosas na lâmina.

"Como...?" começou Mariana, olhando para o cristal em sua mão, que agora estava opaco.

"Tecnologia supera magia básica, querida." Henrique sorriu friamente, erguendo um pequeno dispositivo metálico. "Detector de anomalias energéticas. Seu pequeno truque pode enganar olhos humanos, mas não nossos equipamentos."

Rafael empurrou gentilmente Geovana para trás dele. "Vá com Mariana," sussurrou. "Eu o distraio."

"Não vou deixar você—"

"Não é hora para heroísmo," cortou ele. "Você é mais importante que qualquer um de nós."

Antes que pudesse protestar novamente, Rafael avançou em direção a Henrique. Seus movimentos eram fluidos e precisos, como de um lutador treinado. Do interior de sua jaqueta, sacou uma arma que Geovana não reconheceu—um bastão metálico que, ao ser empunhado, estendeu-se e acendeu em uma ponta com um fogo azul brilhante.

"Ah, o famoso Aranir e seu bastão de chamas," comentou Henrique, assumindo uma postura defensiva com sua adaga. "Pensei que tivesse morrido na última incursão."

"Boatos do meu falecimento foram um tanto... exagerados," respondeu Rafael com um sorriso tenso.

Os dois homens começaram a circular um ao outro. Henrique moveu-se primeiro, a adaga cortando o ar com precisão letal. Rafael desviou, seu bastão traçando um arco azul brilhante na escuridão do beco.

Mariana puxou o braço de Geovana. "Temos que ir. Agora!"

"Mas Rafael—"

"Ele sabe o que está fazendo. E se você for capturada, tudo estará perdido."

Com relutância, Geovana deixou-se guiar por Mariana para o outro extremo do beco, enquanto atrás delas o som de metal contra metal e flashes de luz azul indicavam a intensidade do combate.

Correram por ruelas escuras, zigzagueando entre ruas secundárias de Luziânia. Geovana havia perdido completamente o senso de direção quando finalmente Mariana a puxou para dentro de uma garagem aberta onde um jipe antigo estava estacionado.

"Entre," ordenou Mariana, pulando para o banco do motorista. "Rápido!"

Assim que Geovana fechou a porta, Mariana acelerou, saindo para a rua com os faróis apagados. Só os acendeu quando já estavam a algumas quadras de distância.

"Para onde estamos indo?" perguntou Geovana, olhando nervosamente pelo retrovisor.

"Para a nascente do Rio Vermelho," respondeu Mariana, concentrada na direção. "A pedra antiga. É o ponto de encontro dos Viajantes e o local mais seguro para você agora."

"Mas e Rafael? Não podemos simplesmente deixá-lo para trás!"

Mariana lançou-lhe um olhar compreensivo. "Rafael é o Guardião das Chamas. Se alguém pode lidar com Davirian, é ele."

"E se ele não conseguir?" A voz de Geovana tremeu ligeiramente.

"Então precisamos nos apressar ainda mais," respondeu Mariana, acelerando o veículo.

Enquanto o jipe deixava os limites da cidade e entrava em uma estrada secundária que serpenteava em direção ao interior, Geovana olhou pela janela para o céu, onde a lua quase cheia iluminava a paisagem. Em apenas três noites, segundo Rafael, ocorreria a Convergência. Três noites para entender seus poderes, descobrir seu papel nesta história e, possivelmente, determinar o destino de dois mundos.

Com a mão, tocou o medalhão dentro da mochila, sentindo seu pulso constante como uma promessa silenciosa de que, para o bem ou para o mal, sua vida nunca mais seria a mesma.

O que Geovana não sabia era que, enquanto deixavam Luziânia para trás, uma figura solitária observava o jipe da cobertura de um prédio, o bastão de chamas azuis ainda aceso em uma mão, enquanto a outra pressionava um ferimento no ombro. Rafael havia conseguido escapar do confronto com Henrique, mas não ileso. E agora, enquanto os Caçadores reagrupavam-se para a perseguição, ele teria que encontrar outro caminho para chegar à pedra antiga antes da Convergência.

Em seu bolso, um pequeno cristal comunicador pulsava com uma mensagem recebida da Assembleia dos Viajantes: "A Última Guardiã foi encontrada. A Profecia está em movimento. O Portal deve ser aberto."

**Capítulo 4: Segredos Ancestrais**

O jipe sacudia violentamente na estrada de terra, iluminado apenas pelos faróis que cortavam a escuridão da noite. Haviam deixado a rodovia principal há cerca de vinte minutos, seguindo por caminhos cada vez mais estreitos e abandonados. A vegetação do cerrado tornava-se mais densa à medida que avançavam, com árvores retorcidas projetando sombras fantasmagóricas sob o luar.

Geovana segurava-se firmemente ao painel, dividindo sua atenção entre o caminho à frente e o retrovisor, temendo ver faróis de perseguidores a qualquer momento.

"Como você consegue enxergar nessa escuridão?" perguntou, depois que Mariana desviou habilmente de um tronco caído que Geovana mal havia percebido.

"Visão aprimorada," respondeu a amiga sem tirar os olhos da estrada. "Uma das pequenas vantagens de ser meio Eldoriana."

Geovana estudou o perfil de Mariana — o mesmo rosto sardento e familiar que conhecia há anos, mas agora via com novos olhos.

"Meio Eldoriana?"

Mariana assentiu. "Meu pai era daqui, minha mãe de lá. Como você, na verdade, só que no seu caso a linhagem Eldoriana vem de muitas gerações atrás, mais diluída, mas também mais... potente."

"E por todo esse tempo você fingiu ser apenas..."

"Uma pessoa normal?" Mariana completou, com um sorriso triste. "Não estava fingindo completamente. Esta é minha vida também. Nasci aqui, cresci aqui. Apenas... sabia mais do que deixava transparecer."

O silêncio pesou entre elas por alguns momentos, cheio de perguntas não formuladas e explicações pendentes.

"Por que Luziânia?" perguntou finalmente Geovana. "De todos os lugares, por que fui parar justamente na cidade onde vocês estavam?"

Mariana reduziu a velocidade ao aproximarem-se de uma bifurcação quase imperceptível, optando pelo caminho da direita.

"Não foi coincidência," admitiu. "Quando você decidiu se mudar de Cuiabá, os Viajantes... influenciaram certos acontecimentos. Aquela oferta de emprego como fotógrafa para a revista local? O apartamento que estava 'surpreendentemente disponível' por um preço tão acessível?"

Geovana sentiu um arrepio percorrer sua espinha. "Vocês manipularam minha vida inteira?"

"Não manipulamos," corrigiu Mariana, sua voz suavizando. "Protegemos. Guiamos. Sua avó Jurema previu que você precisaria estar em Luziânia quando o tempo chegasse. Esta região... é especial."

"Especial como?"

"Estamos quase chegando. Você vai entender."

O jipe contornou uma elevação e começou a descer por um vale estreito. A vegetação abriu-se subitamente, revelando uma clareira banhada pelo luar. No centro, um afloramento de rochas formava uma espécie de altar natural, de onde brotava uma pequena nascente — a origem do Rio Vermelho.

Mariana desligou o motor e os faróis. O silêncio da noite engolfou-as, interrompido apenas pelo suave borbulhar da água e o canto distante de insetos noturnos.

"Chegamos," anunciou, abrindo a porta. "A Pedra Antiga dos Viajantes."

Geovana saiu do veículo, sentindo imediatamente algo diferente no ar — uma energia sutil que parecia vibrar ao redor dela, fazendo os pelos de seus braços arrepiarem. O medalhão em sua mochila pulsava mais intensamente, como se respondesse a algo no ambiente.

"O que é este lugar?" perguntou, aproximando-se lentamente da formação rochosa.

"Um nexo," respondeu Mariana. "Um ponto onde as barreiras entre os mundos são naturalmente mais finas. Existem poucos destes na Terra, e este é um dos mais antigos conhecidos pelos Viajantes."

À medida que se aproximava do centro da clareira, Geovana notou entalhes nas rochas — símbolos antigos que se assemelhavam àqueles do diário de sua avó. Alguns pareciam brilhar tenuemente sob o luar, como se contivessem minúsculas partículas luminosas.

"Os primeiros Viajantes que chegaram à Terra marcaram este local," explicou Mariana, seguindo-a. "Há mais de mil anos."

Geovana alcançou a maior das rochas, onde a água cristalina brotava de uma fenda e escorria formando um pequeno córrego. Acima da nascente, entalhado na pedra, estava o símbolo da lua crescente com três estrelas.

"É lindo," murmurou, estendendo a mão para tocar o símbolo.

No momento em que seus dedos fizeram contato com a pedra, uma onda de energia percorreu seu corpo. Imagens invadiram sua mente — fragmentos de memórias que não lhe pertenciam. Viu pessoas em vestes estranhas realizando algum tipo de ritual naquele mesmo local; viu o céu noturno com três luas de tamanhos diferentes; viu uma cidade de torres cristalinas sob um céu roxo-alaranjado; e por fim, viu sua avó Jurema, muito mais jovem, segurando o medalhão sobre aquela mesma pedra, enquanto lágrimas corriam por seu rosto.

Geovana afastou-se bruscamente, ofegante.

"O que foi isso?" sussurrou, olhando para sua mão como se pertencesse a outra pessoa.

"Memórias ancestrais," respondeu uma voz masculina atrás delas.

Ambas viraram-se alarmadas. Ali, emergindo das sombras entre as árvores, vinha um homem idoso apoiado em um cajado de madeira entalhada. Seu rosto enrugado exibia uma barba branca bem aparada, e seus olhos, de um azul profundo e brilhante, pareciam conter a sabedoria de séculos.

"Mestre Tobal!" exclamou Mariana, visivelmente aliviada. "Você conseguiu chegar."

"Não perderia este encontro por nada, criança." O idoso sorriu, aproximando-se com passos surpreendentemente firmes para alguém de sua idade aparente. Seus olhos fixaram-se em Geovana. "Finalmente nos conhecemos, Última Guardiã."

Geovana franziu o cenho, ainda abalada pela experiência. "Quem é você?"

"Tobal de Altaris, Mestre da Assembleia dos Viajantes e..." ele fez uma pequena pausa, seus olhos brilhando com algo que parecia nostalgia, "um velho amigo de sua avó Jurema."

"Você conheceu minha avó?" Geovana deu um passo à frente, subitamente interessada.

"Conheci, amei e respeitei Jurema por muitas décadas," respondeu ele com um sorriso triste. "Foi ela quem me ensinou que o verdadeiro poder não está na magia, mas no coração que a guia."

Mariana tocou o ombro de Geovana gentilmente. "Mestre Tobal atravessou para este lado especificamente para te treinar. Ele é o mais poderoso Viajante vivo, o último que conhece todos os segredos dos portais."

O idoso fez um gesto dismissivo com a mão. "Exageros de uma pupila entusiasmada. Sou apenas um velho que viu demais e aprendeu um pouco." Seus olhos fixaram-se novamente em Geovana, tornando-se subitamente sérios. "Mas não temos muito tempo. A Convergência está próxima, e você precisa estar preparada."

"Preparada para quê, exatamente?" perguntou Geovana, a frustração finalmente transbordando. "Todo mundo fala em destino, em portais, em mundos, mas ninguém me diz claramente o que esperam que eu faça!"

Tobal assentiu, compreensivo. "Uma queixa justa. Venha, sente-se comigo junto à nascente, e contarei o que precisa saber."

Ele guiou-a até uma pedra plana próxima à água, onde ambos se acomodaram. Mariana permaneceu de pé, aparentemente montando guarda.

"Eldoria," começou Tobal, sua voz adquirindo um tom quase hipnótico, "é um mundo paralelo ao seu, existindo em uma frequência vibracional diferente. Por milênios, as duas realidades coexistiram separadamente, com apenas alguns pontos de contato — os nexos, como este."

Ele desenhou na terra úmida dois círculos que se intersectavam levemente.

"Os Antigos, ancestrais tanto dos Viajantes quanto dos Caçadores, descobriram como criar portais permanentes entre os mundos, permitindo livre trânsito e troca de conhecimentos. Por séculos, Terra e Eldoria beneficiaram-se mutuamente desta conexão."

"O que aconteceu então?" perguntou Geovana, absorvida pela história.

"Guerra," respondeu Tobal simplesmente, seu rosto ensombrecendo. "Em Eldoria, uma facção conhecida como Ordem da Pureza surgiu, pregando que a mistura com os terrestres estava 'contaminando' nossa essência mágica. Eles tentaram fechar permanentemente todos os portais."

"Os Caçadores," murmurou Geovana.

"Sim, os antecessores dos atuais Caçadores. Houve resistência, claro. Muitos de nós acreditávamos que o isolamento seria catastrófico para ambos os mundos. A batalha final aconteceu durante uma Convergência, há exatamente mil anos, quando todos os portais, exceto um, foram selados."

"E esse último portal?" perguntou Geovana, embora já suspeitasse da resposta.

"Foi confiado à custódia de uma linhagem especial, descendente do mais poderoso mago Viajante e de uma sacerdotisa terrestre. Essa linhagem recebeu o medalhão que você carrega — a Chave dos Mundos — e a responsabilidade de decidir, quando chegasse o momento certo, se os mundos deveriam permanecer separados ou se reunir novamente."

"Minha linhagem," concluiu Geovana.

"Sim. Sua tataravó Estelar fugiu para a Terra durante a última purga, há oitenta anos, quando os Caçadores quase exterminaram todos os Viajantes restantes em Eldoria. Ela estava grávida na época."

"E por que agora? Por que eu?"

Tobal olhou para o céu, onde a lua brilhava. "Porque Eldoria está morrendo," disse com tristeza. "Sem a conexão com a Terra, a energia mágica que sustenta nosso mundo está se esgotando. A Ordem da Pureza agora controla tudo, mas seu governo levou nosso mundo à beira do colapso. Se os portais não forem reabertos durante esta Convergência, Eldoria entrará em um processo irreversível de entropia."

"E por que isso seria meu problema?" perguntou Geovana, embora sem a firmeza que pretendia demonstrar.

Tobal olhou-a com gravidade. "Porque se Eldoria morrer, parte da Terra morrerá também. Os mundos estão mais conectados do que qualquer um imagina. As mudanças climáticas inexplicáveis, os desastres naturais que têm aumentado na Terra? São reflexos do desequilíbrio. Dois lados da mesma moeda cósmica."

Um silêncio pesado caiu entre eles, quebrado apenas pelo som suave da água.

"E o que exatamente esperam que eu faça?" perguntou finalmente Geovana.

"Durante a Convergência, quando as três luas de Eldoria alinharem-se com a lua da Terra, você deverá usar o medalhão para reabrir o portal principal, aqui neste nexo. Isso permitirá que a energia flua novamente entre os mundos, restaurando o equilíbrio."

"Parece... simples demais," comentou Geovana, desconfiada.

Tobal riu, um som surpreendentemente jovial. "Oh, não é simples. Requer um poder imenso, controle absoluto e a capacidade de resistir àqueles que farão de tudo para impedi-la."

"Como Henrique — ou Davirian."

"Exatamente. Davirian é o atual líder da Ordem da Pureza. Ele preferiria ver Eldoria morrer do que permitir que os mundos se reconectem."

Um arrepio percorreu Geovana ao lembrar-se dos olhos frios do professor. "E Rafael? Qual é exatamente o papel dele nisso tudo?"

Uma expressão complexa cruzou o rosto de Tobal — algo entre admiração e preocupação.

"Aranir... ou Rafael, como ele escolheu ser chamado aqui... tem uma história própria com Davirian, uma rivalidade que transcende nossa causa. Ele é o mais habilidoso dos Guardiões e jurou protegê-la com a vida. Mas..."

"Mas?" insistiu Geovana quando o idoso hesitou.

"Mas ele carrega suas próprias cicatrizes, não apenas as visíveis em seu rosto. Seu passado com Davirian é... complicado."

Mariana, que até então permanecera em silêncio, aproximou-se. "Mestre, devemos começar o treinamento. Sinto uma perturbação nas energias. Os Caçadores estão se movendo."

Tobal assentiu, levantando-se com uma agilidade surpreendente. "Você está certa, como sempre." Voltou-se para Geovana. "Você possui dentro de si um poder que ainda não compreende — a capacidade de manipular as frequências vibratórias que separam os mundos. Este poder está adormecido, mas com o treinamento correto..."

Foi interrompido por um som agudo vindo da bolsa de Mariana. A jovem retirou rapidamente um pequeno cristal semelhante ao que havia usado para criar o véu de dissimulação, mas este brilhava em um vermelho pulsante.

"Alarme de perímetro," explicou ela, tensão evidente em sua voz. "Temos companhia."

Tobal imediatamente ficou alerta. "Quantos?"

"Pelo menos cinco, aproximando-se pelo lado norte."

O idoso voltou-se para Geovana com urgência. "Não há mais tempo para explicações graduais. Você precisa despertar seu poder agora."

"Como?" perguntou ela, o medo crescendo em seu peito.

"O medalhão. Use-o."

Com mãos trêmulas, Geovana retirou o amuleto da mochila. A pedra azul brilhava intensamente agora, pulsando no mesmo ritmo de seu coração acelerado.

"O que devo fazer?"

"Coloque-o sobre a marca na pedra," instruiu Tobal, apontando para o símbolo da lua crescente e as três estrelas. "E então, seu sangue, livremente dado."

Geovana hesitou apenas um instante antes de posicionar o medalhão sobre o símbolo entalhado na rocha. Encaixou-se perfeitamente, como se tivesse sido feito para aquele local específico. Com uma determinação recém-descoberta, pressionou o polegar contra a borda afiada do medalhão e deixou que uma gota de sangue caísse sobre a pedra azul.

O efeito foi imediato e espetacular. Um raio de luz azul brilhante irrompeu do medalhão, subindo em direção ao céu noturno como um farol. A terra sob seus pés tremeu levemente, e o ar ao redor da clareira pareceu densificar-se, carregado de eletricidade estática.

"O que está acontecendo?" gritou Geovana, tendo que elevar a voz acima do zumbido crescente que preenchia o ar.

"O portal está reagindo à sua presença!" respondeu Tobal, seus olhos brilhando com o reflexo da luz azul. "É apenas uma fração do que acontecerá na Convergência, mas é o suficiente para começar seu despertar!"

Na borda da clareira, Mariana observava a floresta com tensão. "Eles viram o sinal! Estão vindo mais rápido agora!"

Tobal colocou as mãos nos ombros de Geovana, seu olhar intenso penetrando-a. "Escute-me com atenção. O que você sentirá agora será intenso, possivelmente doloroso. Memórias ancestrais, conhecimentos antigos, tudo fluirá para você. Não resista. Aceite. Este é seu legado."

Antes que pudesse responder, Geovana sentiu uma onda de energia subir pelo seu braço a partir do medalhão. A sensação era como fogo líquido percorrendo suas veias, espalhando-se por todo seu corpo. Sua visão turvou-se, preenchida por imagens caleidoscópicas que passavam rápido demais para serem compreendidas.

Viu sua avó Jurema realizando rituais naquele mesmo local; viu sua bisavó ensinando os segredos dos Viajantes; viu sua tataravó Estelar fugindo através de um portal brilhante enquanto construções cristalinas desmoronavam ao fundo; viu séculos de guardiões e guardiãs antes dela, todos carregando o mesmo medalhão, todos enfrentando suas próprias batalhas pela preservação do equilíbrio entre os mundos.

O conhecimento ancestral fluía para ela — palavras em uma língua que nunca havia estudado mas agora compreendia; gestos que canalizavam energias sutis; compreensão das correntes invisíveis que ligavam os mundos.

Quando a visão de Geovana finalmente clareou, ela estava ajoelhada sobre a pedra, ofegante. O raio de luz havia se dissipado, mas o medalhão continuava a brilhar intensamente.

"Você conseguiu," sorriu Tobal, seu rosto exibindo um misto de orgulho e alívio.

Geovana olhou para suas próprias mãos, sentindo algo diferente nelas — um formigamento constante, como se estivessem carregadas de eletricidade estática. Quando focou sua atenção nessa sensação, pequenas faíscas azuladas dançaram entre seus dedos.

"O que...?" começou ela, maravilhada.

"Seu poder está acordando," explicou Tobal. "Você agora pode sentir e manipular as frequências vibratórias, a essência que separa e conecta os mundos."

"Eles estão aqui!" o grito urgente de Mariana cortou o momento.

Na borda da clareira, figuras escuras emergiram entre as árvores. À frente delas, caminhando com a confiança de um predador que encurralou sua presa, vinha Henrique Mendes. Seu rosto, iluminado pelo luar, exibia um sorriso frio.

"Que cena comovente," comentou ele, sua voz ecoando na clareira. "O velho mestre, a guarda fiel, e a herdeira ignorante. Todo o futuro dos Viajantes reunido em um só lugar. Isso facilita meu trabalho."

Atrás dele, pelo menos seis Caçadores tomavam posições estratégicas, todos armados com as mesmas adagas curvas de lâminas brilhantes que Geovana havia visto com Henrique no beco.

Tobal posicionou-se à frente de Geovana, seu cajado firmemente plantado no solo. "Você está em desvantagem, Davirian. Este é um nexo sagrado. Aqui, nosso poder é maior."

"Talvez," concedeu Henrique, sem perder o sorriso. "Mas vocês estão em menor número, e sua preciosa herdeira mal despertou seu poder. Quanto tempo acha que ela durará contra Caçadores treinados?"

Mariana juntou-se a Tobal, seus olhos brilhando com uma luz dourada que Geovana nunca havia notado antes. "Você terá que passar por nós primeiro."

"Com prazer," respondeu Henrique, desembainhando sua adaga. Os símbolos em sua lâmina acenderam-se com um brilho vermelho ameaçador.

O confronto parecia inevitável quando um som cortou o ar — um zunido seguido pelo clarão azul de uma chama. Uma das figuras na borda da clareira caiu com um grito, e todos os olhares voltaram-se para a origem do ataque.

No ponto mais alto do afloramento rochoso, banhado pelo luar, estava Rafael. Seu bastão de chamas brilhava intensamente, iluminando seu rosto marcado pela cicatriz. Mesmo à distância, Geovana podia ver o sangue manchando sua camisa no ombro.

"Começaram a festa sem mim?" perguntou ele, sua voz carregando uma falsa leveza que não escondia completamente a dor.

"Aranir," sibilou Henrique, seu sorriso desaparecendo. "Você sobreviveu. Impressionante."

"Sempre fui difícil de matar, Davi," respondeu Rafael, usando uma versão abreviada do nome do outro que soou estranhamente íntima. "Especialmente quando é você quem tenta."

Um lampejo de algo — raiva? mágoa? — cruzou o rosto de Henrique antes que ele recompusesse sua expressão fria.

"Parece que teremos uma reunião familiar completa, então," disse ele, olhando brevemente para Geovana antes de voltar sua atenção a Rafael. "Como nos velhos tempos."

Geovana franziu o cenho, confusa com a estranha dinâmica entre os dois homens. Havia algo nas entrelinhas daquela conversa, uma história não contada. Antes que pudesse refletir mais sobre isso, Rafael saltou da pedra, pousando agilmente entre o grupo de Viajantes e os Caçadores.

"Saiam," ordenou ele sem olhar para trás. "Levem Geovana para o abrigo. Eu os detenho."

"Você está ferido," protestou Mariana.

"E ainda assim sou o melhor lutador aqui," retrucou Rafael. "Vão! Já!"

Tobal hesitou apenas um momento antes de aceitar a situação. "Ele está certo. Temos que proteger Geovana e o medalhão acima de tudo."

"Não vou deixá-lo para trás de novo," insistiu Geovana, avançando um passo.

Rafael virou-se brevemente para encará-la, seus olhos âmbar brilhando intensamente na escuridão. "Você é mais importante que qualquer um de nós. Vá com Tobal. Por favor."

Algo na forma como ele disse "por favor" — uma vulnerabilidade momentânea em meio à força — tocou Geovana profundamente.

"Que comovente," comentou Henrique sarcasticamente. "Mas ninguém sairá desta clareira esta noite."

Ele fez um gesto para seus Caçadores, que começaram a se espalhar, cercando o grupo.

Foi então que Tobal agiu. Erguendo seu cajado, murmurou palavras em uma língua antiga — as mesmas que Geovana agora percebia que conseguia entender.

"Veil'artos nas'turim, caminhos ocultos se abram!"

O ar ao redor deles ondulou, e uma névoa prateada começou a se formar, espessa e impenetrável.

"Agora!" gritou Tobal, agarrando o braço de Geovana com surpreendente força para um homem de sua idade. "Mariana, a rota sul!"

Mariana assentiu, liderando o caminho através da névoa que rapidamente engrossava. Geovana lançou um último olhar para Rafael, que agora enfrentava Henrique e dois outros Caçadores simultaneamente, seu bastão de chamas deixando rastros de luz azul no ar noturno.

A última coisa que viu antes que a névoa a engolfasse completamente foi o olhar que Rafael lhe dirigiu — intenso, determinado e carregando uma promessa silenciosa de que se reencontrariam.

Então a névoa fechou-se ao seu redor, e Geovana sentiu Tobal guiando-a rapidamente por um caminho que parecia existir apenas dentro da bruma prateada. Sons de luta ficavam para trás, enquanto corria em direção ao desconhecido, o medalhão pulsando contra seu peito como um segundo coração.

**Capítulo 5: O Abrigo dos Viajantes**

A névoa prateada parecia ter vida própria, movendo-se em espirais ao redor do grupo enquanto avançavam pela floresta. Geovana não conseguia ver mais que alguns metros à frente, mas Tobal e Mariana caminhavam com a confiança de quem conhecia perfeitamente o caminho, mesmo através daquele véu místico.

"Como vocês conseguem se orientar?" perguntou Geovana, depois de quase tropeçar pela terceira vez em raízes escondidas pela bruma.

"A névoa é nossa criação," explicou Tobal sem diminuir o passo. "Para os Caçadores, é apenas uma barreira impenetrável. Para nós, é um caminho iluminado."

À medida que avançavam, Geovana notava que o terreno se tornava progressivamente mais íngreme. Estavam subindo uma encosta densamente arborizada, afastando-se cada vez mais da clareira da nascente. O medalhão em seu peito continuava a pulsar, mas com menor intensidade, como se estivesse em um estado de repouso vigilante.

"E Rafael?" perguntou finalmente, dando voz à preocupação que a consumia desde que haviam deixado o Guardião para trás.

Mariana olhou por sobre o ombro, seu rosto parcialmente oculto pela névoa. "Rafael é um sobrevivente. Ele voltará para nós."

"Como pode ter tanta certeza? Ele estava ferido, enfrentando um grupo inteiro de Caçadores!"

"Porque ele sempre volta," respondeu Mariana com um sorriso enigmático. "Além disso, ele tem algo por que lutar agora."

Antes que Geovana pudesse questionar o significado daquela afirmação, Tobal ergueu a mão, sinalizando para que parassem. Haviam chegado a uma face de rocha quase vertical que parecia bloquear completamente o caminho.

"Chegamos," anunciou o idoso.

"Chegamos onde? A uma parede de pedra?" perguntou Geovana, olhando ao redor em busca de algum caminho alternativo.

Tobal sorriu, seus olhos azuis brilhando com divertimento juvenil. "As aparências enganam, minha cara. Uma lição que você logo aprenderá é que a realidade é mais flexível do que os humanos comuns acreditam."

Ele aproximou-se da rocha e pressionou a palma de sua mão contra a superfície áspera. Murmurando palavras na língua antiga que Geovana agora reconhecia como Eldoriano Antigo, traçou com o dedo um símbolo que brilhou momentaneamente.

"Abritus san'toril, portão dos guardiões," entoou Tobal.

Para espanto de Geovana, a rocha sólida começou a ondular como se fosse líquida. Uma abertura formou-se, revelando um túnel iluminado por cristais azulados incrustados nas paredes.

"Bem-vinda ao Abrigo dos Viajantes," disse Tobal, fazendo um gesto para que ela entrasse.

Geovana hesitou apenas um instante antes de atravessar a abertura, seguida por Mariana e Tobal. Assim que o idoso entrou, a rocha solidificou-se novamente atrás deles, como se nunca tivesse havido passagem alguma.

O túnel se estendia por aproximadamente trinta metros, alargando-se gradualmente até desembocar em uma caverna ampla que tirou o fôlego de Geovana. O teto era alto e abobadado, completamente coberto por cristais luminescentes que emitiam uma luz suave em tons de azul e púrpura, criando a impressão de um céu estrelado. As paredes eram lisas e curvas, com nichos onde mais cristais cresciam em formações complexas e belas. No centro da caverna, uma fonte natural brotava de uma rocha esculpida, alimentando um pequeno lago de águas tão claras que pareciam brilhar.

O espaço estava organizado quase como uma pequena aldeia subterrânea, com áreas claramente destinadas a diferentes funções. Havia o que parecia ser um laboratório repleto de instrumentos estranhos, uma biblioteca com prateleiras repletas de tomos antigos, uma área de descanso com confortáveis almofadas e colchões, e o que parecia ser um espaço de treinamento com símbolos desenhados no chão.

O mais surpreendente, porém, era que o lugar não estava vazio. Cerca de dez pessoas moviam-se pela caverna, algumas usando vestes que lembravam túnicas antigas, outras vestidas com roupas contemporâneas. Todos pararam suas atividades quando o trio entrou, voltando os olhares para Geovana.

"Nossa comunidade aqui é pequena," explicou Tobal enquanto avançavam. "Apenas os Viajantes mais dedicados à causa permanecem na Terra, a maioria escondida entre a população humana comum. Este é um de nossos últimos santuários."

Uma mulher de meia-idade com longos cabelos grisalhos e olhos de um verde intenso aproximou-se. Usava uma túnica azul-escura com bordados prateados e carregava um cristal semelhante ao que Mariana havia usado antes.

"Mestre Tobal," inclinou-se ela em uma reverência respeitosa. "O sinal foi dado. A herdeira despertou." Seus olhos curiosos fixaram-se em Geovana. "É ela?"

"Sim, Lyra," confirmou Tobal. "Esta é Geovana, neta de Jurema, descendente de Estelar. A Última Guardiã."

A mulher, Lyra, fez uma reverência mais profunda para Geovana, que se mexeu desconfortavelmente.

"Por favor, não faça isso," pediu ela. "Até ontem eu era apenas uma fotógrafa tentando reconstruir minha vida depois de um relacionamento fracassado. Toda essa coisa de 'Última Guardiã' ainda é... estranha para mim."

Lyra sorriu compreensivamente. "Destinos grandiosos raramente chegam em momentos convenientes, criança. Jurema falava muito de você, sabia? Ela tinha certeza de que você seria forte o suficiente quando o momento chegasse."

"Você também conheceu minha avó?" perguntou Geovana, uma sensação de calor invadindo seu peito ao pensar em quantas conexões desconhecidas Jurema mantivera durante toda sua vida.

"Jurema treinou muitos de nós," respondeu Lyra. "Ela era uma das Guardiãs mais poderosas de sua geração, mesmo vivendo quase toda sua vida aqui na Terra."

Tobal interrompeu gentilmente. "Teremos tempo para histórias depois. Agora, Geovana precisa descansar e se alimentar. O despertar inicial é fisicamente exaustivo, e ela ainda nem percebeu isso."

Como se suas palavras tivessem acionado um interruptor, Geovana subitamente sentiu o peso do cansaço. Suas pernas tremeram ligeiramente, e ela percebeu que estava faminta.

Mariana a guiou até a área de descanso, onde uma refeição foi rapidamente providenciada — sopa quente, pão fresco e frutas que Geovana nunca havia visto antes, de cores vibrantes e sabor extraordinariamente doce.

"Estas são frutas de Eldoria," explicou Mariana, vendo sua expressão de surpresa ao provar uma fruta azul-prateada. "Cultivadas aqui com grande esforço. Ajudam a restaurar a energia depois do uso de poderes."

Enquanto comia, Geovana observava a atividade ao redor. Os Viajantes moviam-se com propósito, muitos consultando mapas estrelares estranhos ou trabalhando com cristais e instrumentos cujas funções ela não compreendia.

"Eles estão se preparando para a Convergência," explicou Mariana, seguindo seu olhar. "Algo que esperamos há décadas."

Após a refeição, Lyra mostrou a Geovana um espaço reservado onde poderia descansar — um pequeno nicho na parede da caverna, isolado por cortinas de tecido azul-escuro, contendo uma cama surpreendentemente confortável, uma pequena mesa e um baú para seus pertences.

"Descanse agora," aconselhou a mulher. "Amanhã começará seu verdadeiro treinamento."

Exausta, Geovana não precisou de muito incentivo. Assim que se deitou, o cansaço a engolfou como uma onda, levando-a rapidamente ao sono.

Seus sonhos foram vívidos e estranhos — imagens de uma cidade de torres cristalinas sob três luas; um homem e uma mulher vestidos em túnicas elaboradas olhando para ela com olhos que pareciam conter galáxias; Rafael lutando contra sombras que se transformavam em Henrique e vice-versa; e o medalhão, sempre o medalhão, brilhando como um farol em meio à escuridão.

Quando despertou, por um momento não reconheceu onde estava. A luz dos cristais no teto mantinha-se constante, tornando impossível determinar se era dia ou noite no mundo exterior.

"Bom dia," a voz de Mariana chegou antes que ela aparecesse, afastando a cortina. "Ou melhor, boa tarde. Você dormiu por quase quinze horas."

"Quinze horas?" Geovana sentou-se abruptamente. "Por que não me acordaram antes?"

"Seu corpo precisava se recuperar." Mariana entrou, trazendo uma bandeja com frutas frescas e o que parecia ser chá em uma xícara de cerâmica azulada. "O despertar de poder consome muita energia, especialmente para alguém que nunca usou suas habilidades antes."

Geovana aceitou o chá, sentindo seu aroma floral e ligeiramente cítrico. "E Rafael? Alguma notícia?"

Uma sombra de preocupação cruzou o rosto de Mariana. "Ainda não. Mas como disse antes, isso não é incomum. Rafael é... cauteloso. Ele não viria diretamente para o abrigo se achasse que poderia ser seguido."

Geovana bebericou o chá, tentando ignorar a pontada de preocupação que sentia. Algo na forma como Rafael a olhara antes de se separarem permanecia vívido em sua memória.

"Você disse que ele tem algo para lutar agora," lembrou Geovana. "O que quis dizer com isso?"

Mariana sorriu enigmaticamente. "Isso é algo que ele mesmo deveria explicar quando retornar." Antes que Geovana pudesse insistir, ela mudou de assunto. "Tobal a espera no salão de treinamento. Você tem muito a aprender em pouco tempo."

Após uma rápida refeição e vestindo roupas novas providenciadas por Lyra — calças de tecido leve e uma túnica azul-escura surpreendentemente confortável —, Geovana seguiu Mariana até a área central da caverna, onde Tobal a aguardava.

O salão de treinamento era um espaço circular com o piso cuidadosamente nivelado, onde símbolos complexos haviam sido desenhados em um padrão espiral que convergia para o centro. Tobal estava sentado em posição de meditação exatamente no ponto central, seu cajado repousando ao seu lado.

"Aproxime-se, Geovana," chamou ele sem abrir os olhos. "E traga o medalhão."

Ela sentou-se à sua frente, colocando o artefato entre eles. À luz dos cristais da caverna, a pedra azul parecia mais viva que nunca, emitindo um brilho suave e constante.

"O que vou aprender primeiro?" perguntou ela, a ansiedade e curiosidade superando temporariamente sua preocupação com Rafael.

Tobal abriu os olhos, sorrindo. "Paciência," respondeu ele. "A base de todo poder verdadeiro."

As horas seguintes foram uma experiência tanto frustrante quanto fascinante para Geovana. Tobal a guiou por exercícios de respiração e concentração, ensinando-a a sentir as vibrações sutis que, segundo ele, permeavam toda a realidade.

"Os mundos são separados por frequências," explicou ele. "Como estações de rádio ocupando o mesmo espaço mas em diferentes canais. Seu poder como Guardiã é a capacidade de sintonizar-se com essas frequências e, eventualmente, manipulá-las."

Gradualmente, Geovana começou a sentir o que ele descrevia — um zumbido quase imperceptível que parecia existir sob a superfície de todas as coisas. Quando fechava os olhos e se concentrava, como Tobal instruíra, conseguia perceber diferentes "notas" nesse zumbido, algumas mais próximas, outras distantes e estranhas.

"Isso," disse ela finalmente, olhos ainda fechados, "esta vibração mais distante e... azulada, por falta de palavra melhor... é Eldoria?"

O sorriso de Tobal era audível em sua voz. "Exatamente. Você está sentindo a frequência fundamental de Eldoria. A maioria dos Viajantes leva semanas para alcançar esse nível de percepção. Sua avó tinha razão sobre seu potencial."

A sensação era estranhamente familiar, como se parte dela sempre tivesse conhecido essa outra vibração, essa outra realidade. Com mais prática, descobriu que podia intensificar ou diminuir sua percepção da frequência de Eldoria, como ajustar o volume em um aparelho de som.

"Bom," aprovou Tobal após várias horas de prática. "Agora para o próximo passo. Toque o medalhão enquanto mantém sua atenção na frequência de Eldoria."

Geovana obedeceu, colocando a mão sobre o medalhão enquanto mantinha sua concentração na vibração "azulada" que agora podia identificar claramente. Instantaneamente, a pedra no centro do amuleto brilhou com intensidade renovada, e Geovana sentiu uma conexão se formar — como um canal direto entre ela e aquela realidade distante.

Imagens inundaram sua mente — florestas de árvores cristalinas, céus de um azul-violeta profundo, criaturas de formas estranhas mas belas. E então, rostos. Pessoas. Eldorianos olhando para ela através desse canal temporário como se também pudessem senti-la.

Com um ofego, Geovana retirou a mão do medalhão, quebrando a conexão.

"Eles... eles podiam me ver?" perguntou, assustada.

"Não exatamente," respondeu Tobal. "Mas os mais sensíveis entre eles certamente sentiram sua presença. O que você acabou de fazer foi criar uma 'janela' momentânea entre os mundos."

"É perigoso?"

"Não da forma como fizemos aqui. Este abrigo é protegido por barreiras antigas que ocultam atividades mágicas. Mas no mundo exterior, sim, tal conexão poderia alertar os Caçadores."

Lyra aproximou-se, trazendo mais do chá revitalizante. "Você está se saindo excepcionalmente bem, Geovana. Jurema ficaria orgulhosa."

"Obrigada," respondeu ela, aceitando a bebida gratamente. O uso constante de sua recém-descoberta percepção era surpreendentemente exaustivo. "Mas ainda não entendo como isso me ajudará a abrir um portal durante a Convergência."

Tobal levantou-se, esticando os membros enrijecidos pela longa sessão sentada. "O que você fez hoje é apenas o primeiro passo. Perceber as frequências. Amanhã, aprenderá a manipulá-las em pequena escala. Depois, a canalizar essa manipulação através do medalhão."

"E se eu não conseguir aprender tudo a tempo?" A dúvida que a atormentava desde o início finalmente veio à tona.

"Você conseguirá," afirmou Tobal com confiança serena. "O sangue de gerações de Guardiões corre em suas veias. Este é seu destino, Geovana."

"Destino," repetiu ela, a palavra amarga em sua língua. "Destinos podem ser recusados, sabia? Eu poderia simplesmente ir embora, voltar para minha vida normal."

Um silêncio tenso caiu sobre o grupo. Foi Lyra quem finalmente falou, sua voz gentil mas firme.

"Poderia, sim," concordou ela. "Ninguém aqui a forçaria a ficar. Mas há uma razão pela qual os Guardiões sempre aceitaram seu papel, geração após geração. Quando você olha para o medalhão, o que sente?"

Geovana olhou para o objeto entre eles. Apesar de todo o caos que havia trazido para sua vida, não podia negar a conexão que sentia com ele — uma sensação de pertencimento, como se uma parte dela que estivera adormecida finalmente despertasse.

"Sinto... que é meu," admitiu finalmente. "Como se sempre tivesse sido destinado a mim."

Lyra assentiu. "E quando você usou seu poder hoje, mesmo apenas para perceber Eldoria, como se sentiu?"

"Completa," respondeu Geovana sem hesitação. "Como se encontrasse uma parte de mim que estava faltando."

"Esse é o verdadeiro chamado," explicou Tobal suavemente. "Não uma obrigação imposta, mas um reconhecimento do que você sempre foi."

Suas palavras ressoaram profundamente em Geovana. Apesar do medo, da confusão e das dúvidas, havia uma certeza crescente de que este era, de fato, seu caminho.

A sessão foi interrompida por um jovem Viajante que entrou correndo no salão de treinamento.

"Mestre Tobal! Senhora Lyra!" chamou ele, ofegante. "Os cristais sentinelas foram ativados. Alguém está se aproximando do abrigo!"

Todos ficaram instantaneamente alertas. Tobal empunhou seu cajado, que começou a brilhar suavemente.

"Caçadores?" perguntou ele, tenso.

"Não," respondeu o jovem. "É... é o Guardião das Chamas! Rafael está voltando!"

O coração de Geovana saltou no peito. Uma onda de alívio inundou-a, tão intensa que mal percebeu como sua própria reação era reveladora.

Minutos depois, a entrada do abrigo abriu-se, e Rafael entrou na caverna. Estava visivelmente exausto, com roupas rasgadas e manchadas de sangue seco. O ferimento em seu ombro havia sido precariamente tratado, e novos cortes e hematomas marcavam seu rosto e braços. Mas estava vivo, e seus olhos dourados imediatamente procuraram por Geovana na caverna.

Quando seus olhares se encontraram, algo passou entre eles — um entendimento silencioso, um reconhecimento mútuo que ia além das palavras. Geovana sentiu seu coração acelerar de uma forma que não tinha nada a ver com medo ou alívio, e tudo a ver com a intensidade daqueles olhos âmbar.

"Bem-vindo de volta, Guardião," disse Tobal, aproximando-se para ajudar Rafael.

"Consegui despistá-los," relatou Rafael, permitindo que Lyra o guiasse até um banco onde poderia sentar-se. "Mas Davirian está mobilizando todos os Caçadores da região. Ele sabe que a Convergência está próxima e suspeita que usaremos a pedra antiga para o ritual."

"Isso complica nossos planos," murmurou Tobal. "Precisaremos de uma distração no dia da Convergência."

Enquanto discutiam estratégias, Geovana aproximou-se timidamente de Rafael. Lyra havia trazido suprimentos de primeiros socorros e começava a tratar seus ferimentos.

"Você está bem?" perguntou Geovana, sentindo a inadequação da pergunta assim que a fez. Obviamente ele não estava bem.

Rafael sorriu, apesar da dor evidente quando Lyra limpava um corte em seu braço. "Já estive pior."

"Obrigada," disse ela suavemente. "Por nos dar tempo para escapar."

"É meu trabalho, lembra? Proteger a Guardiã." Havia algo em seu tom, porém, que sugeria que suas motivações iam além do dever.

"Ainda assim," insistiu ela. "Foi corajoso."

Seus olhos encontraram-se novamente, e desta vez o contato visual durou mais que o necessário, carregado de algo que nenhum dos dois estava preparado para nomear.

Lyra pigarreou discretamente. "Se me permitem, preciso trocar este curativo," disse ela, apontando para o ombro de Rafael. "E para isso, você precisará remover essa camisa, Guardião."

Um rubor involuntário coloriu as bochechas de Geovana. "Eu... vou deixá-los trabalhar então," murmurou, afastando-se rapidamente.

Enquanto se distanciava, podia sentir o olhar de Rafael seguindo-a, intenso como uma carícia física. E pela primeira vez desde que toda essa loucura começara, Geovana perguntou-se se havia ganhado mais que um destino extraordinário — se talvez também houvesse encontrado alguém extraordinário no processo.

Com essa realização perturbadora, retirou-se para seu espaço privado, precisando de tempo para ordenar não apenas seus novos poderes, mas também seus sentimentos crescentes por um homem marcado pelas chamas, cujos olhos pareciam enxergar diretamente em sua alma.

**Capítulo 6: Laços de Sangue**

Geovana despertou com a sensação de que alguém a observava. Abrindo os olhos lentamente, viu Rafael sentado em um pequeno banco próximo à entrada de seu nicho privado, parcialmente oculto pela cortina azul. Ele mantinha uma postura vigilante, como um guardião em seu posto, mas seus olhos âmbar refletiam uma suavidade que contrastava com sua aparência austera.

"Desculpe," disse ele imediatamente ao perceber que ela havia acordado. "Não queria assustá-la."

Geovana sentou-se, puxando o cobertor até o queixo por instinto. "Há quanto tempo está aí?"

"Algumas horas," admitiu ele. "Tobal me designou como sua guarda pessoal enquanto estivermos no abrigo."

Geovana arqueou uma sobrancelha. "E isso inclui me observar dormindo?"

Um leve rubor coloriu as bochechas de Rafael, quase imperceptível sob a cicatriz em forma de chama. "Desculpe. Velhos hábitos de proteção. Posso esperar lá fora, se preferir."

Havia algo quase vulnerável em sua expressão que amoleceu a irritação inicial de Geovana.

"Não, tudo bem," respondeu ela, relaxando. "Só me avise da próxima vez para que eu não desperte achando que há um invasor."

Rafael assentiu, um pequeno sorriso curvando seus lábios. Geovana notou que seus ferimentos haviam sido adequadamente tratados durante a noite. O curativo no ombro era visível sob a camisa simples de algodão azul-escuro que vestia, e pequenos cortes em seu rosto estavam limpos e em processo de cicatrização.

"Como está se sentindo?" perguntou ela, genuinamente preocupada.

"Funcional," respondeu ele pragmaticamente. "E você? O primeiro dia de treinamento costuma ser exaustivo."

"Estou surpreendentemente bem," admitiu Geovana. "Como se algo dentro de mim estivesse despertando após um longo sono."

Rafael assentiu, compreensivo. "O sangue dos Guardiões. Quanto mais você usar seus poderes, mais natural parecerá."

Um silêncio confortável pairou entre eles por alguns momentos, até que Rafael se levantou.

"Tobal a espera para o café da manhã. Depois continuaremos seu treinamento — juntos, desta vez."

"Você vai me treinar também?" perguntou ela, surpresa.

"Vou ensinar a parte combativa," explicou ele. "Tobal é um mestre nas artes místicas, mas você também precisará saber se defender fisicamente."

A ideia de treinamento físico com Rafael provocou uma reação inesperada em Geovana — uma mistura de ansiedade e expectativa que preferiu não analisar profundamente naquele momento.

"Estarei pronta em quinze minutos," disse ela.

Rafael inclinou levemente a cabeça em assentimento e saiu, deixando-a sozinha com seus pensamentos conflituosos.

Após uma refeição substancial que incluía mais das frutas exóticas de Eldoria, Geovana foi conduzida por Rafael até uma parte mais afastada da caverna, onde um espaço amplo havia sido preparado para treinamento físico. O chão era coberto por esteiras acolchoadas, e vários equipamentos que lembravam vagamente armas tradicionais de artes marciais estavam dispostos em suportes nas paredes.

"Os Caçadores não dependerão apenas de armas energéticas," explicou Rafael, caminhando até o centro da área. "Eles são treinados em várias formas de combate corpo a corpo. Se você perder o medalhão ou esgotar sua energia, precisará saber se defender."

"Nunca fui muito boa em educação física na escola," admitiu Geovana com um sorriso nervoso.

"Isso não importa. Seu corpo possui reflexos e habilidades latentes herdados de seus ancestrais. Só precisamos despertá-los."

As duas horas seguintes foram intensas. Rafael mostrou-se um instrutor rigoroso mas paciente, ensinando-a posturas básicas de defesa e técnicas simples para se libertar de agarrões. Para surpresa de Geovana, seu corpo parecia responder intuitivamente a muitas das instruções, como se realmente houvesse uma memória muscular adormecida sendo despertada.

"Bom," aprovou Rafael depois que ela executou corretamente uma sequência defensiva pela terceira vez consecutiva. "Seu corpo está lembrando."

"Como isso é possível?" perguntou ela, respirando pesadamente mas sentindo-se estranhamente revigorada pelo exercício.

"Da mesma forma que você herdou a capacidade de manipular frequências dimensionais, também herdou certas habilidades físicas," explicou ele. "Por isso as linhagens são tão importantes tanto para os Viajantes quanto para os Caçadores."

Ele se aproximou, ajustando gentilmente a posição de seus braços para a próxima postura. O contato, mesmo breve e profissional, enviou uma onda de calor pelo corpo de Geovana.

"Esta postura é particularmente importante," disse ele, aparentemente alheio ao efeito que causava. "Permite que você canalize energia através de seu corpo enquanto mantém uma posição defensiva sólida."

Para demonstrar, posicionou-se atrás dela, ajustando sua postura com toques leves mas firmes nos ombros, costas e quadris. Geovana sentiu sua respiração acelerar, e não apenas pelo esforço físico.

"Agora," continuou ele, sua voz próxima ao ouvido dela, "respire profundamente e sinta o fluxo de energia subindo por suas pernas, através de sua coluna e finalmente para seus braços."

Geovana fechou os olhos, concentrando-se na sensação. Para sua surpresa, conseguia realmente sentir algo como uma corrente quente movendo-se através de seu corpo, seguindo exatamente o caminho que Rafael descrevera.

"Estou sentindo," sussurrou ela, maravilhada.

"Agora, visualize essa energia saindo pelas suas mãos, como uma extensão de si mesma."

Quando Geovana seguiu a instrução, algo extraordinário aconteceu — um brilho azulado formou-se ao redor de suas mãos, semelhante ao que havia visto no bastão de Rafael, mas menos intenso e mais instável.

Abriu os olhos de súbito, perdendo a concentração. O brilho dissipou-se imediatamente.

"O que foi isso?" perguntou, virando-se para olhar Rafael, que sorria com genuíno orgulho.

"Isso," disse ele, "é a manifestação física do seu poder. Com prática, você poderá controlar essa energia, moldá-la, usá-la tanto defensiva quanto ofensivamente."

"Como seu bastão de chamas?"

"Exatamente, embora cada Guardião manifeste sua energia de forma ligeiramente diferente. O fogo azul é minha assinatura. A sua ainda está se formando."

O treinamento continuou até o meio-dia, quando Lyra apareceu para informá-los que Tobal os aguardava para a próxima fase do treinamento místico de Geovana.

"Você precisará de um banho e roupas limpas primeiro," comentou Lyra, olhando para Geovana com aprovação maternal. "O treinamento de afinidade elemental pode ser... imprevisível."

O "banho" revelou-se ser uma pequena piscina natural de águas termais em um nicho separado da caverna principal, discretamente isolado por formações rochosas e cortinas. A água era surpreendentemente quente e cheia de minerais que deixavam a pele de Geovana com uma sensação revigorante.

Após vestir-se com uma nova túnica — esta de um azul mais claro e com detalhes prateados que lembravam vagamente constelações —, encontrou Tobal na área central do abrigo. O idoso estava acompanhado por Rafael e mais três Viajantes que ela ainda não conhecia formalmente.

"Ah, chegou nossa jovem Guardiã," sorriu Tobal. "Permita-me apresentar alguns membros importantes de nosso círculo. Este é Karim," apontou para um homem de pele escura e olhos intensamente verdes, "nosso especialista em cristais e comunicação interdimensional."

Karim inclinou-se levemente, suas mãos formando um símbolo que Geovana instintivamente reconheceu como uma saudação tradicional eldoriana.

"Esta é Nara," continuou Tobal, indicando uma mulher jovem de traços orientais e cabelos pretos cortados em um estilo curto e moderno, "nossa mestra em artes curativas e estabilização energética."

Nara sorriu calorosamente, seus olhos avaliando Geovana com interesse profissional.

"E por fim, Validus," concluiu Tobal, apresentando um homem robusto de meia-idade com uma barba espessa e ruiva salpicada de branco, "nosso arquivista e guardião dos conhecimentos antigos."

Validus fez uma reverência formal, sua expressão séria mas não hostil. "É uma honra finalmente conhecer a herdeira de Jurema," disse ele em uma voz surpreendentemente melódica para alguém de sua estatura. "Sua avó falava muito de seu potencial."

"Estes quatro," explicou Tobal, incluindo Rafael com um gesto, "auxiliarão em seu treinamento avançado. A Convergência está a apenas dois dias de distância, e precisamos acelerar sua preparação."

Geovana olhou para o pequeno grupo, sentindo o peso da responsabilidade que carregava. "Farei o meu melhor," prometeu, a determinação crescendo dentro dela.

"Hoje," anunciou Tobal, "aprenderemos sobre a afinidade elemental — a capacidade de canalizar seu poder através dos quatro elementos primordiais."

Nas horas seguintes, Geovana foi guiada por um treinamento intensivo, cada um dos mestres supervisionando um aspecto diferente. Rafael trabalhava com ela o elemento fogo, ensinando-a a concentrar sua energia em pequenas chamas azuladas semelhantes às suas próprias. Karim mostrava-lhe como manipular o ar, criando pequenos redemoinhos de energia que dançavam entre seus dedos. Nara ensinava-lhe a fluidez da água, como deixar seu poder fluir e adaptar-se a diferentes situações. Validus, por sua vez, instruía-a nas artes da terra, firmeza e resistência.

Para surpresa de todos, Geovana demonstrava maior facilidade com o ar e a água, elementos tradicionalmente considerados mais difíceis de controlar.

"Interessante," comentou Tobal, observando-a criar uma pequena esfera de água flutuante entre suas palmas. "A maioria dos Guardiões tem afinidade primária com o fogo ou a terra. Você parece favorecer os elementos mais fluidos e adaptáveis."

"É uma questão de personalidade," explicou Nara. "Geovana é adaptável por natureza, capaz de fluir entre diferentes situações."

Validus concordou pensativamente. "Isso pode ser vantajoso durante a Convergência. Os elementos fluidos facilitam a transição entre frequências dimensionais."

No final daquele segundo dia de treinamento, Geovana estava exausta, mas sentia-se diferente — mais conectada com seu próprio corpo e com as energias ao seu redor, mais consciente de suas capacidades e limitações.

Durante o jantar comunitário, sentou-se entre Mariana e Nara, observando os Viajantes interagirem. Havia uma sensação de família entre eles, apesar das óbvias diferenças de origem e idade. Conversavam em uma mistura de português e eldoriano antigo, discutindo preparativos para a Convergência com a mesma naturalidade com que falariam sobre o clima.

Rafael sentou-se do outro lado da mesa, conversando em voz baixa com Karim. Ocasionalmente, seus olhares se encontravam, e Geovana sentia aquela mesma conexão inexplicável que parecia se fortalecer a cada encontro.

"Ele raramente sorri," comentou Nara, seguindo seu olhar. "Mas hoje, durante seu treinamento, vi-o sorrir pelo menos três vezes."

Geovana sentiu as bochechas esquentarem. "Provavelmente estava satisfeito com meu progresso."

Nara riu suavemente. "Conheço Aranir — Rafael — há quinze anos. Ele nunca sorri por mera satisfação profissional."

Antes que Geovana pudesse responder, Tobal levantou-se, chamando a atenção de todos.

"Amigos," começou ele, sua voz ressoando na caverna, "estamos a apenas quarenta e oito horas da Convergência. Nossas preparações estão avançadas, mas não completas. Os relatórios de nossos observadores indicam que Davirian está mobilizando Caçadores de toda a região. A batalha que nos aguarda não será fácil."

Um murmúrio preocupado percorreu o grupo.

"Contudo," continuou Tobal, "temos algo que eles não têm." Seus olhos se voltaram para Geovana. "Temos a legítima Guardiã, portadora do sangue ancestral e da Chave dos Mundos."

Todos os olhares se dirigiram a ela, alguns com esperança evidente, outros com uma mistura de curiosidade e apreensão.

"Amanhã," prosseguiu Tobal, "completaremos o treinamento básico de Geovana e iniciaremos os preparativos finais para o ritual. Cada um de vocês sabe sua função. Confio em cada um para cumprir seu papel quando chegar o momento."

Após o jantar, enquanto os Viajantes se dispersavam para suas tarefas, Geovana sentiu uma necessidade de ar — ou pelo menos algo que se aproximasse disso, já que estavam em uma caverna subterrânea. Encontrou um pequeno nicho elevado perto da entrada principal, onde cristais particularmente grandes criavam um ambiente que lembrava um céu noturno.

Sentou-se ali, contemplando tudo o que havia aprendido nos últimos dois dias e tudo o que estava por vir. O peso da responsabilidade parecia crescer a cada hora.

"Posso me juntar a você?" A voz de Rafael tirou-a de seus pensamentos.

Ela assentiu, e ele sentou-se ao seu lado, mantendo uma distância respeitosa.

"Como está se sentindo?" perguntou ele após alguns momentos de silêncio confortável.

"Assustada," admitiu Geovana honestamente. "Empolgada. Confusa. Sobrecarregada. Tudo ao mesmo tempo."

Rafael sorriu levemente. "Uma resposta honesta. Pensei que talvez dissesse que estava bem, fingindo confiança."

"Não vejo motivo para fingir com você," respondeu ela, surpreendendo a si mesma com a sinceridade da afirmação. "Você me viu no meu pior e no meu melhor nos últimos dias."

"Ainda não vi seu melhor," corrigiu ele suavemente. "Isso está por vir."

Eles ficaram em silêncio novamente, olhando para os cristais brilhantes acima.

"Rafael," começou Geovana hesitante, "há algo que eu gostaria de perguntar, mas não sei se devo."

"Pergunte," encorajou ele. "Mesmo que eu não possa responder, não ficarei ofendido."

"Qual é sua história com Henrique — Davirian? Há algo pessoal entre vocês, não é? Pude sentir quando vocês se enfrentaram na clareira."

O rosto de Rafael endureceu momentaneamente, a cicatriz em sua bochecha parecendo mais pronunciada. Por um momento, Geovana achou que ele não responderia.

"Davirian é meu irmão mais velho," disse ele finalmente, sua voz quase um sussurro.

A revelação atingiu Geovana como um golpe físico. "Seu irmão?"

Rafael assentiu lentamente. "Nascemos em uma família antiga e respeitada de Eldoria. Nosso pai era um conselheiro do Círculo de Regentes, nossa mãe uma curandeira renomada. Crescemos juntos, estudamos juntos..." Sua voz falhou ligeiramente. "Éramos inseparáveis, até a Grande Cisão."

"A divisão entre Viajantes e Caçadores," inferiu Geovana.

"Sim. Quando a Ordem da Pureza ganhou força, criou-se uma linha divisória que cortou famílias ao meio. Meu pai permaneceu fiel aos princípios antigos dos Viajantes. Minha mãe..." ele hesitou, "ela simpatizava com algumas ideias da Ordem, embora nunca tenha se juntado abertamente a eles."

"E Davirian escolheu segui-la."

Rafael passou a mão pela cicatriz em seu rosto, um gesto que Geovana já havia notado ser involuntário quando ele estava perturbado.

"Ele não apenas seguiu a Ordem — ele se tornou um de seus líderes mais fervorosos. Acredita genuinamente que a separação entre os mundos é necessária para a sobrevivência de Eldoria. E talvez, no início, ele estivesse parcialmente certo. Houve abusos de poder, Viajantes que usaram seus dons para explorar humanos comuns."

"E você?"

"Eu hesitei," admitiu Rafael. "Amava meu irmão, respeitava minha mãe, mas no fundo, não conseguia aceitar a ideia de fechar os portais permanentemente. Durante anos, tentei ser um mediador, buscando um meio-termo."

"O que aconteceu?"

"A Purga aconteceu," respondeu ele, seu olhar distante como se visse eventos de décadas atrás. "A Ordem decidiu que negociações eram inúteis e iniciou uma campanha para eliminar todos os Viajantes que se opunham a eles. Meu pai estava entre os primeiros alvos."

Geovana podia ver a dor em seus olhos, mesmo após tanto tempo.

"Tentei salvá-lo," continuou Rafael, a voz mais baixa. "Confrontei o grupo de Caçadores enviado para capturá-lo. Entre eles estava Davirian." Sua mão tocou novamente a cicatriz. "Foi ele quem me deu isso, com uma adaga energética, enquanto eu tentava proteger nosso pai."

"Ele atacou o próprio irmão?"

"Na visão dele, eu havia traído nossa mãe, nossa linhagem, ao defender um 'traidor'. A Ordem tem formas poderosas de distorcer a realidade para seus seguidores."

"E seu pai?"

"Morreu naquela noite. Eu sobrevivi, apenas porque Jurema — sua avó — estava na área e me resgatou. Ela cuidou de mim, trouxe-me para a Terra, ensinou-me o caminho dos verdadeiros Viajantes."

Geovana percebeu que lágrimas silenciosas haviam se formado em seus olhos enquanto ouvia a história de Rafael.

"Desde então," concluiu ele, "Davirian e eu estamos em lados opostos desta guerra. Mas ele nunca tentou me matar novamente, assim como eu nunca tentei matá-lo, apesar de termos tido oportunidades. Talvez ainda exista uma centelha do vínculo que tínhamos, ou talvez seja apenas uma fraqueza compartilhada."

Impulsivamente, Geovana estendeu a mão, cobrindo a de Rafael com a sua. O contato enviou uma onda de calor através de seu braço, mas ela não se afastou.

"Não é fraqueza reconhecer o amor mesmo em meio ao conflito," disse ela suavemente. "É o que nos torna humanos. Ou, no seu caso, o que o torna um Viajante digno de sua linhagem."

Rafael olhou para suas mãos unidas, e depois para os olhos dela. A intensidade de seu olhar fez o coração de Geovana acelerar.

"Você é extraordinária," murmurou ele. "Jurema dizia que seria, mas ainda assim... sua capacidade de compreender, de ver além da superfície..."

Lentamente, quase hesitante, ele virou sua mão para entrelaçar seus dedos com os dela. O gesto simples, mas íntimo, fez com que ambos prendessem a respiração.

"Rafael, eu—"

Um som agudo interrompeu o momento — o mesmo cristal de alarme que Mariana havia usado antes. Rafael imediatamente ficou alerta, soltando a mão de Geovana com evidente relutância.

Tobal apareceu na entrada do nicho, seu rosto tenso. "Problemas," anunciou sem preâmbulos. "Nossos observadores acabam de reportar — Davirian capturou Mariana enquanto ela realizava reconhecimento na superfície."

Geovana levantou-se bruscamente. "O que? Temos que resgatá-la!"

"É pior," continuou Tobal, seu olhar sombrio. "Parece que isso foi planejado. Um de nossos cristais comunicadores foi comprometido. Davirian enviou uma mensagem — ele sabe sobre o abrigo, sabe sobre nossos planos para a Convergência."

Rafael praguejou baixo em eldoriano antigo. "Quanto tempo temos?"

"Ele deu um ultimato," respondeu Tobal. "Ou entregamos a Guardiã e o medalhão até o amanhecer, ou ele executa Mariana e depois vem atrás de todos nós."

"Não podemos entregar Geovana," disse Rafael firmemente, colocando-se instintivamente à frente dela em postura protetora.

"Nem podemos abandonar Mariana," acrescentou Geovana, movendo-se para o lado de Rafael. "Deve haver outra solução."

Tobal olhou para ambos, avaliando. "Há uma terceira opção, mas é arriscada e mudará completamente nossa estratégia."

"Qual?" perguntaram Rafael e Geovana quase em uníssono.

"Adiantamos o plano," respondeu Tobal. "A Convergência plena ocorrerá amanhã à noite, mas já há energia suficiente acumulada para uma tentativa limitada. Se formos à pedra antiga agora, podemos tentar abrir um pequeno portal — não para atravessar completamente, mas o suficiente para buscar reforços do outro lado."

Rafael franziu o cenho. "Ainda existem aliados em Eldoria dispostos a arriscar-se?"

"Mais do que você imagina," respondeu Tobal. "A resistência contra a Ordem cresceu nos últimos anos, à medida que as consequências do isolamento tornaram-se mais evidentes."

"É perigoso demais para Geovana," protestou Rafael. "Se falharmos e ela for capturada—"

"Eu vou," interrompeu Geovana com firmeza. "Mariana arriscou-se por mim. Não vou abandoná-la."

Os dois homens olharam para ela, Rafael com preocupação evidente, Tobal com uma expressão que mesclava orgulho e resignação.

"Você realmente é neta de Jurema," comentou Tobal. "Ela teria dito exatamente a mesma coisa."

"O que precisamos fazer?" perguntou Geovana, sentindo uma determinação crescente substituir o medo.

"Reúna seus pertences," instruiu Tobal. "Partiremos em uma hora. Apenas um pequeno grupo — você, eu, Rafael e Validus."

Enquanto Geovana se afastava para preparar-se, Rafael segurou o braço de Tobal.

"Se algo acontecer com ela..." começou, sua voz baixa e intensa.

"Sei o quanto ela significa para você," respondeu o idoso com gentileza. "Não apenas como a Guardiã que você jurou proteger."

Rafael não negou. "Apenas certifique-se de que ela estará protegida, não importa o custo."

"O mesmo vale para você, meu jovem," respondeu Tobal, colocando uma mão no ombro de Rafael. "Não se sacrifique desnecessariamente. Geovana precisará de você nos dias que virão, não apenas como protetor."

A hora seguinte foi de preparação frenética. Enquanto os quatro designados para a missão reuniam suprimentos e equipamentos, os demais Viajantes preparavam-se para uma possível evacuação do abrigo, caso o plano falhasse e os Caçadores descobrissem sua localização exata.

Geovana, agora vestida com roupas mais adequadas para movimento — calças escuras justas, botas resistentes e uma túnica azul reforçada com um material leve mas surpreendentemente resistente —, ajustava o medalhão em um cordão ao redor do pescoço quando Nara aproximou-se.

"Isto é para você," disse a curandeira, entregando-lhe um pequeno frasco contendo um líquido azul brilhante. "Elixir de vitalidade. Se seu poder começar a falhar durante o ritual, beba isto. Dará a você força suficiente para completar o que começou."

"Obrigada," respondeu Geovana, guardando o frasco em uma pequena bolsa presa à cintura.

Nara hesitou, e então puxou Geovana para um abraço rápido mas caloroso. "Volte para nós," sussurrou. "Todos nós, mas especialmente Rafael... precisamos de você."

Antes que Geovana pudesse responder, Nara afastou-se, juntando-se ao grupo que preparava poções curativas para a expedição.

Minutos depois, o pequeno grupo reuniu-se na entrada do abrigo. Tobal, carregando seu cajado e uma bolsa com cristais e instrumentos místicos; Validus, com um tomo antigo protegido em um estojo especial e vários pequenos artefatos pendurados em seu cinto; Rafael, agora completamente equipado com seu bastão de chamas, adagas energéticas e uma armadura leve sob suas vestes escuras; e Geovana, com o medalhão brilhando suavemente contra sua pele.

"O caminho até a pedra antiga será perigoso," advertiu Tobal. "Davirian certamente terá guardas posicionados na área. Devemos ser rápidos e silenciosos."

"E se encontrarmos resistência?" perguntou Geovana.

"Eu lido com ela," respondeu Rafael, seus olhos âmbar endurecendo. "Sua única preocupação é chegar à pedra intacta e com energia suficiente para o ritual."

Validus abriu o tomo antigo, verificando um mapa estrelado peculiar. "A configuração astral está favorável. Não é o pico da Convergência, mas há uma janela de oportunidade nas próximas três horas."

Tobal fez um gesto e a rocha que selava a entrada do abrigo ondulou, abrindo uma passagem. "Que a luz dos três mundos nos guie," murmurou ele, uma bênção tradicional dos Viajantes.

Enquanto emergiam na noite, Geovana sentiu o peso do medalhão contra seu peito, pulsando como um segundo coração. Pela primeira vez desde que toda essa jornada começara, não se sentia uma vítima do destino, mas uma participante ativa, escolhendo conscientemente seu caminho.

Ao seu lado, Rafael moveu-se silenciosamente, seus sentidos alertas para qualquer perigo. Quando seus olhares se encontraram brevemente, Geovana viu nele o mesmo que sentia — determinação, medo e algo mais profundo, algo que crescia entre eles e que nem mesmo a ameaça iminente poderia diminuir.

Juntos, avançaram pela floresta escura em direção à pedra antiga, onde tentariam abrir um portal entre mundos e, possivelmente, mudar o curso de duas realidades para sempre.

**Capítulo 7: Portal Entre Mundos**

A floresta à noite era um labirinto de sombras e sons. O pequeno grupo avançava com cautela, Rafael na frente como batedor, Geovana e Validus no centro, e Tobal na retaguarda, seu cajado ocasionalmente emitindo um brilho tênue para orientá-los nos trechos mais escuros.

A lua, quase cheia, filtrava-se entre as copas das árvores, criando padrões fantasmagóricos no solo. Geovana sentia o medalhão vibrar contra sua pele, como se respondesse à proximidade da lua e à energia crescente da Convergência iminente.

"Estamos sendo observados," sussurrou Rafael, parando abruptamente e erguendo uma mão para deter o grupo.

Todos congelaram. Geovana tentou aguçar seus sentidos como Rafael havia ensinado durante o treinamento. Após alguns segundos de concentração, conseguiu perceber — uma vibração sutil, diferente do ritmo natural da floresta, como uma nota dissonante em uma melodia.

"Sinto também," confirmou ela baixinho. "À nossa direita, talvez uns cinquenta metros."

Rafael olhou-a com aprovação surpresa. "Muito bem. São dois, talvez três. Sentinelas, não um grupo de ataque completo."

"Podemos contorná-los?" perguntou Tobal.

Rafael balançou a cabeça. "Estão posicionados estrategicamente. Se mudarmos nossa rota, perderemos tempo precioso. Além disso, podem ter equipamentos de detecção."

"Então os enfrentamos," concluiu Validus, sua voz grave mas controlada enquanto retirava do cinto um pequeno objeto que se expandiu em suas mãos, tornando-se um bastão semelhante ao de Rafael, embora sem a chama azul.

"Não," disse Rafael firmemente. "Eu os distraio. Vocês três seguem em frente."

"Absolutamente não," protestou Geovana. "Não vamos nos separar de novo."

"Geovana," Rafael virou-se para ela, seus olhos âmbar intensos mesmo na penumbra, "seu papel é chegar à pedra antiga. Meu papel é garantir que você chegue lá."

"Ele está certo," concordou Tobal relutantemente. "Cada um tem sua função. A sua, Geovana, é mais importante que qualquer uma das nossas."

Ela olhou de um para outro, frustrada. "Não gosto disso."

"Não precisa gostar," respondeu Rafael com um pequeno sorriso. "Só precisa continuar."

Antes que ela pudesse protestar novamente, ele se inclinou e, num movimento surpreendentemente gentil, tocou seu rosto com a ponta dos dedos. "Estarei logo atrás de vocês," prometeu. "Alguns Caçadores novatos não vão me deter."

Com esse gesto inesperadamente terno, Rafael afastou-se rapidamente, movendo-se entre as árvores como uma sombra, em direção aos vigias ocultos.

"Vamos," instruiu Tobal, tocando o braço de Geovana. "Não podemos desperdiçar a distração que ele nos dará."

Relutantemente, ela assentiu, e o trio continuou avançando, agora em um ritmo mais acelerado. Minutos depois, ouviram sons distantes de luta — um grito abafado, o zumbido característico do bastão energético de Rafael, e o estrondo abafado de algo pesado caindo.

"Ele está bem," murmurou Validus, notando a expressão preocupada de Geovana. "Não é a primeira vez que o Guardião das Chamas enfrenta adversidades sozinho."

Continuaram em silêncio por mais vinte minutos até que a vegetação começou a se abrir, revelando a familiar clareira da nascente. Contudo, a cena que encontraram estava longe da tranquilidade de sua visita anterior.

Ao redor da pedra antiga, tochas foram cravadas no solo em um círculo perfeito, iluminando a área com uma claridade alaranjada quase antinatural. Três Caçadores armados com adagas energéticas montavam guarda, e próximo à nascente, uma figura estava ajoelhada, mãos amarradas às costas.

"Mariana," sussurrou Geovana, reconhecendo sua amiga mesmo à distância.

Mas o que mais chamou sua atenção foi a figura alta que caminhava ao redor da pedra central, examinando-a com interesse científico — Henrique Mendes, ou Davirian, como agora sabia ser seu verdadeiro nome. Ele não usava mais seu disfarce de professor, mas sim vestes escuras com detalhes em vermelho-sangue que denotavam sua alta posição entre os Caçadores.

"Isso é uma armadilha," murmurou Tobal, observando a cena de seu esconderijo na borda da clareira. "Ele sabia que viríamos."

"Claro que é uma armadilha," concordou Validus. "Mas ainda assim, precisamos da pedra para o ritual."

"Onde está Rafael?" perguntou Geovana, olhando ansiosamente para trás.

Como se invocado por seu pensamento, Rafael materializou-se silenciosamente ao lado deles, fazendo Geovana sobressaltar-se. Havia um novo corte em sua bochecha, mas fora isso parecia ileso.

"Três vigias neutralizados," reportou em voz baixa. "Mas há um problema. Senti mais Caçadores se aproximando da área. Temos no máximo trinta minutos antes que este lugar esteja completamente cercado."

Tobal assentiu gravemente. "Então precisamos ser rápidos e decisivos." Ele olhou para o grupo. "Validus e eu criaremos uma distração. Rafael, você resgata Mariana. Geovana..."

"Eu vou direto para a pedra," completou ela, sentindo uma estranha calma a envolvê-la. "E inicio o ritual."

"É perigoso demais," protestou Rafael. "Davirian estará lá."

"É exatamente por isso que funcionará," argumentou Tobal. "Ele quer Geovana e o medalhão. Enquanto ele foca nela, teremos nossa oportunidade."

"E então eu estarei sozinha com ele," concluiu Geovana, um frio instalando-se em seu estômago, mas sua voz permaneceu firme.

"Apenas por alguns momentos," garantiu Tobal. "Assim que Mariana estiver segura, Rafael estará ao seu lado. Eu e Validus nos juntaremos a vocês para o ritual."

Rafael parecia profundamente desconfortável com o plano, mas assentiu relutantemente. "Ao primeiro sinal de perigo real, abandone o plano e proteja-se," disse a Geovana, seu olhar intenso comunicando muito mais do que suas palavras.

"Vamos nos posicionar," instruiu Tobal. "Quando eu criar a distração, todos se movem simultaneamente."

Geovana respirou fundo, centrando-se como havia aprendido nos últimos dias. Fechou os olhos por um momento, sentindo o fluxo de energia através de seu corpo, o medalhão pulsando em sintonia com seu coração.

"Estou pronta," afirmou, e percebeu que era verdade. Algo havia mudado dentro dela — uma aceitação de seu papel, de seu poder, de seu destino.

Tobal e Validus afastaram-se, contornando a clareira para se posicionarem do lado oposto. Rafael permaneceu ao lado de Geovana por mais alguns momentos.

"Geovana," chamou ele, sua voz tão baixa que ela mal podia ouvi-lo. "Há algo que deveria ter dito antes..."

"Diga quando voltarmos," interrompeu ela, sorrindo apesar da tensão. "Será um motivo a mais para garantir que todos sobrevivamos a isso."

Rafael assentiu, um meio sorriso curvando seus lábios. Com um último olhar significativo, ele também se afastou, desaparecendo entre as sombras para se posicionar próximo a Mariana.

Sozinha agora, Geovana aguardou o sinal, contando os segundos em sua mente. O medalhão parecia mais pesado contra seu peito, pulsando com uma energia que ressoava através de seu corpo. Concentrou-se na pedra antiga, visualizando o caminho que deveria percorrer, repassando mentalmente os passos do ritual como Tobal havia ensinado.

Então aconteceu — uma explosão de luz azul-prateada do outro lado da clareira, acompanhada por um som retumbante como um trovão. Todos os Caçadores viraram-se instantaneamente na direção da perturbação, inclusive Davirian.

Era o sinal.

Geovana correu, emergindo da linha de árvores e atravessando a clareira em direção à pedra central. Ao mesmo tempo, viu com o canto do olho Rafael mover-se como uma sombra em direção a Mariana.

Estava a apenas alguns metros da pedra quando Davirian virou-se, seus olhos encontrando os dela com uma mistura de surpresa e triunfo.

"A Guardiã," disse ele, sua voz ecoando na clareira. "Finalmente nos encontramos adequadamente."

Geovana não parou. Continuou avançando até alcançar a pedra, colocando as mãos sobre o símbolo entalhado da lua crescente e três estrelas.

"Afaste-se dela!" gritou um dos Caçadores, correndo em sua direção com adaga em punho.

Davirian ergueu uma mão. "Pare! Não a machuque."

O Caçador obedeceu imediatamente, parando a poucos passos de Geovana. Do outro lado da clareira, Rafael havia alcançado Mariana e cortava suas amarras, enquanto Tobal e Validus mantinham os outros Caçadores ocupados com uma impressionante demonstração de energia mística.

"Você realmente acha que pode realizar o ritual agora?" perguntou Davirian, aproximando-se lentamente de Geovana. "Falta mais de um dia para a verdadeira Convergência."

"Não preciso da Convergência completa para o que planejo fazer," respondeu ela, surpreendendo-se com a calma em sua própria voz.

Ele sorriu, um sorriso que em outros tempos poderia ter sido charmoso, mas agora parecia apenas calculista. "E o que exatamente planeja fazer, jovem Guardiã? Abrir um portal? Trazer reforços de Eldoria? Ou talvez..." seu sorriso ampliou-se, "criar uma distração enquanto seus amigos resgatam a prisioneira?"

O coração de Geovana falhou uma batida. Ele sabia. O plano estava comprometido desde o início.

"Soldados," chamou Davirian sem tirar os olhos dela, "capturem os intrusos. Mas lembrem-se — o Guardião das Chamas é meu."

Mais Caçadores emergiram das sombras da floresta, pelo menos uma dúzia deles, cercando a clareira. Geovana percebeu que haviam caído em uma armadilha muito maior do que imaginavam.

"Rafael!" gritou ela em aviso, mas era tarde demais.

Três Caçadores avançaram sobre Rafael e Mariana. Embora o Guardião lutasse ferozmente, seu bastão de chamas deixando rastros azuis no ar noturno, a superioridade numérica era esmagadora. Tobal e Validus também estavam cercados, lutando para abrir caminho de volta ao centro da clareira.

"Você tem duas opções, Geovana," disse Davirian, aproximando-se ainda mais. "Entregue-me o medalhão voluntariamente, e seus amigos serão poupados. Ou resista, e assista enquanto são eliminados um a um, começando pela Viajante traidora."

Ele apontou para Mariana, que havia sido recapturada e agora estava de joelhos, uma adaga energética pressionada contra sua garganta.

"Por que está fazendo isso?" perguntou Geovana, tentando ganhar tempo enquanto sua mente trabalhava freneticamente. "Seu próprio mundo está morrendo. Os portais são a única salvação para Eldoria."

Um lampejo de algo — tristeza? arrependimento? — cruzou o rosto de Davirian antes que sua expressão endurecesse novamente. "Sacrifícios são necessários para a purificação. Eldoria retornará à sua glória original quando toda a contaminação terrestre for eliminada."

"Você realmente acredita nisso?" desafiou ela. "Ou é apenas o que lhe disseram para acreditar?"

Davirian estreitou os olhos, sua compostura perturbada momentaneamente. "Você não entende nada sobre mim ou sobre nosso mundo. Está sendo usada como peça em um jogo que sequer compreende."

"Talvez," concedeu Geovana, sentindo o medalhão esquentar contra sua pele à medida que concentrava sua energia nele discretamente. "Ou talvez você seja quem está sendo usado, Henrique. Ou devo chamá-lo de Davi, como seu irmão faz?"

A menção do apelido familiar atingiu Davirian como um golpe físico. Sua expressão contorceu-se em fúria. "Aranir não tem o direito de usar esse nome! Ele traiu nossa família, nossos princípios!"

"Ele me contou uma história diferente," respondeu Geovana, mantendo a voz calma apesar do perigo crescente. O medalhão agora estava quente o bastante para ser quase desconfortável contra sua pele.

"Claro que contou," zombou Davirian. "Ele sempre foi habilidoso com palavras e manipulação. Conseguiu até mesmo enganar nossa própria mãe no fim."

"GEOVANA, AGORA!" A voz de Rafael cortou a noite como uma lâmina.

Em um movimento fluido, Geovana arrancou o medalhão do pescoço e pressionou-o contra o símbolo entalhado na pedra antiga. A pedra azul imediatamente acendeu-se com um brilho cegante, lançando feixes de luz em todas as direções.

"Portalis abritos, mundos conectus!" entoou ela em eldoriano antigo, as palavras surgindo naturalmente como se as tivesse conhecido toda vida.

O chão sob seus pés tremeu. O ar na clareira densificou-se, carregando-se de eletricidade estática que fez os cabelos de todos se arrepiarem. Um ruído crescente, como o zumbido de milhares de abelhas, preencheu o espaço, aumentando de intensidade a cada segundo.

Davirian lançou-se em direção a ela, tentando arrancar o medalhão da pedra, mas foi repelido por uma barreira invisível de energia que se formou ao redor de Geovana.

"Não podem me tocar enquanto o ritual estiver em andamento," disse ela, sua voz estranhamente amplificada pelo poder que canalizava. "Esta é a proteção concedida à Guardiã legítima."

O medalhão agora brilhava tão intensamente que era doloroso olhar diretamente para ele. Um raio de luz azul pura disparou verticalmente da pedra em direção ao céu, perfurando as nuvens e parecendo alcançar a própria lua.

Aproveitando a distração, Rafael conseguiu libertar-se de seus captores com um movimento explosivo de seu bastão de chamas. Em segundos, estava ao lado de Geovana, posicionando-se como seu protetor enquanto ela continuava o ritual.

"Mantenha-se firme," instruiu ele, desviando-se para bloquear um Caçador que tentou se aproximar. "Está funcionando!"

No centro do raio de luz, diretamente acima da pedra antiga, o ar começou a rasgar-se como tecido fino. Uma fenda surgiu no próprio espaço, revelando primeiro apenas escuridão, depois um brilho violeta-azulado que se expandia gradualmente.

"O portal está se abrindo," ofegou Geovana, sentindo o esforço drenar suas energias rapidamente. Suas pernas tremiam com o esforço de manter-se em pé.

"Não permitirei isso!" gritou Davirian. Ele fez um sinal para seus Caçadores. "Formação de contra-ritual! Agora!"

Cinco Caçadores imediatamente abandonaram suas lutas individuais e formaram um círculo ao redor da clareira. Cada um ergueu um cristal vermelho, e começaram a entoar em uníssono palavras numa versão distorcida do eldoriano antigo.

Imediatamente, Geovana sentiu resistência — como se estivesse empurrando contra uma força cada vez mais poderosa. O portal, que havia começado a se expandir, estremeceu e começou a encolher novamente.

"Eles estão fechando o portal!" gritou para Rafael, que agora lutava para manter três Caçadores afastados dela.

"Continue!" respondeu ele, seu bastão de chamas descrevendo arcos letais no ar. "Tobal está vindo!"

De fato, o velho mestre havia conseguido abrir caminho através dos Caçadores e corria em direção a eles, seu cajado brilhando intensamente. Validus o seguia, carregando um Mariana semiconsciente.

"O contra-ritual," ofegou Tobal ao alcançá-los. "Precisamos quebrá-lo!"

Ele posicionou-se ao lado de Geovana, colocando uma mão sobre seu ombro e a outra em seu próprio cajado, que estava fincado no solo.

"Forsum aditus, kajel'nor entaris!" entoou o idoso, canalizando sua própria energia para Geovana.

O efeito foi imediato — uma onda de poder fresco fluiu através dela, revitalizando-a. O raio de luz intensificou-se, e o portal começou a expandir-se novamente, apesar dos esforços dos Caçadores.

A batalha mística que se seguiu era como nada que Geovana pudesse ter imaginado. De um lado, ela e Tobal canalizando poder para abrir o portal; do outro, os cinco Caçadores liderados por Davirian tentando fechá-lo. O ar entre eles ondulava com energias conflitantes, criando padrões luminosos complexos que dançavam pela clareira.

Rafael e Validus mantinham os demais Caçadores afastados, protegendo o círculo ritual. Mariana, recuperando a consciência, juntou-se a eles apesar de sua condição debilitada.

Lentamente, dolorosamente, o portal continuou a expandir-se. Através da abertura, Geovana começou a ver imagens de outro mundo — um céu violeta-azulado, torres cristalinas ao longe, e o que parecia ser um grupo de pessoas aguardando do outro lado.

"Está funcionando!" exclamou ela, exausta mas triunfante.

"Mantenha-se concentrada," orientou Tobal, sua própria voz tensa com esforço. "Precisamos estabilizá-lo por tempo suficiente para que nossos aliados atravessem."

Do outro lado do portal, figuras começaram a se mover, aproximando-se da abertura. Geovana podia ver que usavam vestes azuis semelhantes às dos Viajantes no abrigo.

"NÃO!" O grito furioso de Davirian cortou o ar. Com um movimento inesperado, ele abandonou o círculo de contra-ritual e lançou-se diretamente contra Rafael.

Os irmãos colidiram em um emaranhado de movimento, adaga energética vermelha contra bastão de chamas azuis. A luta era feroz e pessoal, cada golpe carregado não apenas com força física, mas com décadas de mágoas e traições.

"Este mundo é meu irmão!" gritou Davirian, sua adaga cortando o ar milímetros do rosto de Rafael. "Não permitirei que o contamine novamente!"

"Este mundo não pertence a ninguém!" respondeu Rafael, bloqueando o ataque e contra-atacando com seu bastão. "E Eldoria está morrendo sem a conexão!"

Enquanto os irmãos lutavam, o primeiro dos aliados conseguiu atravessar o portal — uma mulher alta de cabelos prateados e olhos de um azul profundo, vestindo uma armadura leve que brilhava como opala sob a luz da lua.

"Selyna!" exclamou Tobal, claramente reconhecendo a recém-chegada. "Rápido, precisamos de reforços!"

A mulher assentiu e imediatamente desembainhou uma espada cristalina que acendeu com luz própria. Sem hesitação, lançou-se contra os Caçadores que mantinham o contra-ritual.

Mais figuras emergiram do portal — guerreiros em armaduras semelhantes, cada um empunhando armas que pareciam feitas de cristal e luz. Em minutos, a balança da batalha começou a virar em favor dos Viajantes.

Geovana, contudo, estava alcançando seu limite. Mesmo com o apoio energético de Tobal, manter o portal aberto era como segurar um peso impossível que ameaçava esmagá-la. Sua visão começou a escurecer nas bordas, e suas pernas cederam, forçando-a a ajoelhar-se.

"Não posso... manter por muito mais tempo," ofegou.

Tobal olhou-a com preocupação. "O elixir," lembrou. "Use-o agora."

Com mãos trêmulas, Geovana conseguiu retirar o pequeno frasco que Nara havia lhe dado e bebeu seu conteúdo em um único gole. O líquido azul desceu por sua garganta como fogo líquido, espalhando-se por seu corpo e reacendendo suas energias quase extintas.

"Um último esforço," incentivou Tobal. "Mais alguns minutos."

Do outro lado da clareira, a luta entre Rafael e Davirian havia se intensificado. Os irmãos moviam-se em um balé mortal de luz azul e vermelha, cada um empurrando o outro até seus limites. Rafael tinha agora novos cortes no rosto e braços, mas Davirian também sangrava de um ferimento profundo no ombro.

"Sempre foi assim entre nós, não é, irmãozinho?" ofegou Davirian durante um breve impasse, os irmãos com suas armas travadas uma contra a outra. "Competindo por tudo. Até mesmo por ela."

"Do que está falando?" exigiu Rafael, seu rosto tenso com esforço.

"A Guardiã," respondeu Davirian com um sorriso cruel. "Acha que não vejo como olha para ela? Como sempre, querendo o que não pode ter."

"Você não sabe nada sobre mim ou ela," respondeu Rafael, empurrando o irmão para trás com um movimento explosivo.

"Sei que você a perderá, assim como perdeu tudo o mais," provocou Davirian. "Quando ela descobrir quem você realmente é, o que realmente fez..."

As palavras foram cortadas quando Rafael atacou com fúria renovada, seu bastão quase invisível na velocidade com que se movia. A luta intensificou-se, aproximando-se perigosamente da área onde Geovana mantinha o portal.

No centro da clareira, mais aliados continuavam a emergir do portal. Entre eles, Geovana notou uma figura que parecia diferente dos guerreiros — um homem idoso com vestes elaboradas, carregando um cajado semelhante ao de Tobal, mas ornado com cristais complexos.

"O Arquimago!" exclamou Tobal com evidente alívio. "Agora podemos completar a transição."

O idoso recém-chegado aproximou-se rapidamente, avaliando a situação com olhos que brilhavam com sabedoria antiga. Sem palavras, posicionou-se do outro lado de Geovana e adicionou suas próprias mãos ao ritual, murmurando palavras em uma versão ainda mais antiga do eldoriano que Geovana mal conseguia compreender.

O efeito foi imediato e dramático — o portal estabilizou-se completamente, suas bordas que antes tremulavam agora firmes e definidas. A pressão sobre Geovana diminuiu significativamente, permitindo-lhe respirar mais facilmente.

"Podemos manter isso por aproximadamente dez minutos," informou o Arquimago, sua voz ressoando com poder contido. "Tempo suficiente para trazer todos os reforços necessários."

Um grito de dor atraiu a atenção de todos. Rafael havia caído, um corte profundo em sua perna impedindo-o de se levantar. Davirian pairava sobre ele, adaga erguida para um golpe final.

"Assim termina a linhagem dos traidores," declarou Davirian, seus olhos brilhando com triunfo sombrio.

"NÃO!" O grito de Geovana rasgou a noite.

Sem pensar, movida apenas por instinto e desespero, ela estendeu uma mão na direção dos irmãos. O medalhão, ainda pressionado contra a pedra com sua outra mão, pulsou em resposta a seu comando não verbalizado.

Um raio de energia azul disparou de seus dedos, atingindo Davirian no peito e lançando-o para longe de Rafael. O líder dos Caçadores caiu pesadamente a vários metros de distância, sua adaga energética derretendo ao contato com o poder puro que Geovana havia canalizado.

Tobal e o Arquimago olharam-na em espanto. "Impossível," murmurou o Arquimago. "Nenhum Guardião consegue canalizar energia assim enquanto mantém um portal."

"Ela não é qualquer Guardiã," respondeu Tobal, um sorriso orgulhoso formando-se em seu rosto enrugado.

Com Davirian temporariamente fora de combate e os reforços eldorianos engajando os Caçadores restantes, a batalha rapidamente virou em favor dos Viajantes. Em minutos, a maioria dos Caçadores havia sido subjugada ou forçada a recuar para a floresta.

Um último grupo de aliados atravessou o portal antes que o Arquimago fizesse um gesto definitivo.

"Precisamos fechá-lo agora," declarou. "Manter aberto por mais tempo pode causar instabilidades perigosas, especialmente antes da Convergência plena."

Geovana assentiu, exausta demais para falar. Com um movimento final, retirou o medalhão da pedra. O portal tremulou e começou a se fechar, o raio de luz diminuindo até desaparecer completamente. O silêncio caiu sobre a clareira, quebrado apenas pelos gemidos dos feridos e o ocasional tilintar de armas sendo recolhidas.

Ignorando a fraqueza em suas pernas, Geovana correu até onde Rafael estava caído. Selyna, a guerreira eldoriana, já estava ajoelhada ao seu lado, aplicando algum tipo de pomada brilhante em seu ferimento.

"Ele ficará bem," assegurou a mulher, olhando para Geovana com olhos que pareciam ver muito mais do que o exterior. "O corte é profundo, mas não atingiu nenhum ponto vital."

"Obrigado por... salvar minha vida," murmurou Rafael, seu rosto pálido com a perda de sangue, mas seus olhos âmbar fixos em Geovana com intensidade.

"Você teria feito o mesmo por mim," respondeu ela, segurando sua mão firmemente.

"Já fiz," lembrou ele com um sorriso fraco. "Mais de uma vez."

Um movimento na periferia da clareira chamou a atenção de todos. Davirian havia recuperado a consciência e estava sendo contido por dois guerreiros eldorianos. Seu rosto contorcido de fúria focava-se não em Rafael, mas em Geovana.

"Isso não acabou," gritou ele. "A verdadeira Convergência ainda está por vir, e vocês não podem protegê-la para sempre!"

"Levem-no para o abrigo," ordenou Tobal. "Ele será julgado adequadamente quando tudo isso acabar."

"Por que não terminam o trabalho agora?" perguntou Davirian amargamente enquanto era arrastado para longe. "Meu irmão sempre teve estômago fraco para fazer o necessário, mas pensei que vocês, Viajantes, fossem mais práticos."

"Não somos como a Ordem," respondeu Tobal firmemente. "Não executamos prisioneiros, não importa seus crimes."

Quando Davirian foi finalmente removido da clareira, Geovana voltou sua atenção para Rafael, que tentava sentar-se apesar dos protestos de Selyna.

"Você deveria descansar," admoestou Geovana, gentilmente colocando uma mão em seu ombro.

"Não há tempo para descanso," respondeu ele, sua voz ganhando força apesar da palidez. "Conseguimos os reforços que precisávamos, mas expusemos nossa posição. Precisamos nos reorganizar antes da verdadeira Convergência."

O Arquimago aproximou-se, apoiando-se em seu cajado ornamentado. De perto, Geovana podia ver que seus olhos eram de um violeta profundo, tão incomuns quanto belos.

"Você deve ser Geovana," disse ele, estudando-a com interesse. "Jurema previu corretamente suas habilidades. Canalizar energia pura enquanto mantém um portal é uma façanha que nenhum Guardião realizou em gerações."

"Não sei como fiz isso," admitiu ela honestamente. "Foi... instintivo."

"Os maiores poderes sempre são," assentiu o Arquimago. Ele olhou para o céu, onde a lua quase cheia brilhava intensamente. "Temos menos de vinte e quatro horas até a Convergência plena. Nesse momento, você deverá fazer muito mais do que abrir um pequeno portal temporário."

"Eu sei," respondeu Geovana, sentindo o peso da responsabilidade retornar. "Precisarei abrir completamente os portais entre os mundos."

"Não apenas isso," corrigiu o Arquimago. "Você precisará reequilibrar as energias que foram distorcidas por mil anos de separação. É um processo delicado e potencialmente perigoso."

"Perigoso como?" perguntou ela, sentindo um nó formar-se em seu estômago.

O Arquimago trocou um olhar com Tobal antes de responder. "O último Guardião que tentou algo semelhante não sobreviveu ao processo. A energia necessária para reequilibrar mundos é... substancial."

Um silêncio pesado seguiu suas palavras. Rafael tentou levantar-se novamente, desta vez conseguindo com a ajuda de Selyna.

"Deve haver outra maneira," insistiu ele, seu olhar alternando entre Tobal e o Arquimago. "Não podemos simplesmente aceitar que Geovana se sacrifique."

"Ninguém falou em sacrifício," respondeu o Arquimago calmamente. "Apenas em risco. E sim, estamos explorando alternativas. É por isso que vim pessoalmente."

Ele voltou-se para Geovana. "Existe um método antigo, registrado apenas em textos preservados em Eldoria, que pode permitir que o Guardião canalize a energia necessária sem consumir-se completamente no processo. Mas requer preparação extensiva e... certas condições específicas."

"Que condições?" perguntou ela.

"Um vínculo," respondeu o Arquimago simplesmente. "Um vínculo profundo com alguém disposto a compartilhar o fardo energético. Alguém compatível com sua assinatura energética específica."

Os olhos de Geovana instintivamente procuraram Rafael, que a observava intensamente.

"Vamos discutir os detalhes no abrigo," interveio Tobal. "Este local não é mais seguro, e todos precisamos de descanso e cuidados."

Enquanto o grupo se reorganizava para retornar ao abrigo, agora ampliado com os guerreiros e sábios eldorianos que haviam atravessado o portal, Geovana permaneceu ao lado de Rafael, que mancava visivelmente apesar da pomada curativa.

"Aquilo que seu irmão disse," começou ela hesitante, "sobre você esconder algo..."

Rafael parou, virando-se para encará-la diretamente apesar de sua óbvia dor. "Davirian dirá qualquer coisa para semear dúvidas e divisão."

"Então não há nada que eu deveria saber? Nada que poderia mudar o que penso sobre você?"

Por um longo momento, Rafael apenas a encarou, seus olhos âmbar refletindo uma luta interna. Finalmente, falou, sua voz baixa e intensa:

"Há coisas no meu passado que não me orgulho, decisões que me assombram. Mas tudo o que sou agora, tudo o que sinto..." ele fez uma pausa, buscando as palavras, "especialmente o que sinto por você, Geovana, é verdadeiro. Isso posso prometer."

Antes que ela pudesse responder, Selyna aproximou-se. "Precisamos partir," informou a guerreira. "Nossos vigias detectaram movimento na floresta. Mais Caçadores estão a caminho."

Com um último olhar carregado de promessas não ditas e verdades ainda por revelar, Rafael e Geovana juntaram-se ao grupo que agora se dirigia rapidamente para o abrigo, levando consigo não apenas a vitória de uma batalha, mas também as sementes de dúvidas sobre o que a verdadeira Convergência traria nas próximas vinte e quatro horas.

**Capítulo 8: Véspera da Convergência**

O abrigo dos Viajantes, antes um santuário tranquilo, havia se transformado em um centro de atividade frenética. Com a chegada dos aliados eldorianos, o espaço parecia simultaneamente menor e mais vivo, preenchido por vozes que alternavam entre português e eldoriano antigo, discutindo estratégias, compartilhando informações e preparando-se para o evento culminante que se aproximava.

Geovana observava tudo de um nicho elevado, onde havia se refugiado momentaneamente para organizar seus pensamentos. Sentia-se exausta, mas estranhamente alerta, como se cada célula de seu corpo estivesse consciente da Convergência iminente.

O medalhão, agora novamente pendurado em seu pescoço, pulsava suavemente contra sua pele, respondendo aos padrões energéticos únicos que saturavam o ambiente com a presença de tantos seres eldorianos em um só lugar.

"Posso me juntar a você?" A voz suave de Selyna interrompeu seus pensamentos.

A guerreira eldoriana de cabelos prateados tinha uma presença imponente mesmo em repouso. Sua armadura opalescente havia sido substituída por vestes mais simples, mas ainda assim elegantes, em tons de azul-cobalto e prata.

"Claro," respondeu Geovana, fazendo espaço no pequeno banco de pedra.

Selyna sentou-se graciosamente ao seu lado, seus olhos — de um azul tão profundo que parecia quase violeta — estudando Geovana com interesse.

"Você parece com ela," comentou a guerreira após um momento.

"Com quem?"

"Jurema. Não na aparência física, é claro, mas na forma como observa tudo, como se estivesse catalogando cada detalhe para analisar mais tarde." Selyna sorriu levemente. "Ela também tinha esse hábito de encontrar pontos elevados para observar."

"Você conheceu bem minha avó?" perguntou Geovana, sinceramente interessada.

"Fomos amigas por muitos anos," respondeu Selyna, uma sombra de nostalgia cruzando seu rosto belíssimo. "Eu participei do resgate que trouxe Rafael para a Terra após o ataque de Davirian. Jurema e eu trabalhamos juntas para estabilizá-lo — seus ferimentos eram graves, não apenas físicos."

"O que quer dizer?"

Selyna hesitou, escolhendo cuidadosamente suas palavras. "Quando alguém é traído por seu próprio sangue, especialmente em nossa cultura, o dano vai além do corpo. A essência, o que vocês chamariam de alma, sofre uma fratura."

"E vocês o curaram," concluiu Geovana.

"Jurema o curou," corrigiu Selyna. "Eu apenas ajudei. Ela tinha um dom extraordinário para reparar danos à essência. Um dom que, suspeito, você também possui."

Geovana olhou para suas próprias mãos, lembrando-se da energia que havia canalizado na clareira. "Não sei nada sobre curar pessoas."

"Não?" Selyna arqueou uma sobrancelha elegante. "O que você fez na clareira, quando Rafael estava prestes a ser morto por seu irmão — aquilo não foi apenas um ataque contra Davirian. Foi também uma proteção para Rafael. A energia que você canalizou era pura, sem a corrupção que geralmente acompanha atos de agressão, mesmo aqueles justificados."

Antes que Geovana pudesse processar esta informação, uma comoção na caverna principal atraiu a atenção de ambas. Rafael havia entrado na área comum, seu ferimento agora adequadamente tratado, permitindo-lhe andar com apenas uma leve manqueira. Ele conversava intensamente com o Arquimago e Tobal, gesticulando ocasionalmente em direção a um mapa estrelado que Validus havia estendido sobre uma mesa grande.

"Ele é teimoso," comentou Selyna, observando-o com uma mistura de exasperação e afeto. "Deveria estar descansando, mas insiste em participar de todos os preparativos."

"Parece que você se importa muito com ele," observou Geovana, tentando manter o tom casual enquanto uma pontada inesperada de algo que se recusava a reconhecer como ciúmes agitava-se em seu peito.

Selyna sorriu de forma enigmática. "Não da maneira que você imagina. Rafael e eu compartilhamos um vínculo de guerreiros, forjado em batalhas e perdas comuns. Em Eldoria, tais vínculos são profundamente respeitados, mas raramente românticos."

Ela estudou o rosto de Geovana por um momento antes de continuar. "Além disso, seu coração já está ocupado há muito tempo, embora ele mesmo talvez não tenha percebido completamente até recentemente."

Antes que Geovana pudesse questionar esta afirmação intrigante, Selyna levantou-se. "Venha. O Arquimago quer discutir o ritual com você, e há algo que você precisa saber antes da Convergência."

Intrigada, Geovana seguiu a guerreira eldoriana até o centro da caverna, onde o pequeno grupo de líderes estava reunido. Rafael ergueu o olhar quando elas se aproximaram, seus olhos âmbar encontrando os de Geovana com uma intensidade que fez seu coração acelerar.

"Ah, Geovana," saudou o Arquimago. "Estávamos justamente discutindo os detalhes do ritual de amanhã à noite."

O idoso eldoriano tinha uma presença que transcendia sua aparência física. Seus cabelos e barba brancos contrastavam com olhos de um violeta profundo que pareciam conter galáxias inteiras. Usava vestes elaboradas em tons de púrpura e azul-escuro, decoradas com símbolos complexos que pareciam mudar sutilmente quando observados diretamente.

"Estamos finalizando os preparativos," explicou Tobal, indicando o mapa estrelado. "A Convergência iniciará exatamente à meia-noite de amanhã, quando as três luas de Eldoria alinharem-se com a lua da Terra."

"Teremos apenas uma janela de aproximadamente vinte minutos," acrescentou o Arquimago. "Durante este período, as barreiras entre os mundos estarão no seu ponto mais fino, permitindo a reconfiguração das frequências dimensionais."

"E como exatamente farei isso?" perguntou Geovana, tentando manter sua voz firme apesar da ansiedade crescente.

O Arquimago trocou olhares com Tobal antes de responder. "O processo tem três fases. Primeiro, você utilizará o medalhão para abrir completamente o portal principal na pedra antiga. Em seguida, precisará canalizar sua energia para estabilizar a abertura. Finalmente, deverá reconfigurar as frequências para permitir um fluxo equilibrado entre os mundos, sem fusão completa nem separação total."

"Parece... complicado," comentou Geovana, sentindo o peso da responsabilidade aumentar exponencialmente.

"É extraordinariamente complicado," confirmou o Arquimago sem rodeios. "É por isso que estamos considerando a abordagem alternativa que mencionei anteriormente."

"O vínculo," lembrou Geovana.

"Exatamente. Um vínculo de energia compartilhada permitiria que você canalizasse mais poder sem esgotar completamente sua essência vital."

Rafael pigarreou, atraindo a atenção do grupo. "Mas tal vínculo tem suas próprias... complicações," disse ele, escolhendo as palavras cuidadosamente. "É permanente e profundamente pessoal."

"Por isso deve ser formado apenas entre pessoas com compatibilidade energética natural," explicou o Arquimago. "E com pleno consentimento de ambas as partes, compreendendo todas as implicações."

Geovana sentiu um calor subir pelo seu rosto enquanto todos os olhares pareciam convergir para ela e Rafael. "Vocês estão sugerindo que eu e Rafael..."

"A compatibilidade entre vocês é óbvia para qualquer um com sensibilidade energética," comentou Selyna diretamente. "Raramente vi padrões que se complementam tão perfeitamente."

"Mas há mais em jogo aqui do que apenas compatibilidade técnica," interveio Tobal, lançando um olhar significativo para Rafael. "Um vínculo desta natureza requer absoluta honestidade entre as partes. Nenhum segredo, nenhuma sombra."

Um silêncio tenso seguiu suas palavras. Rafael desviou o olhar brevemente, sua expressão tornando-se guardada.

"Que segredos?" perguntou Geovana diretamente, olhando de Tobal para Rafael. "O que você não está me contando?"

O Arquimago ergueu uma mão em gesto apaziguador. "Todos temos nosso passado, jovem Guardiã. E alguns de nós carregamos fardos mais pesados que outros."

"Não," disse Rafael subitamente, sua voz firme. "Tobal está certo. Se estamos considerando um vínculo, Geovana merece saber tudo." Ele se virou para encará-la diretamente. "Podemos falar em privado?"

"Claro," respondeu ela, o coração acelerando com apreensão.

O Arquimago assentiu. "Temos muito a preparar de qualquer forma. Tomaremos uma decisão final sobre o método do ritual até o amanhecer."

Enquanto os outros se dispersavam para continuar os preparativos, Rafael guiou Geovana para uma seção mais isolada da caverna — um pequeno nicho natural onde cristais particularmente grandes criavam um ambiente de privacidade relativa.

Por alguns momentos, ele apenas permaneceu ali, como se reunisse coragem. Geovana esperou pacientemente, percebendo a luta interna refletida em seu rosto.

"O que Davirian disse na clareira," começou ele finalmente, "sobre eu esconder algo de você... não estava completamente errado."

"Eu imaginei," respondeu ela suavemente, sem acusação na voz. "Existe uma conexão entre nós desde o início que vai além do que seria normal, mesmo nesta situação extraordinária."

Rafael assentiu lentamente. "Não é a primeira vez que nos encontramos, Geovana."

A afirmação pairou entre eles como algo físico. Geovana franziu o cenho, tentando processar a informação.

"Como assim? Tenho certeza que lembraria se tivéssemos nos conhecido antes."

"Você tinha apenas seis anos," explicou ele. "Foi em Cuiabá, na casa de sua avó Jurema."

Uma memória difusa tentou emergir na mente de Geovana — uma tarde quente de verão, o quintal cheio de plantas exóticas de sua avó, um jovem estrangeiro com olhos dourados incomuns conversando em voz baixa com Jurema enquanto ela, criança, brincava próxima...

"Você estava lá," murmurou ela, a memória cristalizando-se lentamente. "Mas não tinha a cicatriz ainda."

"Não," confirmou Rafael, tocando inconscientemente a marca em seu rosto. "Isso veio depois. Eu visitava Jurema regularmente para relatórios sobre a situação dos Viajantes na Terra e... para verificar você."

"Verificar-me?"

Rafael respirou fundo. "Jurema e eu estávamos monitorando seu desenvolvimento. O despertar de seus poderes latentes poderia ter começado a qualquer momento, e precisávamos estar preparados."

"Então eu fui... o quê? Uma missão para você durante toda a minha vida?" A dor em sua voz era evidente.

"Não," respondeu ele rapidamente, dando um passo em sua direção. "No início, sim, era apenas minha responsabilidade como Guardião. Mas então..."

"Então o quê?" pressionou ela quando ele hesitou.

"Então você cresceu," disse simplesmente. "E cada vez que eu a via, mesmo que de longe, mesmo que por breves momentos durante minhas visitas esporádicas a Jurema, algo mudava em mim. Quando sua avó faleceu e você se mudou para Luziânia, eu... me ofereci para ser seu protetor principal."

"Por quê?"

Rafael desviou o olhar, fixando-o nos cristais brilhantes acima. "Porque, contra todas as regras e bom senso, eu havia desenvolvido sentimentos por você. Sentimentos que um Guardião não deveria ter por sua protegida."

O coração de Geovana saltou em seu peito, mas algo ainda não se encaixava. "Há mais, não é? Algo que você ainda não disse."

Ele assentiu lentamente, seus olhos âmbar finalmente retornando aos dela. "A última vez que a vi antes de nos reencontrarmos no museu foi há três anos. Você tinha acabado de se mudar para Luziânia e estava descarregando suas coisas no novo apartamento."

"Lembro desse dia," murmurou ela. "Foi quando..."

"Quando você teve o acidente," completou ele, sua voz baixando. "O carro que quase a atropelou quando você atravessava a rua com caixas."

Geovana sentiu um arrepio percorrer sua espinha. "Como sabe disso? Eu nunca contei a ninguém aqui em Luziânia sobre esse acidente."

"Porque eu estava lá," confessou Rafael, sua voz agora quase inaudível. "Eu estava observando você de longe, como fazia periodicamente. Vi o carro vindo em alta velocidade, vi que você não o notaria a tempo."

A compreensão atingiu Geovana como uma onda física. "Você me salvou."

"Usei meus poderes para desviá-lo no último segundo," continuou ele. "Mas o motorista perdeu completamente o controle. O carro capotou e..."

"O motorista morreu," completou ela, lembrando-se do horror daquele dia, do som do impacto, dos gritos dos pedestres. "Você está dizendo que..."

"Que salvei sua vida às custas de outra," concluiu Rafael, seu rosto contorcido em uma expressão de dor antiga. "Não era minha intenção que ele morresse. Queria apenas desviar o carro, mas usei força demais, desespero demais."

Geovana sentou-se lentamente em um banco de pedra próximo, sentindo suas pernas fraquejarem. "Por isso você desapareceu por três anos. Por isso apenas observava de longe."

Ele assentiu, mantendo distância, como se esperasse que ela o rejeitasse a qualquer momento.

"Os Viajantes têm um código rigoroso sobre interferência no destino," explicou. "O que fiz foi considerado uma violação grave. Fui temporariamente destituído de minhas funções e proibido de fazer contato direto com você."

"Mas então por que voltou? Por que o museu, o medalhão?"

"Porque Tobal intercedeu por mim junto ao Conselho dos Viajantes. Argumentou que minha conexão com você poderia ser vital durante a Convergência." Ele fez uma pausa, passando a mão pelos cabelos em um gesto de frustração. "E porque, independentemente das regras, eu sabia que precisaria estar perto quando Davirian finalmente a encontrasse."

Um silêncio pesado instalou-se entre eles enquanto Geovana processava tudo o que havia descoberto. Rafael permaneceu imóvel, seu rosto uma máscara de resignação, como se já esperasse o pior.

"Por que me conta isso agora?" perguntou ela finalmente.

"Porque o vínculo que precisaríamos formar para o ritual exige absoluta verdade entre nós," respondeu ele. "E porque..." hesitou, "porque você merece saber exatamente quem sou antes de decidir se quer compartilhar qualquer tipo de conexão comigo."

Geovana levantou-se lentamente, observando o homem à sua frente — o Guardião marcado pelas chamas, cujo passado era ainda mais complexo e entrelaçado com o dela do que jamais imaginara.

"Você se culpa pela morte daquele homem," afirmou ela, não como pergunta.

"Todo dia," admitiu Rafael. "Foi um reflexo, um instinto de proteção, mas ainda assim... uma vida foi perdida por minha causa."

"Por minha causa," corrigiu ela suavemente.

Rafael balançou a cabeça veementemente. "Não, a responsabilidade é inteiramente minha. A decisão foi minha."

"Uma decisão tomada em um instante, para salvar alguém que você jurou proteger," observou ela, dando um passo em sua direção. "Não estou dizendo que não foi trágico. Foi. Mas carregar essa culpa sozinho por três anos..."

"Mereço cada momento dela," insistiu ele.

"E o motorista?" perguntou Geovana. "Você sabe algo sobre ele?"

Rafael desviou o olhar novamente, a dor em seu rosto intensificando-se. "Era um homem de 36 anos. Estava embriagado ao volante. Tinha três infrações anteriores por excesso de velocidade. Deixou uma ex-esposa e um filho de 10 anos."

"Você os procurou," percebeu ela.

"Fiz o que pude para ajudá-los anonimamente. Garanti que recebessem uma compensação financeira substancial, embora isso nunca possa repor a perda."

Geovana deu outro passo adiante, agora a apenas centímetros dele. Rafael permaneceu imóvel, como se temesse que qualquer movimento pudesse quebrá-la ou afastá-la.

"Obrigada," disse ela simplesmente.

Confusão cruzou o rosto dele. "Pelo quê?"

"Por salvar minha vida. Por cuidar daquela família. Por me contar a verdade, mesmo sabendo que poderia me afastar de você."

"Eu entenderia se você não quisesse mais nada comigo," disse ele, sua voz rouca. "Se quisesse outro parceiro para o vínculo, ou mesmo tentar o ritual sem—"

Geovana interrompeu-o colocando gentilmente a mão sobre seus lábios. "Rafael, desde o momento em que nos conhecemos — ou melhor, nos reencontramos — no museu, senti uma conexão que não conseguia explicar. Como se parte de mim já o conhecesse, já confiasse em você instintivamente."

Ela retirou a mão, mas permaneceu próxima. "Essa explicação não muda o que sinto. Na verdade, apenas confirma que o que está crescendo entre nós não começou há alguns dias, mas vem de muito antes."

Os olhos âmbar de Rafael brilharam com uma intensidade que fez o coração de Geovana acelerar. "O que exatamente está crescendo entre nós, Geovana?"

Em resposta, ela eliminou a distância final entre eles. Erguendo-se ligeiramente na ponta dos pés, tocou gentilmente a cicatriz em seu rosto com as pontas dos dedos — um toque delicado, quase reverente.

"Algo que transcende mundos," murmurou ela, antes de fechar a distância completamente e pressionar seus lábios contra os dele.

O beijo começou suave, hesitante, como uma pergunta. Mas quando Rafael respondeu, envolvendo-a em seus braços e aprofundando o contato, transformou-se rapidamente em algo mais — uma promessa, uma confirmação, um vínculo já começando a se formar.

Quando finalmente se separaram, ofegantes, o medalhão entre eles brilhava com uma intensidade que nunca havia demonstrado antes, pulsando em perfeita sincronia com seus corações acelerados.

"Nunca senti nada assim," sussurrou Geovana, maravilhada tanto pelo beijo quanto pela reação do medalhão.

"Nem eu," confessou Rafael, sua voz embargada pela emoção. "E já vivi muito mais que você."

Ela sorriu, repousando a cabeça contra seu peito, sentindo o batimento forte e constante de seu coração. "Então está decidido? Faremos o vínculo para o ritual?"

Rafael afastou-se ligeiramente para olhá-la nos olhos. "Você entende o que isso significa? Um vínculo desse tipo não é temporário. Mesmo após a Convergência, continuaríamos conectados em um nível fundamental."

"Estou ciente," respondeu ela, sustentando seu olhar. "E não vejo isso como um problema, mas como um início."

Antes que Rafael pudesse responder, o som de passos aproximando-se interrompeu o momento íntimo. Selyna apareceu na entrada do nicho, seu rosto normalmente composto traindo preocupação.

"Desculpem a intrusão," disse ela rapidamente, "mas temos um problema. Davirian escapou."

"O quê?" exclamaram Rafael e Geovana simultaneamente.

"Como isso é possível?" perguntou Rafael, sua postura mudando instantaneamente para alerta máximo. "Ele estava sob guarda constante."

"Aparentemente, tinha ajuda do lado de fora," explicou Selyna. "Um dos Caçadores conseguiu se infiltrar entre nós durante a confusão do retorno ao abrigo. Libertou Davirian e mais três prisioneiros há cerca de vinte minutos."

"E ninguém notou até agora?" questionou Rafael incredulamente.

"O traidor usou algum tipo de dispositivo de supressão energética. Nossos alarmes só detectaram a fuga quando já estavam bem longe do perímetro imediato."

Tobal e o Arquimago juntaram-se a eles, ambos com expressões graves.

"Isso muda nossos planos," declarou Tobal. "Davirian conhece nossa estratégia e certamente tentará impedir o ritual amanhã."

"Precisamos ajustar nossos planos," concordou o Arquimago. "E fortalecer nossas defesas."

"Quanto ao vínculo?" perguntou Selyna, olhando significativamente para Rafael e Geovana, notando sua proximidade e o brilho intensificado do medalhão.

"Está decidido," respondeu Geovana com firmeza. "Faremos o vínculo."

Rafael assentiu em concordância silenciosa, seu olhar nunca deixando o rosto dela.

"Então não há tempo a perder," disse o Arquimago. "O ritual do vínculo deve ser realizado antes do amanhecer se quisermos que esteja completamente estabilizado até a Convergência."

"Eu supervisarei os preparativos," ofereceu Selyna. "Lyra e Nara podem assistir."

Enquanto o grupo saía para preparar o ritual do vínculo, Rafael segurou Geovana brevemente.

"Tem certeza?" perguntou ele uma última vez, seus olhos intensos buscando qualquer sinal de dúvida nos dela. "Uma vez feito..."

"Tenho certeza," interrompeu ela, entrelaçando seus dedos com os dele. "Talvez seja o único aspecto de toda esta loucura sobre o qual não tenho dúvidas."

Rafael sorriu então — um sorriso raro e pleno que transformou completamente seu rosto austero, suavizando até mesmo a cicatriz em forma de chama. Naquele momento, Geovana vislumbrou o homem que ele poderia ter sido sem o peso do dever e da tragédia.

"Então vamos criar um vínculo," disse ele, "e enfrentar os dois mundos juntos."

Mão na mão, seguiram para a câmara central onde o ritual seria preparado. O medalhão continuava a pulsar entre eles, como se aprovasse a união iminente entre a última Guardiã e o Guardião marcado pelas chamas — uma união que poderia ser a chave para salvar não apenas suas vidas durante a Convergência, mas potencialmente dois mundos inteiros à beira do colapso.

**Capítulo 9: A Convergência**

A câmara ritual estava iluminada por dezenas de cristais dispostos em um padrão circular complexo. No centro, um símbolo havia sido desenhado no chão de pedra — a familiar lua crescente com três estrelas, mas elaborado com detalhes intrincados que se estendiam em espirais delicadas até a borda do círculo. Cristais de várias cores — predominantemente azuis, prateados e violeta — foram colocados em pontos específicos do desenho, criando um caminho de luz que convergia para o centro.

Geovana e Rafael permaneciam em lados opostos do círculo, cada um vestido com túnicas cerimoniais de um azul profundo, bordadas com constelações prateadas que pareciam mover-se subtilmente à luz oscilante dos cristais. O medalhão repousava em uma pequena plataforma de cristal no centro exato do círculo, pulsando com luz própria como se reconhecesse a importância do momento.

O Arquimago posicionou-se ao norte do círculo, Tobal ao sul, Selyna a leste e Lyra a oeste — formando os quatro pontos cardeais que ancorariam o ritual. Outros Viajantes, tanto terrestres quanto eldorianos, formavam um círculo externo, suas vozes unidas em um cântico suave em eldoriano antigo que ressoava pela caverna em harmonia perfeita.

"O ritual do vínculo energético é um dos mais antigos e poderosos conhecidos pelos Viajantes," explicou o Arquimago, sua voz amplificada pela acústica natural da câmara. "Raramente realizado, nunca tomado levianamente. Uma vez estabelecido, o vínculo permanecerá enquanto ambos viverem."

Ele ergueu as mãos, e os cristais intensificaram seu brilho em resposta.

"Este ritual não pode ser forçado, nem induzido por magia. Funciona apenas se já existir uma conexão natural entre os participantes — uma afinidade de essências que transcende o físico e o místico."

Geovana olhou para Rafael através do círculo. Mesmo à distância, podia sentir a intensidade de seu olhar âmbar, a certeza em seu rosto normalmente guardado. A cicatriz em forma de chama parecia brilhar levemente sob a luz dos cristais, quase viva.

"Estão ambos aqui por livre vontade?" perguntou o Arquimago formalmente. "Com plena compreensão do que este vínculo significa e implica?"

"Estou," respondeu Rafael, sua voz clara e firme.

"Estou," ecoou Geovana, surpresa com a força em sua própria voz.

O Arquimago assentiu, satisfeito. "Então iniciamos."

Ao seu sinal, Selyna e Lyra avançaram, carregando pequenos cálices de cristal contendo um líquido azul brilhante semelhante ao elixir que Nara havia dado a Geovana anteriormente. Selyna aproximou-se de Rafael enquanto Lyra dirigia-se a Geovana.

"O Elixir da Verdade Essencial," explicou Lyra baixinho enquanto oferecia o cálice. "Revela sua verdadeira natureza energética e abre seus canais para o vínculo."

Geovana aceitou o cálice, sentindo o líquido vibrar levemente contra o cristal, como se estivesse vivo.

"Bebam quando o cântico atingir seu ápice," instruiu o Arquimago.

O coro de vozes elevou-se gradualmente, as harmonias complexas entrelaçando-se e ressoando através da câmara. Os cristais no círculo respondiam à música, pulsando em uníssono como um único organismo vivo. Quando o cântico alcançou uma nota sustentada particularmente aguda, o Arquimago fez um gesto decisivo.

Geovana e Rafael beberam simultaneamente.

O efeito foi instantâneo e avassalador. Geovana sentiu como se seu corpo inteiro tivesse se transformado em luz pura. Podia ver — não com os olhos, mas com algum sentido completamente novo — sua própria essência energética, uma matriz complexa de azul-prateado que formava seu verdadeiro ser. Mais impressionante ainda, podia ver a essência de Rafael do outro lado do círculo — um padrão de chamas azuis e douradas que dançava em perfeita simetria com o seu próprio.

"Avancem para o centro," instruiu a voz do Arquimago, soando estranhamente distante apesar de sua proximidade.

Como em transe, ambos deram passos lentos e deliberados em direção ao centro do círculo, onde o medalhão aguardava. Cada passo fazia os cristais ao redor brilharem mais intensamente, respondendo à crescente proximidade das energias complementares.

Quando se encontraram no centro, face a face, Geovana podia literalmente ver os fios de energia estendendo-se entre eles, buscando conexão.

"Toquem o medalhão juntos," orientou o Arquimago, "e então toquem um ao outro."

Em perfeita sincronia, Geovana e Rafael estenderam as mãos para o medalhão, seus dedos se encontrando sobre a pedra azul central. Uma onda de energia percorreu ambos no momento do contato, fazendo-os ofegar simultaneamente. O medalhão elevou-se levemente da plataforma, suspendendo-se entre suas mãos unidas, agora brilhando tão intensamente que iluminava toda a câmara com luz azul-prateada.

"Agora," disse o Arquimago, "olhem um nos olhos do outro e abram completamente suas essências."

Geovana ergueu o olhar para encontrar os olhos âmbar de Rafael. Naquele instante, todas as barreiras entre eles caíram.

Foi como mergulhar em um oceano infinito de memórias, sentimentos e sensações. Geovana viu a infância de Rafael em Eldoria — um mundo de beleza indescritível com céus violeta e cidades de cristal; sentiu seu amor pelo irmão mais velho, Davirian, que o protegia e ensinava; experimentou seu horror durante a Purga e a dor lancinante da traição quando aquele mesmo irmão atacou-o, deixando a marca em forma de chama em seu rosto.

Viu os anos de exílio na Terra, o treinamento com Jurema, as décadas de dever solitário como Guardião. E, mais surpreendente, viu a si mesma através dos olhos dele — primeiro como uma criança curiosa no quintal de sua avó, depois como uma jovem mulher na distância, e finalmente nos últimos dias, quando sentimentos há muito reprimidos finalmente encontraram expressão.

Simultaneamente, sabia que Rafael experimentava suas próprias memórias — sua infância em Cuiabá, a conexão especial com a avó Jurema, os relacionamentos fracassados, a mudança para Luziânia, o acidente que quase lhe custou a vida, e finalmente, a extraordinária jornada dos últimos dias que havia transformado sua compreensão de si mesma e do universo.

"O vínculo está se formando," anunciou o Arquimago. "Agora, toquem seus corações um ao outro."

Sem quebrar o contato visual ou soltar o medalhão, ambos ergueram as mãos livres e as colocaram sobre o peito um do outro, diretamente sobre o coração. No instante do contato, um clarão de luz azul-dourada emanou deles, expandindo-se em uma onda que atravessou a câmara inteira.

Geovana sentiu algo se entrelaçar com sua própria essência — a energia de Rafael, distinta mas harmoniosamente complementar, fundindo-se com a sua própria sem perder sua individualidade. Era como se uma parte dele agora residisse nela, e vice-versa, criando algo novo e maior que a soma de suas partes.

"Está feito," declarou o Arquimago quando a luz finalmente diminuiu. "O vínculo está formado."

Quando a visão expandida de Geovana retornou à normalidade, ela percebeu que ainda estavam no centro do círculo, o medalhão novamente repousando na plataforma, mas algo havia mudado fundamentalmente. Podia sentir Rafael, não apenas fisicamente, mas em um nível mais profundo — sua presença, suas emoções, a própria essência de seu ser agora conectada à sua.

"O que está sentindo?" perguntou Tobal, aproximando-se cautelosamente do círculo.

"Tudo," respondeu Geovana em um sussurro maravilhado. "Posso senti-lo, como se parte dele estivesse dentro de mim."

Rafael assentiu, igualmente atônito. "É... extraordinário." Ele estendeu a mão, tocando gentilmente o rosto de Geovana. "Posso sentir sua energia fluindo através de mim, complementando a minha."

O Arquimago aproximou-se, estudando-os com aprovação. "O vínculo é excepcionalmente forte. Raramente vi uma integração tão completa na primeira tentativa."

"O que isso significa para o ritual da Convergência?" perguntou Geovana, ainda tentando adaptar-se à estranha sensação de dualidade — ser completamente ela mesma e, ao mesmo tempo, estar conectada a outro ser em um nível fundamental.

"Significa que vocês poderão compartilhar o fardo energético durante o ritual," explicou o Arquimago. "Rafael poderá sustentar parte da carga que normalmente consumiria completamente suas reservas vitais."

"Será suficiente?" perguntou Rafael, sua preocupação por Geovana claramente visível em seu rosto e agora perceptível através do vínculo.

"Acreditamos que sim," respondeu Tobal. "Mas o ritual da Convergência ainda será extremamente exigente. Ambos precisarão descansar e recuperar-se completamente antes de amanhã à noite."

As horas seguintes passaram em um borrão para Geovana. Após o ritual do vínculo, foi conduzida de volta ao seu nicho privado para descansar, mas o sono demorou a chegar. A sensação da presença constante de Rafael através do vínculo era simultaneamente reconfortante e desconcertante — como aprender a viver com um novo sentido que não sabia que precisava.

Quando finalmente adormeceu, seus sonhos foram intensos e vívidos. Viu Eldoria com uma claridade que nunca havia experimentado antes — não apenas imagens fragmentadas, mas paisagens completas, cidades, pessoas. Viu as três luas no céu violeta, sentiu a energia única daquele mundo fluindo através de si como se já tivesse estado lá.

E percebeu, com uma sensação de maravilhamento, que estava experimentando as memórias de Rafael através do vínculo, mesmo durante o sono.

Acordou ao som de movimento na caverna principal. Por um momento, ficou desorientada, incerta se estava em seu apartamento em Luziânia ou no abrigo dos Viajantes. Então sentiu a presença quente e constante de Rafael através do vínculo, e tudo voltou — o ritual, o vínculo, a Convergência que aconteceria naquela noite.

Levantou-se rapidamente, vestiu-se com as roupas preparadas para o dia — calças justas de material resistente, uma túnica azul-escuro reforçada e botas leves mas duráveis. O medalhão, que agora parecia uma extensão de si mesma, pulsava suavemente contra seu peito em sintonia com seus batimentos cardíacos.

Na câmara principal, o abrigo fervilhava de atividade. Viajantes e guerreiros eldorianos moviam-se com propósito, preparando armas, estudando mapas, verificando cristais de comunicação. A tensão no ar era palpável — aquele dia que aguardavam há gerações finalmente havia chegado.

Rafael encontrou-a quase imediatamente, como se tivesse sentido seu despertar através do vínculo. Também estava vestido para a batalha, com sua armadura leve reforçada por placas protetoras nos pontos vitais, o bastão de chamas preso às suas costas.

"Como está se sentindo?" perguntou ele, seus olhos examinando-a com preocupação.

"Diferente," respondeu ela honestamente. "Mas de um jeito bom. É como se... como se estivesse mais completa agora."

Um sorriso raro iluminou o rosto de Rafael. "Sei exatamente o que quer dizer."

Tobal aproximou-se deles, acompanhado pelo Arquimago e Selyna. "Os preparativos estão quase completos," informou o idoso. "Nossos observadores relatam atividade significativa dos Caçadores na região da pedra antiga."

"Davirian está reunindo suas forças," acrescentou Selyna. "Nossos relatórios indicam pelo menos trinta Caçadores posicionados estrategicamente ao redor da clareira, provavelmente mais escondidos na floresta."

"E nossos números?" perguntou Rafael.

"Vinte e dois guerreiros treinados," respondeu Selyna. "Mais os doze Viajantes com habilidades ofensivas úteis."

"Estamos em desvantagem numérica," observou Geovana.

"Em números puros, sim," concordou o Arquimago. "Mas temos o elemento surpresa do nosso lado. Davirian espera que abordemos diretamente pela trilha principal. Não sabe sobre o caminho alternativo que descobrimos."

Validus se juntou ao grupo, desenrolando um mapa da região sobre uma mesa próxima. "Nossa rota," explicou, apontando para uma linha traçada através de uma parte densamente florestada da montanha. "É mais árdua e demorada, mas nos permitirá flanquear a posição principal dos Caçadores."

"O plano," continuou Tobal, "é que nosso grupo principal crie uma distração no lado oposto da clareira. Enquanto Davirian concentra suas forças ali, um grupo menor — você, Rafael, Selyna e eu — levará Geovana para a pedra antiga através desta rota menos vigiada."

"Quanto tempo temos?" perguntou Geovana.

"A Convergência iniciará exatamente à meia-noite," respondeu o Arquimago. "O alinhamento perfeito das três luas de Eldoria com a lua da Terra durará aproximadamente dezessete minutos. É nossa janela para realizar o ritual."

"E se Davirian conseguir nos impedir?" A pergunta que todos temiam finalmente foi verbalizada por Rafael.

Um silêncio pesado caiu sobre o grupo. Foi o Arquimago quem finalmente respondeu, sua voz grave:

"Se a Convergência passar sem que o ritual seja realizado, o declínio de Eldoria se tornará irreversível. Em questão de anos, a energia que sustenta nosso mundo se esgotará completamente. Milhões perecerão." Ele fez uma pausa significativa. "E a Terra também sentirá o impacto. O que vocês chamam de desastres naturais — terremotos, tsunamis, furacões — aumentarão exponencialmente à medida que o equilíbrio entre os mundos colapsa."

"Então não podemos falhar," concluiu Geovana simplesmente.

As horas seguintes foram dedicadas aos preparativos finais. Geovana recebeu instruções detalhadas sobre o ritual da Convergência — os gestos precisos, as palavras em eldoriano antigo que precisaria recitar, a sequência exata de manipulações energéticas necessárias para reabrir e reequilibrar os portais.

Rafael raramente deixou seu lado, sua presença constante através do vínculo proporcionando um ancoramento que ela não sabia que precisava. Quando ocasionalmente se afastava para ajudar com algum preparativo, Geovana podia ainda sentir sua presença, uma certeza reconfortante de que não estava sozinha nesta jornada extraordinária.

À medida que o dia avançava e o sol começava a se pôr além das paredes da caverna, a tensão no abrigo intensificou-se. Guerreiros verificavam suas armas uma última vez. Viajantes com habilidades curativas preparavam poções e elixires de emergência. Mapas eram estudados, planos revisados, contingências estabelecidas.

Finalmente, quando a noite caiu completamente, Tobal reuniu todos na câmara principal.

"O momento chegou," anunciou ele, sua voz ressoando pelo abrigo. "Por mil anos, aguardamos esta Convergência. Por mil anos, preservamos nosso conhecimento e nossas tradições, esperando pela oportunidade de restaurar o equilíbrio entre os mundos."

Seus olhos percorreram os rostos atentos à sua frente.

"Muitos de nossos antepassados sacrificaram-se para que chegássemos a este momento. Outros lutaram e morreram para manter viva a chama da esperança. Hoje, honramos seu sacrifício."

O Arquimago juntou-se a ele, seu porte majestoso comandando atenção imediata.

"Esta noite não lutamos apenas por Eldoria, nem apenas pela Terra. Lutamos pelo equilíbrio natural do multiverso, pela ordem fundamental que sustenta todas as realidades."

Ele ergueu seu cajado, que acendeu com luz própria, iluminando toda a câmara.

"Que a luz dos três mundos nos guie!"

"Que a luz dos três mundos nos guie!" ecoou o grupo em uníssono, dezenas de vozes unidas em propósito comum.

Geovana sentiu uma onda de emoção percorrê-la ao participar daquele antigo juramento. Através do vínculo, percebeu que Rafael estava igualmente comovido, décadas de dedicação à causa culminando naquela noite decisiva.

O grupo dividiu-se conforme o plano. A maioria dos guerreiros, liderados pelo Arquimago e Validus, partiria primeiro para estabelecer posições ao redor da clareira. O grupo menor de Geovana seguiria trinta minutos depois, utilizando a rota alternativa e mais discreta.

Enquanto os preparativos finais eram realizados, Rafael puxou Geovana para um lado.

"Preciso que você saiba," disse ele, sua voz baixa mas intensa, "que não importa o que aconteça esta noite, formar o vínculo com você foi a melhor decisão que já tomei."

Geovana sorriu, tocando suavemente a cicatriz em seu rosto. "Posso literalmente sentir que está falando a verdade."

"É estranho não ter mais segredos," admitiu ele. "Mas libertador também."

"Quando isso tudo acabar," disse ela, "teremos muito a descobrir um sobre o outro. Uma vida inteira, talvez."

"Eu gostaria disso," respondeu ele suavemente, inclinando-se para beijá-la.

O beijo foi diferente dos anteriores — mais profundo, mais conectado, amplificado pelo vínculo que agora compartilhavam. Geovana podia sentir não apenas suas próprias emoções, mas também as dele — a intensidade de seus sentimentos por ela, a determinação de protegê-la, o medo de falhar, e acima de tudo, a esperança de um futuro juntos.

Quando se separaram, Selyna aproximou-se, seu rosto impassível como sempre, mas seus olhos traindo um brilho de aprovação.

"É hora," anunciou ela. "O primeiro grupo está em posição. Devemos partir agora para chegar à clareira no momento planejado."

O pequeno grupo — Geovana, Rafael, Selyna e Tobal — fez uma última verificação de equipamentos antes de dirigir-se à saída secreta do abrigo. Esta abertura, diferente da entrada principal, conduzia a um túnel estreito que emergia em uma fenda rochosa a cerca de um quilômetro de distância, bem afastada dos caminhos vigiados pelos Caçadores.

A noite estava extraordinariamente clara, o céu pontuado por milhares de estrelas brilhantes. A lua, agora completamente cheia, pairava grande e luminosa no firmamento, banhando a floresta em luz prateada que criava um cenário quase mágico.

"A energia já está aumentando," comentou Tobal enquanto avançavam silenciosamente pela trilha estreita. "Podem sentir?"

Geovana assentiu, percebendo a vibração sutil no ar, como eletricidade estática que fazia os pelos de seus braços se arrepiarem. O medalhão em seu peito estava mais quente que o normal, pulsando com um ritmo acelerado que parecia responder à proximidade da Convergência.

Rafael movia-se à frente do grupo, seus sentidos aguçados alertas para qualquer sinal de perigo. Através do vínculo, Geovana podia sentir sua concentração intensa, sua mente calculando constantemente riscos e avaliando o ambiente.

"Silêncio absoluto daqui em diante," instruiu ele em um sussurro quase inaudível quando começaram a se aproximar da área que poderia estar sob vigilância dos Caçadores. "Comuniquem-se apenas por gestos."

Os minutos que seguiram foram de tensão palpável. Cada passo era cuidadosamente calculado, cada movimento estudado para evitar qualquer som que pudesse alertar sentinelas ocultas. A trilha alternativa era íngreme e traiçoeira em alguns pontos, exigindo que escalassem pequenas formações rochosas ou deslizassem por encostas íngremes.

Finalmente, após o que pareceu uma eternidade de avanço meticuloso, chegaram a um ponto elevado que oferecia visão para a clareira da pedra antiga. O que viram fez seus corações afundarem.

A clareira havia sido completamente transformada. Tochas em tripés metálicos formavam um círculo perfeito ao redor da pedra central, iluminando a área com claridade quase diurna. Pelo menos vinte Caçadores em armaduras negras com detalhes vermelhos patrulhavam em formações precisas, todos armados com adagas energéticas e o que pareciam ser dispositivos tecnológicos avançados.

No centro de tudo, ao lado da pedra antiga, estava Davirian. Não mais vestido como o professor Henrique Mendes, nem mesmo com as vestes simples de Caçador que usara antes, mas com uma armadura ornamentada em negro e vermelho-sangue que denotava sua posição como líder supremo da Ordem. Em sua mão, uma espada energética muito mais elaborada que as adagas comuns emitia um brilho vermelho pulsante que parecia absorver a luz ao redor.

"Ele trouxe a Espada do Equilíbrio," sussurrou Rafael, horror evidente em sua voz. "É um artefato antigo, supostamente capaz de cortar conexões entre mundos."

"Como ele a conseguiu?" perguntou Tobal, igualmente perturbado. "Estava guardada no Santuário Interior de Eldoria há séculos."

"O que isso significa para o ritual?" questionou Geovana, sentindo um nó formar-se em seu estômago.

Rafael e Tobal trocaram olhares preocupados. "Significa que ele não planeja apenas impedir o ritual," respondeu Rafael gravemente. "Pretende cortar permanentemente a conexão entre os mundos, de uma forma que nem mesmo uma futura Convergência poderia restaurar."

Um estrondo distante interrompeu a conversa. Do lado oposto da clareira, flashes de luz azul e vermelha indicavam que a distração planejada havia iniciado. O Arquimago e seu grupo haviam engajado os Caçadores posicionados na borda norte, atraindo a atenção para longe da aproximação sul onde Geovana e seu grupo aguardavam.

"É nossa chance," declarou Selyna, desembainhando sua espada cristalina. "A maioria dos guardas está se dirigindo para o conflito."

De fato, Davirian havia enviado a maior parte de seus Caçadores para reforçar o perímetro norte, deixando apenas seis guardas próximos à pedra central.

"Vamos," instruiu Rafael, seu bastão de chamas já em mãos e aceso. "Rápido e silencioso até chegarmos à clareira. Então, Selyna e eu abriremos caminho até a pedra enquanto Tobal protege Geovana."

O grupo deslizou silenciosamente pela encosta, aproveitando as sombras e a distração da batalha distante. Alcançaram a borda da clareira sem serem detectados, agachando-se entre arbustos densos para uma última avaliação da situação.

"Pronta?" perguntou Rafael a Geovana, seus olhos âmbar intensos no escuro.

Ela assentiu, sentindo a determinação fluir através do vínculo entre eles. "Pronta."

A investida foi rápida e decisiva. Rafael e Selyna emergiram das sombras como relâmpagos, seus movimentos tão sincronizados que pareciam ter ensaiado por meses. O bastão de chamas de Rafael traçou arcos letais de luz azul no ar, enquanto a espada cristalina de Selyna cortava com precisão cirúrgica, ambos visando incapacitar, não matar.

Quatro dos seis guardas foram subjugados antes mesmo que pudessem soar o alarme. Os dois restantes reagiram rapidamente, suas adagas energéticas acendendo-se em preparação para a luta, mas foram rapidamente cercados.

Foi então que Davirian virou-se, seus olhos encontrando os de Rafael através da clareira. Um sorriso frio curvou seus lábios.

"Irmãozinho," chamou ele, sua voz carregando facilmente apesar da distância. "Pontual como sempre. E trouxe a preciosa Guardiã, vejo."

Com um gesto casual da mão que não empunhava a espada, Davirian ativou algo em seu pulso. Imediatamente, o chão ao redor da pedra antiga iluminou-se com um padrão complexo que não estava lá antes — um contra-círculo ritual, preparado antecipadamente.

"Acha mesmo que eu não esperaria por você?" riu Davirian. "Que não saberia exatamente como planejaria seu ataque?"

Rafael respondeu avançando em direção ao irmão, seu bastão de chamas erguido. "Acabou, Davi. Não pode impedir a Convergência."

"Impedir?" Davirian sorriu mais amplamente, um sorriso que não alcançava seus olhos frios. "Não quero impedi-la. Quero usá-la."

Esta declaração parou Rafael momentaneamente. "O que quer dizer?"

Em resposta, Davirian ergueu a Espada do Equilíbrio, que pulsou com luz vermelha intensificada. "Esta relíquia não apenas corta conexões, irmão. Nas mãos certas, durante uma Convergência, pode remodelar a própria natureza da conexão entre mundos."

Ele deu um passo à frente, seus olhos agora fixos em Geovana, que havia emergido das sombras com Tobal ao seu lado.

"Imagine, jovem Guardiã, um mundo onde Eldoria absorve a energia da Terra sem dar nada em troca. Onde podemos recuperar nossa glória ancestral usando sua insignificante realidade como mero combustível."

"Isso destruiria a Terra!" exclamou Tobal horrorizado.

"Eventualmente, sim," concordou Davirian casualmente. "Mas Eldoria prosperaria por milênios. Um sacrifício necessário."

"Você enlouqueceu," declarou Rafael, retomando seu avanço em direção ao irmão.

Davirian respondeu ativando completamente a Espada do Equilíbrio, cuja lâmina energética expandiu-se em comprimento e intensidade, zumbindo com poder antigo.

"Não, irmãozinho. Finalmente enxergo com clareza perfeita."

A batalha que se seguiu foi feroz e espetacular. Rafael e Davirian moviam-se como reflexos distorcidos um do outro, o bastão de chamas azul colidindo com a espada vermelha em explosões de energia que iluminavam toda a clareira. Anos de treinamento comum eram evidentes na forma como antecipavam os movimentos um do outro, cada ataque encontrando uma defesa perfeita, cada investida sendo habilmente desviada.

Enquanto os irmãos lutavam, Selyna e Tobal batalhavam para proteger Geovana e abrir caminho até a pedra antiga. Mais Caçadores haviam notado a presença do grupo e convergiam de volta da distração norte, cercando-os gradualmente.

"Não temos muito tempo," gritou Tobal entre ataques defensivos. "A Convergência iniciará em minutos!"

Como confirmando suas palavras, o céu acima começou a mudar. A lua, já cheia e brilhante, pareceu intensificar sua luminosidade. Mais impressionante ainda, o próprio tecido do céu parecia ondejar, como se véus finos de realidade estivessem sendo movidos por uma brisa cósmica.

"Está começando," sussurrou Geovana, sentindo o medalhão em seu peito aquecer-se significativamente.

Através do céu ondulante, formas começaram a se materializar — três orbes de tamanhos diferentes, translúcidos a princípio, mas ganhando solidez a cada segundo. As três luas de Eldoria, tornando-se visíveis na Terra conforme os véus entre os mundos afinavam-se.

"AGORA!" gritou Tobal. "Geovana, precisa alcançar a pedra agora!"

Com renovada determinação, Selyna abriu caminho através dos Caçadores restantes, sua espada cristalina deixando rastros de luz branco-azulada no ar. Tobal apoiava-a com impressionantes manifestações de energia mística de seu cajado, criando barreiras temporárias que bloqueavam ataques inimigos.

Aproveitando a abertura, Geovana correu em direção à pedra antiga. Rafael, percebendo seu movimento através do vínculo, intensificou seu ataque contra Davirian, forçando-o a recuar alguns passos cruciais para longe do centro da clareira.

"NÃO!" rugiu Davirian ao ver Geovana se aproximando da pedra. Com um movimento brutal, desferiu um golpe poderoso que Rafael mal conseguiu bloquear, a força do impacto lançando-o ao chão.

Livre momentaneamente, Davirian voltou-se para interceptar Geovana, a Espada do Equilíbrio erguida para um golpe mortal.

Foi quando algo extraordinário aconteceu. O medalhão no peito de Geovana emitiu um pulso de luz tão intenso que ofuscou momentaneamente todos os presentes. Simultaneamente, a pedra antiga começou a brilhar com a mesma luz azul-prateada, respondendo à presença da legítima Guardiã.

Davirian hesitou, momentaneamente cegado. Naquele instante crucial, Geovana alcançou a pedra, colocando ambas as mãos sobre o símbolo entalhado da lua crescente e três estrelas.

O efeito foi imediato e dramático. O chão sob seus pés tremeu violentamente. O ar na clareira densificou-se, carregando-se de eletricidade estática que fazia os cabelos de todos se arrepiarem. O contra-círculo ritual que Davirian havia preparado cintilou brevemente e então apagou-se, superado pelo poder mais antigo e fundamental da conexão entre a Guardiã legítima e a pedra ritual.

"Portalis maximis abritos, mundos conectus eternum!" entoou Geovana em eldoriano antigo, as palavras surgindo naturalmente como se as tivesse conhecido toda vida.

Um pilar de luz azul-prateada explodiu da pedra em direção ao céu, onde as três luas translúcidas de Eldoria agora estavam completamente visíveis ao lado da lua da Terra, formando um quarteto perfeito no céu noturno.

A batalha ao redor pausou momentaneamente, todos os olhos voltados para o espetáculo sobrenatural que se desenrolava. O pilar de luz expandiu-se, formando uma estrutura semelhante a um domo que cobria toda a clareira. Dentro deste domo, a própria realidade parecia dobrar-se e distorcer-se, criando reflexos e ecos de outro mundo — Eldoria começando a manifestar-se parcialmente na Terra.

Rafael, recuperando-se rapidamente, aproveitou a distração para correr até Geovana. Através do vínculo, podia sentir o esforço imenso que ela estava exercendo, a energia fluindo dela em torrentes que logo esgotariam suas reservas vitais.

"Estou aqui," disse ele, posicionando-se atrás dela e colocando suas mãos sobre as dela na pedra ritual. "Somos um neste momento."

O vínculo entre eles abriu-se completamente, permitindo que a energia de Rafael fluísse para Geovana, sustentando-a enquanto ela canalizava o poder necessário para o ritual. A luz ao redor deles intensificou-se, adquirindo nuances douradas que se entrelaçavam com o azul-prateado original.

"NÃO PERMITIREI!" O grito furioso de Davirian cortou através do zumbido crescente de energia. Ele avançou em direção a eles, a Espada do Equilíbrio erguida. "Se não posso controlar a Convergência, então a destruirei!"

Antes que pudesse alcançá-los, Selyna intercedou, sua espada cristalina colidindo com a arma ancestral em uma explosão de luz conflitante.

"Continue o ritual!" gritou ela para Geovana e Rafael. "Não podem parar agora!"

O céu acima atingiu seu estado mais extraordinário. As quatro luas formavam agora um alinhamento perfeito, seus contornos se sobrepondo parcialmente. No centro deste alinhamento, uma abertura começou a se formar — não a pequena fenda que haviam criado antes, mas um portal massivo que revelava um céu violeta-alaranjado do outro lado.

Geovana sentia-se como um condutor de energia pura. O poder fluía através dela em quantidades que deveriam tê-la consumido completamente, mas a presença constante de Rafael através do vínculo sustentava-a, permitindo que suportasse a carga sobrenatural.

"Equilibrium restoratum, mundos conectus sanatum!" continuou ela, a segunda fase do ritual iniciando-se.

A energia agora não apenas fluía para cima, mas também começava a se espalhar horizontalmente, criando uma rede de filamentos luminosos que se estendiam em todas as direções, visíveis apenas para aqueles com sensibilidade mística. Esta era a reconfiguração das frequências dimensionais, o reequilíbrio das energias que haviam sido distorcidas por mil anos de separação forçada.

Davirian, percebendo o que estava acontecendo, redobrou seus esforços para alcançar a pedra ritual. Com um movimento desesperado, conseguiu empurrar Selyna para o lado e avançou em direção aos dois vinculados.

"Parem agora mesmo!" ordenou ele, a Espada do Equilíbrio visando o medalhão que agora flutuava entre Geovana e a pedra antiga. "Não sabem o que estão desencadeando!"

Rafael virou-se parcialmente, ainda mantendo contato com Geovana, mas posicionando-se para protegê-la. "Está acabado, irmão. O equilíbrio será restaurado."

"TOLOS!" rugiu Davirian, seu rosto contorcido em fúria. "Acham que estão salvando os mundos, mas estão condenando-os! Sem total separação ou total dominação, apenas teremos um declínio mais lento!"

Ele investiu, a espada descrevendo um arco mortal em direção ao medalhão. Rafael moveu-se para interceptar o golpe, sabendo que não poderia usar seu bastão sem soltar Geovana e interromper o ritual.

O que aconteceu em seguida ocorreu tão rapidamente que mais tarde ninguém conseguiria descrever a sequência exata dos eventos. A espada de Davirian desceu em direção ao medalhão. Rafael lançou-se na frente do golpe, expondo-se completamente. E no último instante possível, uma figura surgiu entre eles — Tobal, seu corpo idoso movendo-se com velocidade surpreendente, seu cajado erguido horizontalmente para bloquear o ataque.

A Espada do Equilíbrio atingiu o cajado antigo com força devastadora. Por um breve momento, ambos os artefatos brilharam com intensidade cegante — um pulso vermelho-sangue da espada contrastando com o azul sereno do cajado.

Então, uma explosão de energia lançou todos para trás.

Quando a visão de Geovana clareou, viu Tobal caído a alguns metros de distância, uma ferida terrível atravessando seu peito. Davirian também havia sido lançado para longe, a Espada do Equilíbrio ainda em sua mão, mas agora rachada da ponta até o cabo, sua luz vermelha pulsando irregularmente.

"Continue o ritual," sussurrou Rafael, reposicionando suas mãos sobre as de Geovana na pedra. "Quase lá."

Ela obedeceu, embora seu coração doesse ao ver o sacrifício de Tobal. A energia do ritual estava atingindo seu ápice. O portal no céu havia se expandido completamente, agora mostrando não apenas o céu de Eldoria, mas também visões de suas cidades cristalinas e florestas exóticas. A rede de filamentos energéticos que se espalhava a partir da pedra havia alcançado proporções globais, reconectando pontos de poder ao redor de todo o planeta que haviam estado dormentes por milênios.

"Final'is Convergencia, mundos equilibrium perpetuum!" entoou Geovana, iniciando a fase final do ritual.

O medalhão, que até então flutuava entre ela e a pedra, elevou-se mais alto, seu brilho intensificando-se até que parecia um pequeno sol azul. De repente, rachou-se ao meio, liberando a pedra azul central que continha em seu interior.

A pedra liberada expandiu-se, transformando-se em uma esfera de energia pura que orbitava lentamente em torno do pilar de luz, estabilizando o portal e a rede de conexões energéticas.

"Está funcionando!" exclamou Rafael, maravilha em sua voz apesar da exaustão evidente.

De fato, mudanças sutis já podiam ser sentidas no ambiente. O ar parecia mais vivo, mais rico em uma energia que não era exatamente mágica nem física, mas algo entre os dois. Plantas na borda da clareira começavam a brilhar suavemente, crescendo e florescendo em minutos o que normalmente levaria semanas.

"NÃO!" O grito de Davirian era quase inumano em sua intensidade. Ele havia se levantado, a Espada do Equilíbrio rachada ainda em sua mão. "Se não posso governar os mundos, então ninguém governará!"

Com um movimento desesperado e autodestrutivo, ele cravou a espada quebrada no próprio peito. O artefato antigo, já danificado e instável, reagiu com violência ao contato com o sangue de seu portador. Uma onda de energia vermelha caótica explodiu de Davirian, expandindo-se em direção à pedra ritual e ao portal.

"Ele está tentando destabilizar o portal!" gritou Selyna, que havia se arrastado até Tobal e tentava em vão estancar seu ferimento. "Se aquela energia caótica atingir o ápice da Convergência..."

"Os mundos serão despedaçados em vez de reconectados," concluiu Rafael, horror em sua voz.

Geovana sentiu desespero crescer dentro de si. Estavam tão perto de completar o ritual, tão perto de restaurar o equilíbrio natural. Não podia permitir que tudo fosse perdido agora.

Naquele momento crucial, uma voz fraca chamou seu nome. Era Tobal, sua força vital claramente se esvaindo, mas seus olhos ainda alertas.

"O vínculo," sussurrou ele. "Use... o vínculo... em sua... totalidade."

Compreensão súbita iluminou a mente de Geovana. Através do vínculo, podia sentir que Rafael havia entendido também. O que Tobal sugeria era arriscado, potencialmente fatal para ambos, mas era a única chance de conter a energia caótica liberada por Davirian e completar o ritual.

Sem palavras, apenas com comunicação silenciosa através do vínculo que compartilhavam, Geovana e Rafael ajustaram sua posição. Agora frente a frente, ambos com uma mão na pedra ritual e outra tocando o coração um do outro, abriram completamente o vínculo entre eles.

O efeito foi instantâneo e avassalador. Seus corpos físicos começaram a brilhar com a mesma luz azul-dourada do ritual, como se tivessem se tornado condutores puros de energia cósmica. O vínculo entre eles expandiu-se, criando uma esfera protetora que englobava a pedra ritual, o portal acima e começava a conter a onda de energia caótica que se aproximava.

"Chaos contentum, ordinis restauratum!" entoaram juntos, suas vozes misturando-se em perfeita harmonia.

A esfera protetora expandiu-se, encontrando a onda de energia vermelha caótica. Por um momento terrível, parecia que a energia destrutiva seria forte demais, que romperia a barreira e destruiria tudo o que haviam conquistado.

Foi então que Geovana sentiu algo extraordinário — não apenas a força de Rafael fluindo através do vínculo, mas também algo mais. Outras presenças, outras energias, juntando-se à deles. Tobal, usando seus últimos momentos de vida para contribuir com sua força ancestral. Selyna, colocando a mão sobre o ombro de Rafael e canalizando sua energia guerreira. E além deles, centenas, milhares de outros — Viajantes e simples humanos ao redor do globo, respondendo instintivamente ao chamado do equilíbrio sendo restaurado.

A barreira protetora intensificou-se, contendo completamente a energia caótica, que começou a dissipar-se lentamente, neutralizada pelo poder combinado de tantos seres conectados em propósito comum.

Com a ameaça contida, Geovana e Rafael puderam retornar sua atenção ao ritual propriamente dito. A Convergência havia atingido seu ápice perfeito — as quatro luas completamente alinhadas, o portal totalmente aberto, a rede de conexões energéticas estabilizada.

"Convergencia completus, mundos unitus in diversitas!" declararam em uníssono, concluindo o ritual ancestral.

Uma onda final de luz azul-dourada expandiu-se a partir da pedra ritual, viajando através do portal e espalhando-se pelos dois mundos simultaneamente. Onde quer que tocasse, restaurava o equilíbrio natural das energias, reparava danos dimensionais e reestabelecia conexões há muito perdidas.

Gradualmente, a luz começou a diminuir. O portal permaneceu aberto, mas estabilizado, não mais uma ruptura forçada na realidade, mas uma passagem natural entre mundos complementares. As três luas de Eldoria lentamente desvaneceram da visão terrestre, retornando à sua própria realidade, embora agora permanecessem conectadas em um nível fundamental.

Exaustos além de qualquer medida, Geovana e Rafael caíram de joelhos, ainda unidos pelo vínculo que havia sido a chave para o sucesso do ritual. Ao redor deles, a batalha havia cessado completamente. Caçadores e Viajantes igualmente observavam em silêncio reverente o que haviam testemunhado — a restauração do equilíbrio primordial entre mundos.

Do outro lado da clareira, o corpo de Davirian jazia imóvel, a Espada do Equilíbrio agora completamente desintegrada. Seu rosto, no entanto, exibia uma expressão de paz surpreendente, como se no final, talvez, tivesse compreendido o erro de seus caminhos.

"Conseguimos?" perguntou Geovana em um sussurro exausto.

Rafael assentiu, igualmente esgotado. "Sim. O equilíbrio foi restaurado. Os mundos estão reconectados da forma que deveriam estar."

"E Tobal?"

Ambos olharam para onde Selyna estava ajoelhada ao lado do idoso. Ela ergueu o olhar e balançou a cabeça lentamente, confirmando o que já sentiam através do vínculo — o Mestre havia partido, usando sua última força para ajudá-los a completar o ritual.

"Seu sacrifício não será esquecido," prometeu Rafael solenemente.

O Arquimago aproximou-se, apoiando-se pesadamente em seu cajado. Havia claramente participado da batalha, seu manto rasgado e manchas de sangue visíveis em seu braço, mas seus olhos brilhavam com satisfação e reconhecimento.

"Está feito," declarou ele. "Após mil anos, o equilíbrio foi restaurado. Eldoria e Terra são novamente mundos-irmãos, beneficiando-se mutuamente de suas energias complementares."

"O que acontece agora?" perguntou Geovana, permitindo que Rafael a ajudasse a levantar-se.

"Agora," sorriu o Arquimago, "começa o verdadeiro trabalho. Reconstrução. Cura. Aprendizado mútuo. Uma nova era de cooperação entre mundos que foram separados por tempo demais."

Ele olhou para o portal estabilizado, que agora havia diminuído para um tamanho mais modesto, mas permanecia claramente aberto, uma janela permanente entre realidades.

"Os nexos ao redor do mundo estarão ativos novamente. Viajantes de ambos os lados poderão atravessar, sob regras e proteções, claro. Conhecimentos perdidos serão redescobertos. Feridas antigas, curadas." Seus olhos voltaram-se para Rafael e Geovana. "E novos vínculos serão formados."

Rafael entrelaçou seus dedos com os de Geovana, o gesto simples carregando um mundo de promessas.

"E quanto a nós?" perguntou ela baixinho, apenas para ele ouvir. "O que fazemos agora?"

Rafael sorriu, aquele sorriso raro que transformava completamente seu rosto austero. "Qualquer coisa que quisermos. Ambos os mundos estão abertos para nós agora." Ele hesitou, insegurança momentânea atravessando o vínculo. "Se ainda me quiser ao seu lado, é claro."

Em resposta, Geovana ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o, não se importando com a audiência de Viajantes, guerreiros eldorianos e até mesmo Caçadores rendidos que observavam.

"Sempre," prometeu ela contra seus lábios. "Em qualquer mundo."

Enquanto a noite avançava e os primeiros raios do amanhecer começavam a tocar a clareira, Geovana olhou ao redor, maravilhada com a transformação. A vegetação ao redor da pedra antiga brilhava suavemente com energia renovada. O céu acima exibia ocasionais reflexos do céu violeta de Eldoria, como ondulações em um lago calmo. E mais importante, o peso opressivo que nem sabia que carregava — o desequilíbrio fundamental que havia afetado todos sem que percebessem — havia se dissipado.

O mundo parecia mais vivo, mais vibrante, mais conectado. E através do vínculo, podia sentir que Rafael experimentava a mesma sensação de maravilhamento e completude.

Juntos, observaram o sol nascer sobre um mundo transformado, sobre o início de uma nova era para Terra e Eldoria — mundos separados mas eternamente conectados, assim como os dois Guardiões que haviam ajudado a restaurar o equilíbrio entre eles.

**Epílogo: Entre Dois Mundos**

Seis meses haviam se passado desde a Convergência.

A pequena casa de pedra situada precisamente na fronteira entre os dois mundos era uma raridade arquitetônica — metade dela existia na Terra, com vistas para as montanhas ondulantes do cerrado brasileiro, enquanto a outra metade abria-se para os campos cristalinos de Eldoria, sob seu céu violeta-alaranjado característico. Construída exatamente sobre um dos nexos mais estáveis, a estrutura representava fisicamente a ponte entre realidades que seus habitantes ajudaram a restaurar.

Geovana estava na varanda do lado eldoriano, admirando o pôr-do-sol triplo enquanto as três luas começavam sua ascensão no horizonte cristalino. Usava um vestido simples de tecido azul-prateado que fluía como água ao redor de seu corpo, adaptando-se perfeitamente à temperatura ambiente — uma das muitas maravilhas eldorianas que agora fazia parte de sua vida cotidiana.

"Ainda me pego surpresa com isso," comentou, sentindo mais do que vendo Rafael se aproximar por trás dela. O vínculo entre eles havia amadurecido e aprofundado nos meses desde o ritual, permitindo-lhes sentir a presença um do outro com precisão quase absoluta, mesmo a distâncias consideráveis.

"Com o quê?" perguntou ele, envolvendo-a gentilmente em seus braços, seu queixo repousando sobre o topo da cabeça dela enquanto ambos contemplavam o espetáculo celeste.

"Com tudo isso," respondeu ela, gesticulando para a paisagem à frente. "As três luas, o céu violeta, árvores que parecem feitas de cristal... e o fato de que posso simplesmente caminhar até a cozinha e estar de volta na Terra."

Rafael riu suavemente, o som vibrando através do vínculo com ondas de genuína felicidade — uma emoção que se tornara muito mais frequente nele nos últimos meses.

"A novidade diminui eventualmente," assegurou, virando-a gentilmente para encará-lo. "Ou pelo menos foi o que me disseram. Para mim, mesmo após décadas transitando entre os mundos, ainda há momentos de maravilhamento."

O rosto de Rafael havia mudado sutilmente nos meses após a Convergência. A cicatriz em forma de chama permanecia, é claro, mas as linhas de tensão constante ao redor de seus olhos haviam suavizado. Sorria mais facilmente agora, seus olhos âmbar frequentemente brilhando com uma leveza que antes raramente exibia.

"Como foi a reunião do Conselho?" perguntou Geovana, notando que ele ainda usava as vestes formais azul-escuras reservadas para ocasiões oficiais.

"Produtiva, embora exaustiva," respondeu ele, conduzindo-a para os confortáveis sofás da varanda. "O Arquimago está insistindo em reformas completas nas leis de trânsito interdimensional. Quer garantir que não haja abusos de poder de nenhum dos lados."

"Ele está certo," observou Geovana, acomodando-se ao lado dele. "A história tende a se repetir se não aprendermos com ela."

Rafael assentiu pensativamente. "É por isso que sua perspectiva tem sido tão valiosa nas reuniões. Você traz um olhar fresco, não contaminado por milênios de preconceitos e políticas."

"Fala como se eu fosse uma espécie de mediadora imparcial," riu ela. "Quando na verdade sou apenas uma ex-fotógrafa freelancer tentando entender política interdimensional."

"Você é muito mais que isso," disse ele seriamente, tomando sua mão. "É a Guardiã que restaurou o equilíbrio. Sua palavra carrega peso em ambos os mundos agora."

Geovana ainda se sentia desconfortável com a reverência com que muitos a tratavam, tanto na Terra quanto em Eldoria. Nos meses seguintes à Convergência, havia se tornado uma figura quase mítica para muitos — a mulher que salvou dois mundos, a última da linhagem ancestral, a parceira vinculada do Guardião das Chamas.

"Falando em ambos os mundos," disse ela, mudando de assunto, "recebi uma mensagem de Mariana hoje. A primeira turma de estudantes terrestres chegou à Academia de Artes Místicas em Crystalis."

"Isto é uma grande conquista," sorriu Rafael. "Quanto tempo levou para convencer o Conselho Eldoriano a permitir isso? Quatro meses?"

"Três meses e dezessete dias de argumentação incessante," corrigiu Geovana com um sorriso. "Mas valeu a pena. Vinte jovens terrestres com potencial místico latente receberão treinamento formal em Eldoria. É um primeiro passo importante."

"E o intercâmbio tecnológico?" perguntou Rafael, referindo-se ao programa paralelo que levava cientistas eldorianos para aprender sobre tecnologia terrestre.

"Começou semana passada. Lyra está liderando o grupo. Aparentemente, ficou fascinada com smartphones e está determinada a criar uma versão eldoriana que funcione em ambos os mundos."

Ambos riram, imaginando a curadora eldoriana tentando explicar conceitos místicos ancestrais a engenheiros de computação terrestres.

Um brilho suave chamou a atenção de Geovana. No centro da mesa da varanda, um pequeno cristal de comunicação pulsava com luz azul-esverdeada.

"Selyna," identificou Rafael, reconhecendo a assinatura energética específica da guerreira eldoriana.

Geovana tocou o cristal, que imediatamente projetou uma imagem tridimensional de Selyna. A guerreira estava vestida com armadura completa, seu cabelo prateado trançado elaboradamente para combate.

"Perdoem a intrusão," começou ela formalmente, embora seus olhos traíssem um calor que reservava apenas para seus amigos mais próximos. "Mas achei que gostariam de saber que a expedição às Ruínas de Xantharis retornou. Encontramos os manuscritos mencionados nos registros de Tobal."

Rafael inclinou-se para frente, imediatamente interessado. "Os que supostamente contêm informações sobre outras convergências dimensionais?"

"Exatamente," confirmou Selyna. "O Arquimago já começou a traduzi-los. Acredita que possam conter conhecimentos sobre outros mundos além de Eldoria e Terra."

"Outros mundos?" repetiu Geovana, surpresa. "Achei que nossos dois mundos fossem... bem, únicos em sua conexão."

"Parece que a teia da realidade é mais complexa do que qualquer um de nós imaginou," respondeu Selyna. "O Arquimago convocou uma reunião especial para amanhã ao meio-dia. Sua presença é solicitada... embora eu deva mencionar que ele especificamente disse que não é uma emergência que deva interromper seu 'merecido descanso'."

Os olhos de Selyna brilharam com divertimento mal contido ao entregar esta última mensagem. Desde a Convergência, o Arquimago havia insistido repetidamente que Geovana e Rafael precisavam de tempo para recuperação e adaptação ao vínculo, frequentemente ordenando-lhes períodos de descanso que ambos relutantemente aceitavam.

"Estaremos lá," assegurou Rafael. "Obrigado pela informação, Selyna."

A guerreira inclinou a cabeça em reconhecimento e sua imagem desvaneceu-se, deixando o cristal novamente inerte.

"Outros mundos," murmurou Geovana, incapaz de esconder o tom de excitação em sua voz. "Quando penso que finalmente estou me acostumando com a ideia de dois mundos conectados..."

Rafael sorriu, acariciando seu rosto gentilmente. "Este é apenas o começo, minha luz. O universo é infinitamente mais vasto e interconectado do que qualquer um de nós jamais suspeitou."

O termo carinhoso em eldoriano antigo ainda fazia o coração de Geovana acelerar. Através do vínculo, ela sabia que Rafael podia sentir o efeito que suas palavras tinham sobre ela, assim como ela podia sentir o profundo amor e admiração que emanavam dele.

"Acha que estamos prontos para mais aventuras?" perguntou ela, meio brincando, meio séria. "Mal nos estabelecemos aqui."

Em resposta, Rafael levantou-se e estendeu a mão para ela. "Venha, quero lhe mostrar algo."

Intrigada, Geovana seguiu-o através da casa até o lado terrestre, onde a noite brasileira havia caído por completo, preenchendo o céu com milhares de estrelas. Rafael conduziu-a até um pequeno jardim que haviam começado a cultivar — uma mistura fascinante de plantas terrestres e eldorianas que, surpreendentemente, prosperavam juntas.

No centro do jardim, uma pequena árvore cristalina havia sido plantada recentemente. Ainda jovem, não mais alta que Geovana, suas folhas translúcidas captavam a luz da lua terrestre e a refratavam em padrões hipnotizantes de azul e prata.

"Uma Árvore do Equilíbrio," reconheceu Geovana, maravilhada. Estas raras plantas eldorianas eram consideradas semi-sencientes e extremamente difíceis de cultivar, requerendo condições muito específicas. "Quando você...?"

"Plantei-a na semana passada, durante a fase de alinhamento lunar," explicou Rafael. "É um símbolo do que construímos juntos — raízes em ambos os mundos, crescendo em direção a possibilidades infinitas."

Ele ajoelhou-se junto à pequena árvore e afastou gentilmente o solo ao redor de sua base, revelando algo enterrado parcialmente. Com cuidado, desenterrou o objeto e o limpou antes de se levantar novamente.

Geovana ofegou ao reconhecer o que ele segurava — a estrutura metálica vazia do medalhão, reconstruída e polida, mas sem a pedra azul central que havia se transformado em energia pura durante a Convergência.

"Achei que tinha sido completamente destruído," sussurrou ela, tocando reverentemente o metal antigo.

"A estrutura permaneceu," explicou Rafael. "Trabalhei com o Arquimago para restaurá-la. Não possui mais os poderes originais, é claro, mas serviu ao seu propósito por gerações. Merecia ser honrada."

Com delicadeza surpreendente para suas mãos fortes, Rafael removeu algo do bolso interno de suas vestes — uma pequena pedra azul-esverdeada que brilhava sutilmente à luz da lua.

"Este é um cristal de vínculo," explicou ele, sua voz subitamente mais suave. "Formado naturalmente quando dois mundos entram em perfeito equilíbrio. Extremamente raro. Este foi encontrado exatamente onde estávamos durante o ritual, no centro da pedra antiga."

Com movimentos precisos, ele encaixou o cristal no centro do medalhão vazio. Encaixou-se perfeitamente, como se tivesse sido feito especificamente para aquele espaço. No momento em que se completou, o cristal pulsou com luz suave, respondendo à proximidade de ambos.

"Geovana," disse Rafael, sua voz agora carregada de emoção enquanto segurava o medalhão reconstruído entre eles, "em Eldoria, quando dois seres formam um vínculo como o nosso, é costume criar um símbolo físico de sua união. Algo que represente tanto sua individualidade quanto sua conexão."

Ela percebeu então o que estava acontecendo, e seu coração acelerou. Através do vínculo, sentiu a mistura de amor, esperança e nervosismo emanando de Rafael.

"Nas últimas décadas, vivi entre dois mundos sem pertencer verdadeiramente a nenhum deles," continuou ele. "Até encontrar você. Você se tornou meu lar, meu equilíbrio, minha ponte entre mundos."

Ele respirou profundamente, seus olhos âmbar nunca deixando os dela.

"Estou pedindo, formalmente, de acordo com as tradições de ambos os mundos que agora compartilhamos, se você aceitaria unir sua vida à minha não apenas através do vínculo energético que já compartilhamos, mas em todos os sentidos que importam em ambas as culturas."

Geovana sentiu lágrimas de felicidade formando-se em seus olhos. "Está me pedindo em casamento?"

Um sorriso iluminou o rosto de Rafael, a cicatriz em forma de chama parecendo mais suave sob a luz da lua.

"Nos costumes terrestres, sim," confirmou ele. "Nos costumes eldorianos, estou pedindo algo ainda mais profundo — kelari'nar'suth, uma união de almas reconhecida pelos anciãos de ambos os mundos."

Através do vínculo, Geovana enviou sua resposta antes mesmo que as palavras deixassem seus lábios — uma onda pura de amor, aceitação e alegria que fez Rafael ofegar com sua intensidade.

"Sim," disse ela finalmente, sua voz embargada pela emoção. "Em qualquer mundo, em qualquer realidade, minha resposta sempre será sim."

Rafael deslizou o medalhão reconstruído ao redor do pescoço dela, onde se acomodou como se nunca tivesse saído dali. O cristal de vínculo pulsou mais intensamente, sincronizando-se com os batimentos cardíacos de ambos.

Quando seus lábios se encontraram, o jardim ao redor deles pareceu responder — plantas terrestres e eldorianas brilhando suavemente, a pequena Árvore do Equilíbrio emitindo um suave tom musical que era tanto som quanto sensação.

Mais tarde, enquanto repousavam na varanda entre mundos, observando simultaneamente o céu estrelado da Terra e o horizonte violeta de Eldoria, Geovana refletiu sobre a jornada extraordinária que a trouxera até ali. De uma fotógrafa em Luziânia lidando com relacionamentos fracassados a uma Guardiã dos portais entre mundos, vinculada ao homem que agora dormia pacificamente ao seu lado.

O futuro estava repleto de possibilidades — outros mundos para explorar, conhecimentos antigos para redescobrir, pontes a construir entre realidades há muito separadas. Haveria desafios, é claro. A integração entre culturas tão diferentes seria um caminho longo e, por vezes, difícil. Resistência surgiria de ambos os lados. Preconceitos milenares não desapareceriam da noite para o dia.

Mas enquanto olhava para as estrelas que brilhavam identicamente sobre ambos os mundos, Geovana sentiu uma certeza profunda de que estavam no caminho certo. O equilíbrio havia sido restaurado. As feridas antigas começavam a cicatrizar. E no centro de tudo, havia o vínculo que compartilhavam — uma ponte entre almas que, como a pequena casa construída sobre o nexo, existia perfeitamente entre dois mundos.

Sorrindo, ela fechou os olhos, permitindo-se ser embalada pelo som suave da respiração de Rafael e pelo canto distante das criaturas cristalinas de Eldoria. Amanhã traria novas aventuras, novos desafios, talvez até notícias de outros mundos além dos que já conheciam.

Mas por esta noite, neste momento perfeito de equilíbrio entre realidades, era suficiente simplesmente existir, unida ao homem que amava, em sua casa entre dois mundos.

**FIM**